

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ECONOMIA**

RÓBER ITURRIET AVILA

**AS RELAÇÕES DE CAUSALIDADE ESTRUTURA-SUJEITO EM VEBLEN E EM MARX:
PERSPECTIVAS INCONCILIÁVEIS?**

PORTO ALEGRE

2013

RÓBER ITURRIET AVILA

**AS RELAÇÕES DE CAUSALIDADE ESTRUTURA-SUJEITO EM VEBLEN E EM MARX:
PERSPECTIVAS INCONCILIÁVEIS?**

Tese submetida ao Programa de Pós-Graduação em Economia da Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor em Economia, com ênfase em Economia do Desenvolvimento.

Orientador: Prof. Dr. Ronaldo Herrlein Júnior

PORTO ALEGRE

2013

CIP - Catalogação na Publicação

Avila, Róber Iturriet

As relações de causalidade estrutura-sujeito em
Veblen e em Marx: perspectivas inconciliáveis? /
Róber Iturriet Avila. -- 2013.
131 f.

Orientador: Ronaldo Herrlein Júnior.

Tese (Doutorado) -- Universidade Federal do Rio
Grande do Sul, Faculdade de Ciências Econômicas,
Programa de Pós-Graduação em Economia, Porto Alegre,
BR-RS, 2013.

1. Karl Marx. 2. Thorstein Veblen. 3. História do
pensamento econômico. I. Herrlein Júnior, Ronaldo,
orient. II. Título.

RÓBER ITURRIET AVILA

**AS RELAÇÕES DE CAUSALIDADE ESTRUTURA-SUJEITO EM VEBLEN E EM MARX:
PERSPECTIVAS INCONCILIÁVEIS?**

Tese submetida ao Programa de Pós-Graduação em Economia da Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor em Economia, com ênfase em Economia do Desenvolvimento.

Aprovada em Porto Alegre, 27 de junho de 2013.

MEMBROS DA BANCA

Prof. Dr. Ronaldo Herrlein Júnior
Orientador

Prof. Dr. Eleutério Fernando da Silva Prado (USP)

Prof. Dr. Gentil Corazza (UFSS)

Prof. Dr. Octávio Augusto Camargo Conceição (PPGE/UFRGS)

À evolução.

AGRADECIMENTOS

Friso dois agradecimentos imensamente justos. O primeiro deles é para o Estado brasileiro que me trouxe até aqui. Financiou meus estudos através do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq – e da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES. O Estado me oportunizou cursar uma universidade com o qualificado corpo de docentes da Faculdade de Ciências Econômicas da UFRGS, que muito me acrescentou e diante do qual presto reverência. Estendo ao estado do Rio Grande do Sul minha gratidão, por proporcionar o ensino básico sem nenhum custo. Com justiça devolverei aos cofres públicos parte de meus proventos.

De suma distinção, meu profundo agradecimento ao meu orientador, professor Dr. Ronaldo Herrlein Júnior. Suas inúmeras contribuições foram absolutamente indispensáveis. Um grande conforto eu sentia por ter um orientador deste nível ao meu lado. Não sinto que este trabalho seja meu, mas verdadeiramente “nosso”. Embora eu exima o professor de minhas falhas, seu olhar de águia sobre o texto sempre me impressionou. Seus apontamentos e sugestões foram além do requerido à figura do orientador. Sou extremamente grato a tantas horas de dedicação, às precisas leituras recomendadas, ao amadurecimento de minhas próprias ideias, ao apoio e ao entusiasmo com esse trabalho.

Agradeço ao professor Dr. Octávio Augusto Camargo Conceição pelo levantamento de pontos, por instigar questões, mostrando caminhos vazios na edificação do conhecimento e dialogando sobre meu tema nos corredores da universidade, em congressos e em aeroportos. Reconheço a professora Dra. Gláucia Angélica Campregher pelas sugestões, pelo entusiasmo, pelos e-mails trocados e pelo tempo despendido em meu tema. Sou grato ao professor Dr. João Ignácio Pires Lucas pela tarde dedicada ao meu trabalho e pelas sugestões de leitura.

Enalteço o apoio constante do amigo Thiago Henrique Carneiro Rios Lopes. Tendo ele recomendado leituras cruciais e me motivado na escolha do tema. Estendo ao amigo Giliad de Souza Silva minha gratidão, pelas discussões de minha tese nas ruas de Porto Alegre, por me incentivar na pesquisa e pelo apoio em todas as horas. Agradeço a Leonardo Segura Moraes pelas recomendações de leitura e a Liana Herdina pelos ajustes técnicos.

Sou grato a Fundação de Economia e Estatística Siegfried Emanuel Heuser pela reserva de espaço ao desenvolvimento da tese. Especial foi o apoio de meus colegas do Núcleo de Pesquisa em Política Econômica para a sequência do trabalho. A força dada por Clarissa

Black, os elogios de Augusto Pinho de Bem e à compreensão de Fernando Maccari Lara. Destaco o Bruno Paim, meu instigante interlocutor na FEE e valioso contribuinte ao trabalho. Lembro de suas palavras: “você coloca muitos bons ingredientes na sua tese, não tem como não ficar boa”. Sou grato às recomendações de leitura de César Stallbaum Conceição e de Carlos Roberto Winckler. Grato ao apoio de Glaison Augusto Guerrero, de André Luís Contri, de Renato Antônio Dal Maso e de Walter Arno Pichler.

Agradeço o apoio emocional de meus familiares (Nirlete Nobre Iturriet, Liziani Iturriet Avila, Daiani Iturriet Avila da Luz, Fábio Iturriet Avila, Elda Nunes Rodrigues, Vladimir Simões da Luz, Vladimir Simões da Luz Júnior, Márcio Heitor Pedrotti e Bárbara Vianna). Mitcheia Guma Pinto, se você não existisse, eu não chegaria aqui! Agradeço ao apoio de minha namorada, Aline Avila de Oliveira, de todos meus amigos em especial Carolina Lopez Israel, Gabriela Garcia Sevilla, Daniele Vargas Oliveira, Rosa Paula Pires, Viviane Freitas Santos, Taís Karen Fava da Silva, Aziz Calzolaio, Gabriela Ferrari, Rosa Adriana Castaman, Gabriel Silva Syrio Vital, Silas Thomaz da Silva, Alexandre Homero Ferreira Antunes, Alessandro Güntzel, Samira Schatzmann, Maurício Andrade Weiss, Rafael Moraes, Fabio Henrique Bittes Terra, Stefano José Caetano da Silveira, Christian Velloso Kuhn, Gustavo Ferreira Teixeira, Felipe Santos Tostes, Cláudia Ramos Fortuna, Edílson Ávila da Silva, Rodrigo Lima Machado e Leonardo Fonseca Soares.

Não poderia deixar de destacar o carinho e atenção constante das meninas da secretaria do PPGE, que sempre estavam prontas para auxiliar em minhas questões. Sobretudo a Iara, a Raquel, a Cláudia e a Maria Delourdes.

Sendo nós constituídos de um processo sócio-histórico, amplio minha gratidão a todos que tiveram contato comigo na minha vida.

Muito grato!

A evolução da sociedade é substancialmente um processo de adaptação mental de parte do indivíduo, sob a pressão de circunstâncias que já não toleram hábitos mentais formados [...] no passado (VEBLEN, 1983, p. 88-89).

Os filósofos apenas interpretam o mundo diferentemente, importa é *transformá-lo*.

(MARX; ENGELS, 2007, p. 613, grifo no original).

RESUMO

O presente trabalho objetiva investigar as proximidades e afastamentos nas análises de Thorstein Bunde Veblen e de Karl Heinrich Marx acerca das relações de causalidade entre a estrutura e o sujeito. Para desenvolver essa questão, é abordada a concepção de indivíduo, de instituições e suas relações de causalidade na ótica de Veblen, as quais partem da crítica aos autores clássicos e neoclássicos. É exposta, ainda, a crítica que Veblen efetua a Marx por entendê-lo como determinista. Abordam-se, também, as origens da caricatura de Marx determinista em sua própria obra, a partir de seu arcabouço teórico, o materialismo histórico dialético. Nele o sujeito é condicionado pelas relações produtivas, em uma conjunção de propriedade privada e alienação. O rótulo de Marx tem também origem por seu intento de contradizer o idealismo e demonstrar a importância da história para se entender a realidade. A referida visão é desconstruída a partir das dispersas passagens em que Marx reconhece o indivíduo e sua influência sobre a estrutura. Por fim, são frisadas as zonas de aproximação e distanciamento entre as duas abordagens, assim como críticas a ambos.

Palavras-chave: Karl Marx. Thorstein Veblen. História do pensamento econômico.

ABSTRACT

This research aims at investigating the approximation and distances in the analysis of Thorstein Bunde Veblen and Karl Heinrich Marx about the causal relationships between structure and individual. To develop this issue, it is discussed the conception of individual, of institutions and their causal relationships from Veblen's perspective, which starts out from a critic to classical and neoclassical authors. It is also exposed the criticism that Veblen does to Marx by understanding that the last is deterministic. It is discoursed the sources of Marx's deterministic caricature in his own work, from its theoretical, the historical dialectical materialism. At this approach, the individual is conditioned by the productive relations, in a combination of private ownership and alienation. This label has also origin from Marx's attempts of contradicting the idealism and demonstrates the importance of history for understanding reality. That vision is deconstructed from scattered passages in which Marx recognizes the individual and their influence on the structure. Finally, the distance between the two approaches are beaded, as well as critical to both.

Keywords: Karl Marx. Thorstein Veblen. History of economic thought.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1 - <i>Downward causation</i>	46
FIGURA 2 - <i>Upward causation</i>	47
FIGURA 3 - <i>Reconstitutive downward effects</i>	49

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	11
2 AS RELAÇÕES DE CAUSALIDADE INDIVÍDUO-SOCIEDADE NA VISÃO DE THORSTEIN VEBLÉN.....	17
2.1 A perspectiva utilitarista convencional do homem e a crítica vebleniana	17
2.2 O indivíduo vebleniano, instituições e suas relações de causalidade.....	30
2.2.1 <i>Approach</i> evolucionista de Veblen.....	31
2.2.2 O indivíduo em Veblen.....	33
2.2.3 Instituições.....	39
2.2.4 As relações de causalidade instituições-indivíduo	44
2.3 O “determinismo social” de Marx à luz de Veblen.....	52
3 AS RELAÇÕES DE CAUSALIDADE ESTRUTURA-SUJEITO NA VISÃO DE KARL MARX	64
3.1 Origens do “determinismo” sócio-econômico: materialismo histórico e alienação em Marx.....	65
3.1.1 Materialismo histórico	65
3.1.2 O processo dialético.....	67
3.1.2 A alienação e propriedade privada.....	71
3.2 O indivíduo em Marx	77
3.3 O “fim” da alienação em Marx.....	84
3.4 O não determinismo de Marx.....	91
4 MARX E VEBLÉN: CONFLUÊNCIAS E DIVERGÊNCIAS.....	99
4.1 A confluência de perspectivas entre Veblen e Marx.....	99
4.1.1 Indivíduo	99
4.1.2 Participação do indivíduo na mudança estrutural.....	101
4.1.3 Múltiplas causalidades.....	105
4.1.4 Evolucionismo e dialética.....	111
4.2 Pontos de afastamento entre os autores e críticas remanescentes.....	114
4.2.1 Divergências entre os autores.....	114
4.2.2 Observações críticas aos autores.....	116
5 CONCLUSÃO.....	120
REFERÊNCIAS	124

1 INTRODUÇÃO

A ciência econômica, assim como as demais ciências sociais, tem seu caráter eminentemente vinculado a aspectos da sociedade. Em sua edificação metodológica foram constituídas abstrações e teorizações sobre como é a ação individual. Em sentido semelhante, hipóteses e conjecturas foram efetuadas para entender como a união de sujeitos forma coletividades e como essa organização influencia o indivíduo.

A despeito de não haver uma perspectiva única sobre estas relações de causalidade¹, na necessidade de investigação dos efeitos da ação humana na economia, uma visão tornou-se majoritariamente aceita. Nessa concepção específica, o homem foi concebido como sendo movido pelos seus interesses, isolado de relações sociais, sem preocupar-se com os efeitos de seu comportamento sobre a coletividade e sobre a sua imagem perante os demais.

Ainda que as motivações individualistas sejam respaldadas pela divisão do trabalho e pela produção social, tidas como benefícios públicos pelo resultado não intencional, nos cânones da ciência econômica assentou-se a concepção de que o agente econômico produz bens pensando em seu benefício. Nas relações econômicas, os homens são egoístas e produzem objetivando o seu ganho. Não produzem por benevolência, nem para congregar ou auxiliar aos demais integrantes da sociedade. E, de forma global, na soma desses comportamentos, cada um pensando em seu benefício, constituem-se as bases das relações materiais e a economia como um todo é orquestrada.

Por influências teóricas e filosóficas, a conduta humana passou a ser considerada uniforme e determinística, mesmo que o homem esteja ligado a questões políticas, ideológicas, psicológicas, antropológicas e afetivas; na ciência econômica, em termos metodológicos, o homem passou a ser cada vez mais autointeressado. Coerente a esse entendimento, na formação dos economistas, é transmitido o que foi solidificado a partir da contribuição dos autores clássicos e modificado com os marginalistas, situados no programa de pesquisa neoclássico, designada também como saber econômico convencional. Nessa concepção, o agente representativo explica o todo, sendo que, para se obter o resultado desse comportamento no agregado, basta somar as partes individuais.

¹ A aceção do termo “causalidade” é entendida em todo o trabalho como a ação que produz mudança e/ou influência sobre outra coisa e não no sentido de David Hume de conjunção de circunstâncias.

Embora esse prisma analítico seja majoritário, não se trata da única interpretação. Ao contrário, outras percepções existem e estão em crescente foco de pesquisa. Thorstein Bunde Veblen entende de maneira distinta a relação todo-indivíduo. Já no nascimento do chamado velho institucionalismo², as críticas ao método da teoria convencional são explícitas. Particularmente ao individualismo metodológico que homogeneiza o comportamento humano e o tem como perene, deslocado de sua realidade cultural e desligado de relações sociais. Dando seguimento a essa visão, os chamados “neo-institucionalistas”³ discordam das hipóteses assumidas como inerentes ao *homo economicus* de maximização de utilidade e a assunção de que o comportamento é estável em qualquer tempo e espaço.

Na concepção vebleniana, a conduta individual auxilia a explicar a sociedade e a sociedade também explica o comportamento individual. Embora haja discordância em determinados aspectos entre os autores vinculados ao pensamento “institucionalista”, há concordância de que os “instintos”, regras, a história e a experiência passada importam na formação do indivíduo e da sociedade. Confluência presente também quanto à noção de que o comportamento humano é dinâmico e não estático.

Os hábitos mentais comuns a um grupo social estão imersos em uma cultura e influenciam a conduta individual. Na mesma medida, mas em uma relação inversa, os costumes de um grupo de pessoas podem refletir na ação coletiva e em suas convenções sociais, impondo restrições à atividade humana. Esse processo proporciona a mutação em simbiose entre os indivíduos e a sociedade, em um duplo processo de causalidade. Os autores da escola neo-institucionalista tecem críticas aos autores convencionais por não considerarem a influência que os padrões sociais exercem sobre o indivíduo.

Adicionalmente, conforme advoga a perspectiva institucionalista, Karl Marx e os autores marxistas cometem o erro inverso. Ao considerarem apenas a perspectiva do papel da história na configuração da sociedade, estariam anulando o indivíduo, sendo esse, em última instância, determinado apenas pela sociedade. Tal ângulo de teorização não deixa de ser reducionista⁴, tendo em vista que encontra a explicação causal em todo o tecido da sociedade,

² É efetuada referência aqui ao institucionalismo americano do início do século XX, o qual encontra seus expoentes em Thorstein Veblen, John Commons, Wesley Mitchell. Eles também são designados “institucionalistas originais” e “institucionalistas evolucionários”.

³ Esses autores são aqueles que retomam o pensamento da antiga escola norte-americana, dentre eles John Kenneth Galbraith, Allan Garfield Gruchy, Geoffrey Hodgson, Yngve Ramstad, Malcolm Rutherford, Warren Samuels, Mark Tools, James Stanfield entre outros. Eles são também chamados de “institucionalistas originais”, neste trabalho será feita referência a eles como “neo-institucionalistas” (CONCEIÇÃO, 2002a).

⁴ Reduccionismo é explicar uma variável a partir de um único fenômeno; não considerar a multiplicidade de fatores distintos, ou seja, considerar o todo a partir de uma única parte, ou reduzir a parte ao todo.

ainda que seja submerso em uma realidade específica. A *ontologia organicista*⁵ rejeita o indivíduo imutável e também rejeita o indivíduo determinado apenas por leis e mudanças sociais. O homem como resultado de circunstâncias sócio-econômicas históricas não seria suficiente para explicar o comportamento individual.

Em que pese o progressivo estudo na fronteira do conhecimento econômico de questões filosóficas, políticas, morais e éticas, particularmente pelos neo-institucionalistas, há nesses uma ótica metodológica, epistemológica e teórica parcial da obra de Karl Marx. São eles críticos ao autor por entenderem que nesse o indivíduo é subordinado à estrutura⁶ social. Adentrando-se no pensamento de Marx⁷, particularmente no jovem Marx, encontra-se o desenho teórico do indivíduo e as consequentes referências a esse. Nesse substrato, mesmo em Marx, o sujeito não seria tão-somente determinado pela sociedade, mas possuiria também capacidade de desenvolver sua personalidade. Cabe aos sujeitos um papel na mudança dos rumos históricos, não sendo, portanto, totalmente passivos aos caminhos coletivos. Análise essa, em certa medida, confluenta à visão neo-institucionalista.

Sob esse pano de fundo teórico, observa-se a realidade concreta das relações materiais desde o florescimento do capitalismo, fruto dos interesses individuais para a teoria convencional. Nesse sentido, o indivíduo que pensa em si e quer obter o maior ganho possível para si, contribui a todos, em face da inter-dependência de uns para com os outros.

Em assim sendo, parece relevante averiguar como se deu o processo de solidificação metodológica de Marx no que tange à concepção do indivíduo, assim como à maneira como o sujeito abstrato é influenciado pela sociedade. Mais do que isso, importa comparar essa análise com aquela realizada por Veblen e pela escola neo-institucionalista, a qual critica a abordagem de Marx.

Para além da questão metodológica e das distintas visões de mundo dos corpos teóricos, como sub-produto, identificam-se embates filosóficos, particularmente no que se refere ao papel do indivíduo e da sociedade nas mudanças econômico-sociais. Sob um ângulo, o

⁵ Pela ontologia organicista a sociedade é um todo acima das partes, considerando a interação entre as partes e o todo, de maneira antagônica à atomística.

⁶ O termo “estrutura” não tem o mesmo significado para ambos os autores. Marx faz referência à base produtiva, às relações de produção. Veblen faz alusão ao todo social quando fala em “estrutura”. Para Marx as outras partes do todo (cultura, ideologia, sistema jurídico, consciência social...) estão designados como superestrutura. As instituições em Veblen encampam ambas as esferas. Essa distinção será lembrada para evitar justaposição de conceitos.

⁷ Ao longo deste trabalho, muitas vezes em que se faz referência a Karl Marx, haverá a inclusão implícita de Friedrich Engels, co-autor em diversos escritos. A supressão parcial se justifica pela notoriedade do primeiro na literatura.

indivíduo egoísta determina os moldes da sociedade, tida como individualista, coerente, portanto, com o capitalismo e a busca do autointeresse. Nesse caso, o homem intrinsecamente egoísta tem a sociedade e sua organização material como seu reflexo. Logo, os homens são egoístas e não é o sistema que os impele a assim agir.

Em outro prisma, sob o olhar de Marx, o arranjo social capitalista empurraria o indivíduo à busca do autointeresse. Assim sendo, para que haja mais comprometimento do indivíduo com o bem comum, seria imperativa uma mudança mais profunda, como a transformação de um sistema econômico⁸.

Em termos institucionalistas, o “individualismo” seria um reflexo das instituições⁹ em que o homem está inserido e da fortificação de seus instintos. De toda sorte, tendo-se em vista que os homens formam suas relações de produção, eles mesmos seriam capazes de alterar o seu contexto, sua organização social e os pilares sob as quais se erguem essa configuração.

Da discussão posta, este estudo objetiva retomar os pontos de vista de Veblen e de Marx no que se refere às relações de determinação entre a estrutura social e o sujeito social, tendo-se por hipótese que existem argumentos racionais que apontam para uma compreensão semelhante entre essas duas correntes teóricas. Partindo-se, ainda, da hipótese auxiliar de que, sob ambos os prismas analíticos, intensas transformações sociais propiciam mudanças concomitantes na conduta do homem em si e da estrutura social, em um processo co-evolutivo, seja sob uma ótica, seja sob a outra.

Assim, busca-se nesta pesquisa aprofundar as questões relacionadas às discussões acima expostas de maneira a evidenciar proximidades e contrastes entre a ótica de Marx e de Veblen (incluindo autores neo-institucionalistas). Particularmente no que se refere à relação estrutura-sujeito, de maneira a explorar que tanto a estrutura responde pela organização social e pelos valores humanos quanto o próprio indivíduo tem seu papel neste arranjo.

A pesquisa é efetuada substancialmente a partir dos trabalhos de Thorstein Veblen e de Karl Marx. Ainda alicerça o estudo a literatura de tendência marxista e também considerável base se vale do arcabouço do programa de pesquisa institucionalista, com destaque a Geoffrey Hodgson. Desse ponto de partida, será discutida a influência do indivíduo na sociedade e da sociedade no indivíduo em os ambos corpos teóricos.

⁸ Subsequentemente será discutido se em Marx apenas as mudanças sistêmicas alteram esse quadro ou se a perspectiva do indivíduo também é considerada relevante para a mudança social.

⁹ O conceito de “instituição” será desenvolvido no decorrer do trabalho.

Tendo-se em vista que uma parcela significativa do debate estabelecido faz referências à interpretação de autores sobre concepções de outros autores, é aqui assumido que a precisão dos termos e conceitos é imperativa. Nesse desenrolar, a natureza deste estudo é centralmente teórico-bibliográfica. Crucial é, portanto, a utilização das passagens literais dos autores em questão, no intuito de mitigar dubiedades nas interpretações de suas asserções.

No intento de viabilizar o objetivo geral, torna-se necessário revisitar a crítica de Thorstein Veblen ao individualismo metodológico e aos postulados hipotético-dedutivos da teoria convencional, uma vez que o conceito de indivíduo em Veblen e a análise de relações estrutura-sujeito dos neo-institucionalistas partem da crítica à abordagem convencional. Em um segundo momento, será apontada a concepção do indivíduo em Veblen e a conceituação das instituições. Subsequentemente, serão expostas como se dão as relações de causalidade entre a estrutura e o sujeito, ancorando-se, sobretudo, nos trabalhos neo-institucionalistas. Adicionalmente, serão apresentadas as críticas efetuadas por esses autores a Karl Marx, especificamente no que tange ao condicionamento da conduta individual pelo todo social e suas relações materiais correlacionadas. Pontos esses presentes no capítulo 2.

Após ser explorada a crítica a Marx, já no capítulo 3, será abordado o nascedouro da visão criticada no seio do pensamento marxista, a partir de passagens do próprio Marx que fortalecem a ideia de que o sujeito é unicamente determinado pela estrutura, sendo sua conduta influenciada pelas condições sócio-econômicas em que vive, em uma conjunção de propriedade privada e alienação. Subsequentemente, desenvolver-se-ão argumentos de que Marx visualiza o homem como ser social, constituído pela sociedade, embora não de modo determinístico, sendo ele responsável pela transformação social. É também objetivo frisar em Marx o delineamento que ele faz acerca do papel do indivíduo e do desenvolvimento de sua personalidade no intuito de fortificar uma transformação social, a qual, em sua análise, desencadeia a liberdade dos indivíduos. O procedimento a ser adotado é o de seleção dos trechos em que os autores trataram sobre o objeto do presente estudo, com enfoque primordial ao jovem Marx, que reflete sobre a personalidade humana e sobre o desenvolvimento do indivíduo.

O quarto capítulo visa em um primeiro momento apontar os pontos de convergência entre as perspectivas de Veblen e de Marx no que toca proximamente o objeto central deste estudo: as relações de causalidade entre indivíduo e sociedade. Eles serão comparados, particularmente, no tocante às suas respectivas concepções de indivíduo, ao condicionamento estrutural sobre o indivíduo, à participação do indivíduo na mudança estrutural, às múltiplas causalidades e no que se refere aos paralelos entre o evolucionismo e a dialética. Não

deixarão de ser sublinhadas as zonas de desacordo entre essas posições, assim como, em caráter conclusivo, efetuar-se-ão críticas aos dois autores. O último capítulo da pesquisa, portanto, retoma a discussão à luz de ambas perspectivas de modo a grifar o papel do indivíduo em um processo de transformação social, tanto como causa de mudança quanto de consequência de uma transformação ocorrida, seguindo a lógica de mutualidade causal, no entendimento de que a mudança nos indivíduos anda *pari passu* à evolução social. Após esse capítulo, estão registradas as sínteses conclusivas.

Pautar tais temas traz à tona as discussões metodológicas dos fundamentos da ciência econômica. A partir de dois corpos teóricos alternativos, o presente estudo averiguará a compreensão de Veblen e de Marx no que se refere à relação indivíduo-sociedade. Em paralelo, questionará a leitura de que Marx considera o indivíduo, em qualquer classe social, tão-somente determinado pelos elementos sócio-econômicos.

Nesse sentido, este estudo efetua uma ponte de diálogo entre duas correntes estudadas no Programa de Pós-Graduação em Economia (PPGE) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Embora existam lógicas distintas nas escolas de pensamento econômico institucionalista e marxista, existem pontos de confluência, alguns desses, tratados aqui, são comumente admitidos como distintos. Pretende-se, assim, contribuir para a interface e o diálogo entre essas abordagens teóricas do PPGE.

Na mesma medida, sinalizar a ênfase dada por Marx à transformação do indivíduo no intuito de balizar uma mudança social é uma contribuição relevante. Para além do ponto metodológico, a pesquisa aproxima a discussão da maneira como o indivíduo influencia a sociedade, através de seus valores, hábitos, conceitos e motivações. Averiguar essas questões, portanto, se conecta com os valores humanos que formam a sociedade e que inibem ou estimulam as transformações sociais. Como sub-produto, embora não aprofundado neste estudo, este tema traz à baila o comprometimento dos indivíduos com o bem comum, aspecto esse que entrelaça a ciência econômica e os valores humanos. Além de sistematizar uma discussão dispersa, o tema traz também à tona facetas pouco trabalhadas de Karl Marx, a da Ideologia Alemã e dos Manuscritos Econômico-Filosóficos, e de Thorstein Veblen, de *The place of science in modern civilisation*. Ademais, parece ser fundamental retomar tais pontos dentro da ciência econômica, valendo-se de abordagens distintas da convencional. Esta pauta visa deixar de enfatizar apenas o indivíduo nos pilares fundamentais da ciência econômica e considerar também as influências exercidas pela organização social como um todo.

2 AS RELAÇÕES DE CAUSALIDADE INDIVÍDUO-SOCIEDADE NA VISÃO DE THORSTEIN VEBLEN

Em suas formulações teóricas, Thorstein Veblen se mostrou crítico à perspectiva formulada pela teoria convencional de que os indivíduos são egoístas, autocentrados, isolados de relações sociais e inertes. Sua contestação não se ateve apenas à concepção desse indivíduo, mas também à maneira como a sociedade é compreendida nesse arcabouço teórico. No último, a sociedade é vista como a soma das partes, ou seja, a partir do agregado de condutas individuais. Veblen criticou, ainda, Karl Marx, por ver esse autor como determinista, seja por ele ver um fim previamente estabelecido à sociedade, seja por compreender os sujeitos tão-somente determinados pela sociedade e pelos rumos da história.

Este capítulo visa ampliar essa discussão¹⁰. Uma vez que a perspectiva de Veblen se solidifica na aversão dele ao conceito de indivíduo da teoria convencional, o ponto de partida será o conceito de indivíduo na teoria econômica convencional e alguns de seus postulados hipotético-dedutivos, embora não seja aprofundado esse ponto por escapar do eixo central. Após compilar críticas de Veblen a esse conceito, será axposta a concepção do indivíduo em Veblen e a conceituação de instituições. Subsequentemente, será abordado como se dão as relações de causação entre a estrutura e o sujeito, ancorado, sobretudo, nos trabalhos neo-institucionalistas. Adicionalmente, serão apresentadas as críticas efetuadas por esses autores a Karl Marx, especificamente no que tange ao condicionamento da conduta individual pelo todo social e suas relações materiais correlacionadas.

2.1 A perspectiva utilitarista convencional do homem e a crítica vebleniana

A teoria econômica convencional dedicou um espaço significativo na constituição de hipóteses que isolam aspectos da conduta humana no intuito de analisar seus efeitos na circulação de bens. Nesse processo, ocorreu uma padronização dos postulados acerca do comportamento humano e sua relação com a sociedade.

Algumas assunções, construções abstratas e simplificadas se impunham à ciência econômica para que ela fosse entendida científica e sólida. No intuito de explicar a realidade dispersa e confusa, poucos fatos geradores foram segmentados e logicamente articulados.

¹⁰ Por ora, a concepção de Veblen será tomada acriticamente. Considerações críticas e o contraponto a Marx serão efetuadas no capítulo 4.

Assim, facetas do comportamento humano foram consideradas e as demais descartadas por serem entendidas como de baixa relevância ou com ínfima capacidade explicativa dos eventos econômicos (COSTA, 1986).

Passo esse que se deu em consonância com as mudanças no pensamento positivista¹¹. No tempo em que se constituíam esses postulados, o positivismo adentra com relevante força na ciência econômica, particularmente as seguintes características positivistas: a) percepção de que a sociedade é regida por leis naturais e invariáveis; b) visão de que a sociedade pode ser pesquisada com os mesmos métodos que as ciências naturais e; c) o consenso de que a ciência deve distanciar-se dos juízos de valor (TEIXEIRA, 2003).

Sob esse pano de fundo, assenta-se um pilar caro à ciência econômica que culmina nos cânones atuais, particularmente no que se refere à concepção de que o agente econômico produz bens pensando em seu benefício. Assim, os homens possuem motivações egoístas e, nas relações econômicas, produzem objetivando o que querem para si mesmos. Não produzem por benevolência nem para agregar ou auxiliar aos demais integrantes da sociedade. E, de forma global, na soma desses comportamentos, cada um pensando em seu benefício, contribui para reger a economia como um todo. Percepção que seria avalizada pela célebre passagem de Adam Smith¹²:

O homem, entretanto, tem necessidade quase constante da ajuda dos semelhantes, e é inútil esperar esta ajuda simplesmente da benevolência alheia. Ele terá maior probabilidade de obter o que quer, se conseguir interessar a seu favor a auto-estima dos outros, mostrando-lhes que é vantajoso para eles fazer-lhe ou dar-lhe aquilo de que ele precisa. É isto o que faz toda pessoa que propõe um negócio a outra. Dê-me aquilo que eu quero, e você terá isto aqui, que você quer — esse é o significado de qualquer oferta desse tipo; e é dessa forma que obtemos uns dos outros a grande maioria dos serviços de que necessitamos. Não é da benevolência do açougueiro, do cervejeiro ou do padeiro que esperamos nosso jantar, mas da consideração que eles têm pelo seu próprio interesse. Dirigimo-nos não à sua humanidade, mas à sua auto-estima, e nunca lhes falamos das nossas próprias necessidades, mas das vantagens que advirão para eles (SMITH, 1996, p.74).

¹¹ O positivismo é um movimento intelectual amplo, que, ao longo do tempo, passa por algumas transformações aparentemente antagônicas. Ele inicia bebendo no empirismo de Francis Bacon, com o chamado positivismo clássico de Auguste Comte, segue com o positivismo lógico, do Círculo de Viena, passando também pelo empiricismo lógico. Mesmo com mudanças, alguns pilares básicos unem o pensamento positivista (COSTA, 1986).

¹² Está sendo suprimida aqui a controvérsia existente sobre a descontextualização dessa passagem em relação à obra de Smith, a qual, nesses termos, teria sido mal interpretada. Tal corte analítico se justifica, pois a despeito dessa polémica, a versão “equivocada” foi canonizada na ciência econômica. Ver Bianchi e Santos (2007).

A despeito de já haver referências de ideias que organizavam as relações humanas com vista à “maior felicidade possível” no século XVIII, Jeremy Bentham é quem dá forma e corpo a essa corrente. Na visão benthamita o princípio da utilidade faz aprovar ou desaprovar alguma ação, de acordo com a tendência de aumentar ou diminuir a felicidade de uma pessoa cujo interesse está em jogo. Utilidade é o que traz benefício, vantagem e bem, assim como é o que impede dano, mal e dor. O indivíduo busca, de acordo com tal princípio, maximizar o prazer e minimizar a dor, em consonância com a filosofia hedonista. Para Bentham, todas as motivações humanas são advindas do desejo de otimizar essas duas sensações, as quais são vistas como iguais, porém simétricas. Esse é considerado o âmago de todo o comportamento e também das decisões humanas, em todos os locais, em qualquer tempo. Assim, cada um age para o seu interesse, conforme suas palavras: “No curso geral da vida, em todo o coração humano, o interesse próprio predomina sobre todos os outros interesses em conjunto... A preferência por si tem lugar em toda parte” (BENTHAM¹³, 1954, p.421 *apud* HUNT, 1985, p.148).

O individualismo metodológico também se coaduna nessa junção de movimentos e é absorvido como uma maneira eficaz de explicar a realidade. Sob o referido método, os fenômenos sociais são explicáveis em termos de atitudes e decisões individuais. Assim sendo, para utilizá-lo é necessário conhecer as motivações do indivíduo. Em sua forma mais extremada, a concebida na teoria convencional, as reações humanas são obtidas a partir do isolamento em relação aos demais indivíduos. Ou seja, em uma avaliação parcelar do homem, esse é deslocado de seu meio cultural, histórico e ético, tidos como dados; são ignoradas facetas outras, assim como sua imersão na teia social.

Outros elementos que não os econômicos ficam além das considerações efetuadas na economia, portanto. O sujeito é interpretado como um ser pleno em suas ações. Particularmente os teóricos econômicos neoclássicos analisam o homem de forma a não questionar outros valores que não o seu autointeresse (PAULANI, 1998). Após os neoclássicos, esse método passa a considerar o agente como representativo para a coletividade e, assim, os fenômenos sociais se embasam na concepção de homem autocentrado, com motivações subjetivas que explicam a ação econômica.

A despeito de ser localizável na teoria econômica convencional a estrutura social, através das relações de mercado e da concorrência, as quais limitam os indivíduos, seu pilar metodológico está centrado no indivíduo. A construção teórica é efetuada a partir do agente

¹³BENTHAM, Jeremy. *Jeremy Bentham's Economic Writings*. Londres: Allen & Unwin, c1954, v.3.

isolado das relações sociais e que busca o melhor para si, contribuindo, assim, para o bem-estar social à medida que o padeiro oferta o pão (GANEM, 2003). Esse processo faz com que a ciência econômica vá se afastando das demais ciências sociais, pois ela se entende suficiente para compreender os problemas econômicos, sem levar em conta aspectos históricos, culturais e políticos. Ou, de outra maneira, há a universalização dos fenômenos econômicos entendidos como comuns a qualquer forma de sociabilização (TEIXEIRA, 2003).

Esse esforço metodológico tinha por objetivo explicar a sociedade através da redução analítica de suas partes, em consonância com a ideia de que os fenômenos podem ser explicados de maneira unitária (HODGSON, 1997).

Embora os teóricos reconheçam que o postulado egoísta é ficcional e não se eximam em perceber que existe uma ampla gama de motivações humanas que interferem nas relações econômicas, já que ela está circunscrita às relações sociais, não são analisados outros aspectos por serem entendidos de baixa relevância explicativa. De maneira adjacente, diversas críticas a essa concepção do indivíduo se ergueram. Críticas sobre a visão isolada, inerte, definitiva do indivíduo. Em particular, no que tange a um eventual aval à conduta egoísta dos homens, já que a teoria econômica convencional se preocupa com os benefícios sociais desse comportamento.

Apesar das confusões semânticas¹⁴ sobre os termos “interesse”, “egoísmo” e “individualismo”, consolida-se, na conjunção desses fatores, a impressão de que há apologia ao egoísmo¹⁵. A toda sorte, devido a sua coerência e articulação teórica, a qual se coaduna com o pensamento positivo de ciência, tal perspectiva se torna majoritária. Não é, contudo, a única visão.

¹⁴ Dentre tantos autores que debatem essa questão, Hayek (1968) identificou uma grande confusão de conceitos e distinguiu dois tipos de individualismo: o verdadeiro e o falso. Para esse autor, o verdadeiro individualismo é o de Smith. Nesse, os agentes não são isolados, embora a análise econômica parta de seu comportamento. Assim sendo, o egoísmo age para o benefício público. O falso individualismo é aquele de Mill e dos neoclássicos, principalmente desses últimos que consideram o *homo economicus* de forma isolada de relações sociais. Hayek (1968), portanto, alega que este falso individualismo é que faz apologia ao egoísmo e não o verdadeiro, cujo sentido do egoísmo não é a de exclusiva preocupação por si, além disso, Hayek (1968) não se filia ao pensamento de que se entende o todo pela soma das partes. Mesmo que identifique a distinção e o equívoco, o autor não acha pertinente averiguar se o homem é ou não motivado por ações egoístas, já que ele está centrado na defesa da liberdade individual, por entender que sendo ou não egoísta, o agente faz o bem para a sociedade ao pensar em si. Hayek defende ainda que cada um possa decidir suas atitudes sem o julgamento das intenções nelas presentes. Ou seja, ele também confunde os conceitos de individualismo, na medida em que se utiliza do individualismo metodológico (o verdadeiro), para defender as liberdades individuais e o livre-cambismo. Assim, mesmo o seu individualismo verdadeiro está sobreposto ao liberalismo.

¹⁵ Este processo de solidificação metodológica é permeado por controvérsias. Este tema é tratado com maior profundidade em Avila (2010).

Embora a teoria convencional seja predominante na ciência econômica, com o prisma analítico lastreado no individualismo metodológico, ele não é consensual. Além de ir de encontro ao método que explica a realidade a partir do indivíduo, as análises de Marx e dos neo-institucionalistas possuem uma perspectiva distinta do indivíduo.

De acordo com a teoria convencional, o indivíduo possui uma conduta egoísta e a sociedade forma seus moldes a partir desse comportamento. Sob o ângulo de Marx, o sistema econômico capitalista condiciona o indivíduo a buscar seu autointeresse¹⁶. Metodologicamente, na visão convencional a parte explica o todo e generaliza-se essa parte para formular uma teoria. Para Marx, entretanto, o todo tem primazia para explicar a parte, indo de encontro ao individualismo metodológico, com sua relação causal inversa, na qual a parte explica o todo¹⁷.

Thorstein Veblen¹⁸ não discorda desse último ponto de Marx, apesar de demarcar diferenças¹⁹. Para o autor, a relação de causalidade não é do indivíduo para a sociedade; ela seria duplamente causal, ou seja, haveria influência mútua indivíduo-sociedade. No entanto, na tradição vebleniana influência da sociedade se manifesta através das “instituições”.

Antes de adentrar a essa seara, cumpre partir das críticas efetuadas por Veblen aos autores neoclássicos, em particular a sua noção de indivíduo e a sua relação desse com a sociedade, uma vez que sua concepção de indivíduo se constrói nessas críticas.

Já no nascimento do chamado velho institucionalismo, as críticas ao método da teoria convencional são explícitas. Particularmente ao individualismo metodológico que homogeneiza o comportamento humano e o tem como perene, deslocado de sua realidade cultural, universalmente válido, desligado de relações sociais e sem influência histórica²⁰.

Veblen é crítico ao que chama de calculador instantâneo de prazeres e de dores. Essa concepção estaria baseada em uma visão antropológica que julga ultrapassada em que o indivíduo visa tão-somente a satisfação de desejos, sendo ele isolado das relações sociais, ao

¹⁶ Este tema será retomado com profundidade no capítulo seguinte.

¹⁷ Aqui se trata da leitura caricatural de Marx. A questão é bem mais complexa, conforme se verificará no capítulo seguinte.

¹⁸ No tempo em que se trata aqui da leitura efetuada por Veblen, está sendo considerada conjuntamente àqueles que se inspiram em seu trabalho a desenvolveram suas teorias, os neo-institucionalistas.

¹⁹ Subsequentemente este ponto será verificado com maior profundidade.

²⁰ Existem defesas às críticas efetuadas à teoria convencional e ao *homo economicus*. Milton Friedman, por exemplo, altera essa maneira de validar as teorias. Segundo o autor, não cabe avaliar o realismo de hipóteses e sim sua capacidade de prever resultados. A toda sorte, está sendo suprimido esse enfoque para que o tema do presente estudo não se estenda além do escopo delimitado. Tomar-se-á apenas os comentários de Veblen a essas formulações teóricas.

tempo em que maximiza sua utilidade. Para o autor existem inúmeras motivações outras, as quais não são dadas e nem de fácil previsão.

The hedonistic conception of man is that of a lightning calculator of pleasures and pains, who oscillates like a homogeneous globule of desire of happiness under the impulse of stimuli that shift him about the area, but leave him intact. He has neither antecedent nor consequent. He is an isolated, definitive human datum, in stable equilibrium except for the buffets of the impinging forces that displace him in one direction or another²¹ (VEBLEN, 1952, p.73).

Esta visão econômica racionalista é teleológica²², por entender que na ação do indivíduo há um fim previamente conhecido em mente, sem espaço, portanto, para particularidades: “[...] it deals with this conduct only in so far as it may be construed *in rationalistic, teleological terms of calculation and choice*”²³ (VEBLEN, 1952, p. 239, grifos acrescentados). Nessa concepção, as escolhas são tomadas ancoradas na racionalidade, por esse motivo os resultados são precisos como as leis naturais:

The conditions so imposed on human conduct are *as definitive as the laws* and the order by force of which they are imposed; and the theoretical conclusions reached, when these laws and this order are known, are therefore expressions of *absolute economic truth*²⁴ (VEBLEN, 1952, p.90, grifos acrescentados).

Para Veblen, a visão neoclássica entende ser a economia uma ciência estática, mas em seu entendimento ela é dinâmica, uma sequência em contínua modificação : “the theory of a process does not belong in statics²⁵” (VEBLEN, 1952, p.83)

²¹ “A concepção hedonista do homem é que ele é um calculador instantâneo de prazeres e sofrimentos, que oscila como um glóbulo homogêneo de desejo de felicidade sob o impulso de estímulos que o movem, mas o deixam intacto. Ele é um isolado e definitivo *datum* humano, em equilíbrio estável exceto pelos contratempos das forças impactantes que o movem em uma direção ou outra” (tradução própria).

²² Teleológico é o que tem um fim previamente conhecido ou que rumo a algo pré-concebido, derivado do *télos* (resultado, conclusão).

²³ “Ela lida com a conduta apenas na medida em que pode ser construída em termos de escolha racionais e teleológicas” (tradução própria).

²⁴ “As condições impostas para a conduta humana são tão definitivas como as leis e a ordem, pela força com que são impostas, e as conclusões teóricas alcançadas, quando essas leis e essa ordem são conhecidos, são, portanto, expressões de verdade econômica absoluta (tradução própria).

²⁵ “A teoria de um processo não pertence a estática” (tradução própria).

Desde os clássicos, entende-se que o homem age de maneira teleológica, com um fim dado, inerte, seguindo uma ordem natural. Mesmo neles há a desconsideração da idiosincrasia pessoal. Efetuando alusão a Adam Smith, Veblen assevera:

The agent, thing, fact, event, or phenomenon, to which propensity, will-power, or *purpose, is imputed*, is always apprehended to act in an environment which is accepted as spiritually inert ²⁶. (VEBLEN, 1952, p. 102, grifos acrescidos).

Veblen enquadra também Smith como teleológico, já que ele percebe as instituições conforme as finalidades que elas possuem, sendo úteis à harmonia social:

Taking Adam Smith as an exponent of this British attitude in theoretical knowledge, it is to be noted that, while he formulates his knowledge in terms of a propensity (natural laws) *working teleologically to an end* [...] ²⁷ (VEBLEN, 1952, p. 112, grifos acrescidos) .

Os homens, em Smith, agem inconscientemente para o bem estar social, um teleologismo, através da mão invisível, entende Veblen:

order to serve the ends of human welfare [...] The guidance of the invisible hand takes place not by way of interposition, but through a comprehensive scheme of contrivances established from the beginning. For the purpose of economic theory, man is conceived to be consistently self-seeking; but this economic man is a part of the mechanism of nature, and his self-seeking traffic is but a means whereby, in the natural course of things, the general welfare is worked out. *The scheme as a whole is guided by the end to be reached* [...] The sequence of events, *including human motives and human conduct, is a causal sequence* ²⁸ (VEBLEN, 1952, p. 115, grifos acrescidos).

²⁶ “O agente, as coisas, os fatos, o acontecimento ou fenômeno, aos quais a propensão, força de vontade ou propósito é imputado, é sempre apreendido para atuar em um ambiente que é aceito como espiritualmente inerte” (tradução própria).

²⁷ “Tomando Adam Smith como um expoente no conhecimento teórico britânico, é de notar que, enquanto ele formula o seu conhecimento em termos de propensão (leis naturais), trabalhando teleologicamente a um fim [...]” (tradução própria).

²⁸ “No intuito de servir aos fins do bem-estar humano [...] A orientação da mão invisível ocorre não por meio de interposição, mas através de um amplo esquema de artifícios estabelecido desde o início. Para efeitos da teoria econômica, o homem é concebido para ser consistentemente egoísta, mas este homem econômico é uma parte do mecanismo da natureza, e seu tráfego autointeressado é apenas um meio pelo qual, no curso natural das coisas, o bem-estar geral é atingido. O esquema como um todo é guiado até o fim a ser atingido [...] A sequência de eventos, incluindo os motivos humanos e conduta humana, é uma sequência causal” (tradução própria).

Na visão smithiana, o autointeresse traria infalivelmente o bem geral, seguindo o curso natural das coisas. A mão invisível faz o equilíbrio ser atingido, um fim pré-estabelecido, ambas facetas do teleologismo.

If " natural," in Adam Smith's use, meant necessary, in the sense of *causally determined*, no divergence of events from the natural or legitimate course of things would be possible. [...] When things have gone wrong, they will right themselves if interference with the natural course ceases [...] ²⁹ (VEBLEN, 1952, p.116, grifos acrescidos).

Visão essa que persiste na análise convencional: uma tendência natural à melhoria e ao equilíbrio:

The two main canons of truth on which the science proceeded, and with which the inquiry is here concerned, were: (a) a hedonistic-associational psychology³⁰, and (b) an *uncritical conviction that there is a meliorative trend* in the course of events, apart from the conscious ends of the individual members of the community³¹ (VEBLEN, 1952, p.150, grifos acrescidos).

A obtenção do fim último viria sem conflitos e sem divergências. O competente mecanismo automático não poderia sofrer percalços. Em não havendo interferência, o curso natural segue. A tendência do homem permutar com o outro e a divisão do trabalho levam à melhoria. Em assim sendo, Veblen entende que a teorização de Smith leva a um fim específico. Em sentido semelhante, ele diz que Smith vê as instituições servindo aos fins pré-determinados, e não surgindo a partir dos hábitos humanos.

[...] he [Smith] sums up the institutions with which he deals in terms of *the ends which they should subserve*, rather than in terms of the exigencies and *habits of life out of which they have arisen* [...] ³² (VEBLEN, 1952, p. 112, grifos acrescidos)

²⁹ “Se ‘natural’, para Adam Smith, significava necessário, no sentido de causalidade determinada, nenhuma divergência de eventos do curso natural ou legítimo das coisas seria possível [...] Quando as coisas deram errado, elas vão endireitar-se, se a interferência com o curso natural cessar [...]” (tradução própria).

³⁰ Veblen chama esses dois conceitos de “animismo”.

³¹ “Os dois principais cânones de verdade em que a ciência procedeu, e com as quais a investigação está aqui em pauta, foram: (a) uma psicologia hedonista-associativa, e (b) convicção acrítica de que há uma tendência de melhorativa no curso dos acontecimentos, além dos fins conscientes dos membros individuais da comunidade” (tradução própria).

³² “Ele [Smith] resume as instituições com as quais ele lida em termos dos fins para os quais devem servir, ao invés de em termos de exigências e hábitos de vida dos quais elas surgiram [...]” (tradução própria).

As motivações humanas empurram, em Smith, a sociedade para os seus fins, quais sejam, de obter os meios de vida e o interesse pecuniário;

[...] the causally efficient factor is conceived to be human nature in these two relations, of productive efficiency and pecuniary gain through exchange. Pecuniary gain - gain in the material means of life through barter - furnishes *the motive force to the economic activity of the individual; end of the community's economic life*³³ (VEBLEN, 1952, p. 127, grifos acrescidos)

A visão de Smith seria, então, a de que a conduta individual traz consequências “acidentais”, não planejadas, em particular, o bem estar social, seguindo o curso da sociedade. Para Veblen, em Smith

Men exert their force and skill in a *mechanical process of production*, and their pecuniary sagacity in a competitive process of distribution, with a *view to individual gain in the material means of life*. These material means are sought in order to the satisfaction of men's natural wants through their consumption³⁴ (VEBLEN, 1952, p.128, grifos acrescidos)

Por esses motivos, Veblen enquadra Smith no pensamento teleológico utilitarista, ainda que considere distinções. Smith veria o comportamento humano uniforme, seguindo a uma ordem teleológica³⁵, trazendo o utilitarismo para a economia: “Adam Smith will accordingly be considered in immediate connection with the bias of the classical *school and the incursion of utilitarianism into economics*³⁶.” (VEBLEN, 1952, p.113, grifos acrescidos).

Em meio ao desenvolvimento teórico, Bentham mudou a interpretação econômica, colocando o interesse de ganho como a ação que comanda a vida. Sob essa leitura é que o indivíduo se torna uniforme e estável: “[...] since human nature is substantially uniform, passive, and unalterable [...]”³⁷ (VEBLEN, 1952, p.134). Ainda que, conforme explicitado,

³³ “O fator causal eficiente é concebido para ser a natureza humana nestas duas relações, de eficiência produtiva e de ganho pecuniário através do intercâmbio. Ganho pecuniário - ganho de meios materiais de vida por meio de escambo - fornece a força motriz para a atividade econômica do indivíduo, o fim da vida econômica da comunidade”. (tradução própria)

³⁴ “Homens exercem sua força e habilidade em um processo mecânico de produção, e sua sagacidade pecuniária em um processo competitivo de distribuição, com vista ao ganho individual em meios materiais de vida. Esses meios materiais são buscados para a satisfação dos desejos naturais dos homens através do consumo” (tradução própria).

³⁵ Smith possui inúmeras distinções aos neoclássicos, muitas delas, na concepção ontológica de homem. Tema aprofundado em Avila (2010).

³⁶ “Adam Smith será, portanto, considerado em conexão imediata com o viés da escola clássica e com a incursão do utilitarismo em economia” (tradução própria).

³⁷ “Uma vez que a natureza humana é substancialmente uniforme, passiva, e inalterável [...]” (tradução própria).

Veblen discorde dessa análise: “[...] but the detail of individual conduct need not, therefore, necessarily serve these generic human interest”³⁸(VEBLEN, 1952, p.154).

Veblen discorda, ainda, do teleologismo, supostamente auto-evidente, de que se os homens guiarem-se pelo seu autointeresse, atingir-se-á o bem geral: “It is no longer selfevident that: ‘ Interests left to themselves tend to harmonious combinations, and to the progressive preponderance of the general good’”³⁹ (VEBLEN, 1952, p.154).

Assim, o interesse pecuniário, presente nos clássicos, se torna o único motivador considerado. O ganho pessoal é focalizado, independentemente de isso trazer ou não benefício à coletividade. Na “teoria hedonista” o único objetivo é o ganho individual. E, metodologicamente, a sociedade é a soma dos ganhos advindo dos interesses individuais, tão-somente:

In hedonistic theory the *substantial end of economic life is individual gain*; and for this purpose production and acquisition may be taken as fairly coincident, if not identical. Moreover, *society, in the utilitarian philosophy, is the algebraic sum of the individuals; and the interest of the society is the sum of the interests of the individuals*. It follows by easy consequence, whether strictly true or not, that the *sum of individual gains is the gain of the society*, and that, in serving his *own interest in the way of acquisition, the individual serves the collective interest of the community*⁴⁰ (VEBLEN, 1952, p.139, grifos acrescidos).

Nessa junção de filosofias, se delimitavam a ciência econômica e seus pilares metodológicos. Em construção, o ambiente cultural daquele contexto influenciava sobre os teóricos. E, em meio a revolução industrial, o homem era um tanto calculista

[...] but the discussion here approaches nearer to the point of immediate inquiry, namely, the cultural situation in the eighteenth century, and its relation to economic speculation⁴¹ (VEBLEN, 1952, p. 106).

³⁸ “mas a conduta individual não precisa, portanto, necessariamente atender a esse interesse humano genérico” (tradução própria).

³⁹ “Não é auto-evidente que: ‘Interesses deixados a si mesmos tendem a combinações harmoniosas, e à preponderância progressiva do bem geral’” (tradução própria).

⁴⁰ “Na teoria hedonista o fim substancial da vida econômica é ganho individual, e para esse propósito a produção e a aquisição devem ser tomadas quase coincidentes, se não idênticos. Além disso, a sociedade, na filosofia utilitarista, é a soma algébrica dos indivíduos e o interesse da sociedade é a soma dos interesses dos indivíduos. Segue-se facilmente que, seja estritamente verdadeiro ou não, a soma dos ganhos individuais é o ganho da sociedade, e que, ao servir o seu próprio interesse, na forma de aquisição, o indivíduo serve o interesse coletivo da comunidade” (tradução própria).

⁴¹ “mas a discussão aqui se aproxima mais perto do ponto de investigação imediata, ou seja, a situação cultural no século XVIII, e sua relação com a especulação econômica” (tradução própria).

Estar no epicentro do nascedouro industrial, justifica, em grande medida, os postulados eternizados: “It is possible to hold that both modern industry (of the mechanical sort) and modern science center about the region of the North Sea”⁴²(VEBLEN, 1952, p. 110). Esses conceitos deveriam assumir o embasamento como datado e não emergir como perene⁴³. Esse apontamento é coerente com a noção que Veblen tem da influência do meio sobre os indivíduos, incluindo-se os indivíduos teóricos. A toda sorte, sob influência do utilitarismo e das próprias forças capitalistas, surge o *homo economicus*.

The reason for that farther and more consistent *normalisation of human nature* which gives us the “*economic man*” at the hands of Adam Smith's successors lies, in great part, in the utilitarian philosophy that entered in force and in consummate form at about the turning of the century. Some credit in the work of normalisation is due also to the farther *supersession of handicraft* by the “*capitalistic*” industry that came in at the same time and in pretty close relation with the utilitarian views⁴⁴ (VEBLEN, 1952, p.130, grifos acrescidos).

Nessa medida, o autor reconhece que uma faceta “calculista” se forma pela própria condição da vida material, pela necessidade de se enquadrar na sociedade. Consideração essa

⁴² “É possível localizar a indústria moderna (do tipo mecânico) e o centro da ciência moderna sobre a região do Mar do Norte” (tradução própria). Marx (1984, p. 185) efetua uma colocação semelhante: “Jeremias Bentam é um fenômeno puramente inglês. Mesmo sem excetuar nosso filósofo, Christian Wolf, em nenhum tempo e nenhum país o lugar-comum mais comezinho jamais se instalou com tanta auto-satisfação. O princípio da utilidade não foi invenção de Bentham. Ele só reproduziu, sem espírito, o que Helvetius e outros franceses do século XVIII tinham dito espirituosamente”. Também nos Grundrisse Marx (1978, p. 3-4) pontua que o indivíduo teórico considerado é o do século XVIII “[...] este individuo del siglo XVIII - que es el producto, por un lado, de la distribución de las formas de sociedad y, por el otro, de las nuevas fuerzas productivas desarrolladas a partir del siglo XVI – se les aparece como um ideal cuya existência habría pertencido al pasado. No como um resultado histórico, sino como punto de partida de la historia [...] cuanto más lejos nos remontamos em la historia, tanto más aparece el individuo”. [...] Esse indivíduo século XVIII - que é o produto, por um lado, da distribuição das formas da sociedade, e por outro, das novas forças produtivas desenvolvidas a partir do século XVI - aparece como um ideal cuja existência percente ao passado. Não como resultado histórico, mas como um ponto de partida para a história (tradução própria).

⁴³ Marx (1984, p. 185) tem uma consideração bastante semelhante ao falar que “[...] Se por exemplo se quer saber o que é útil a um cachorro, precisa-se pesquisar a natureza canina. Essa natureza não se pode construir a partir do ‘princípio da utilidade’. Aplicado ao homem, isso significa que se se quer julgar toda a ação, movimento, condições, etc humanos segundo o princípio da utilidade, trata-se primeiramente da natureza humana em geral e depois da natureza humana historicamente modificada em cada época. Bentham não perde tempo com isso. Com a mais ingênua *secura* ele supõe o filisteu moderno, especialmente o filisteu inglês, como o ser humano normal. O que é útil para esse original homem normal e seu mundo é em si e para si útil. E por esse padrão ele julga então passado, presente e futuro [...] Se eu tivesse a coragem de meu amigo H. Heine, eu chamaria o Sr. Jeremias de um gênio da estupidez burguesa”.

⁴⁴ “A razão para a mais distante e consistente padronização da natureza humana que nos traz o “homem econômico” através dos sucessores de Adam Smith reside, em grande parte, na filosofia utilitarista que ganhou força e consumação na virada do século. Algum crédito no trabalho de padronização se dá pela superação do artesanato pela indústria “capitalista”, que veio ao mesmo tempo e com estreita relação aos pontos de vista utilitários” (tradução própria).

que não deixa de ser crítica, uma vez que entende ele não ser esse o único motivador humano, ao contrário dos neoclássicos, que veem como único motivador⁴⁵. Porém, na forma como se dão as relações materiais, a hipótese calculista se vivifica, embora não seja uma verdade universal:

The discipline of social life for the present purpose, in so far as its canons of conduct rest on this element of personal force in the unconventionalised form, plainly tends to the formation of a habit of apprehending and coordinating facts from the animistic⁴⁶ point of view⁴⁷ (VEBLEN, 1952, p. 106).

Esse hábito de pensamento britânico foi universalizado na forma teórica na economia, ficando consideravelmente inerte. Veblen opõe-se frontal e reiteradamente ao fim único do agente econômico convencional, pois isso implica que todos os indivíduos possuem as mesmas motivações, ignorando todas as demais.

The habits formed in unfolding his [men] activity *in one direction*, under the impulse of a given interest, assert themselves when the individual comes to unfold his activity in any other direction, *under the impulse of any other interest*. [...] This absolutely right and good *final term* in conduct has the character of finality only when conduct is construed in a ceremonial sense; that is to say, only when life is conceived as a scheme of conformity to a purpose outside and beyond the process of living⁴⁸ (VEBLEN, 1952, p. 108, grifos acrescidos).

⁴⁵ Convém, mais uma vez, frisar que diversos pensadores, tais como John Stuart Mill, John Neville Keynes, Lionel Charles Robbins, Alfred Marshall, Marie-Esprit-Léon Walras entre outros não descartam a existência de motivações outras na ação humana. Porém, não as consideram na análise econômica por serem consideradas de baixa relevância explicativa (AVILA, 2010).

⁴⁶ O termo “animismo” é utilizado por Veblen para fazer referência aos dois cânones de verdade científica da teoria convencional: a concepção hedonista e a tendência teleológica equilibrista. Assim, ele utiliza em analogia a uma “lei natural” que ruma a um fim hedonístico previamente conhecido. Pelo vernáculo, a expressão significa dar vida a coisas inanimadas.

⁴⁷ “A disciplina da vida social para o presente propósito, na medida em que seus cânones de conduta pousam sobre este elemento inconversível da força pessoal, claramente tende à formação de um hábito de apreender e coordenar os fatos do ponto de vista animista” (tradução própria).

⁴⁸ “Os hábitos formados em desenvolver suas atividades em uma direção, sob o impulso de um dado interesse, perseveram quando o indivíduo passa a desenvolver sua atividade em qualquer outra direção, sob o impulso de qualquer outro interesse. [...] Este absolutamente correto e bom termo final da conduta tem a característica de finalidade somente quando a conduta é construída num sentido ritualístico; ou seja, somente quando a vida é concebida como um esquema de conformação a um propósito fora e além do processo de viver” (tradução própria).

Embora Veblen reconheça que os postulados façam parte da necessidade teórica de abstração, considera que eles se vivificam nos hábitos de pensamento do investigador que o expressa:

But, as happens in such cases, having once been accepted and assimilated as real, though perhaps not as actual, it becomes an effective constituent *in the inquirer's habits of thought, and goes to shape his knowledge of facts*⁴⁹ (VEBLEN, 1952, p.143, grifos acrescidos).

Nenhum elemento pessoal, idiossincrático, deveria estar nas generalizações científicas. Em medida semelhante, para ser coerente, assevera Veblen, não poderia haver movimentos teleológicos, que caminham a um rumo definitivo, em uma a teoria que fosse aceita como “lei natural”, já que não existe na natureza um fim *conhecido*. Ou seja, se as generalizações são leis naturais, deveria haver espaço para as diferenças individuais naturais nos indivíduos.

Nothing of the nature of a personal element was to be admitted into these fundamental empirical generalisations; and nothing, therefore, of the nature of a discretionary or teleological movement was to be comprised in the generalisations to be accepted as " natural laws ⁵⁰” (VEBLEN, 1952, p. 161, grifos acrescidos).

Assim, Veblen se opõe a não percepção de mudança, que é decorrente da assunção de inércia na conduta humana, tida como definitiva. Para além dos postulados dados sobre a conduta humana, no indivíduo desenhado por Veblen, há espaço maior para a força pessoal, a individualidade, as peculiaridades, seu valor pessoal:

[...] the first-hand potency of the given person as an agent. This criterion of *conduct requires a constant and painstaking imputation of personal value, regardless of fact*. The discrimination enjoined by the canons of status proceeds on an invidious comparison of persons *in respect of worth, value, potency, virtue, which must, for the present purpose, be taken as putative*. The greater or less personal value assigned *a given individual* or a given class under the canons of status is not assigned on the ground of visible efficiency, but on the ground of a dogmatic allegation accepted on the

⁴⁹ “Mas, como acontece em tais casos, uma vez aceito e assimilado como real, embora talvez não como verdadeiro, se torna um componente efetivo nos hábitos de pensamento do pesquisador, e vai delinear seu conhecimento dos fatos” (tradução própria).

⁵⁰ “Nada da natureza de um elemento pessoal era admitido dentro destas generalizações empíricas fundamentais; e nada, por isso, da natureza de um movimento arbitrário ou teleológico deveria ser incluído nas generalizações para ser aceito como ‘leis naturais’” (tradução própria).

strength of an uncontradicted categorical affirmation simply⁵¹ (VEBLEN, 1952, p 107, grifos acrescidos).

Em assim sendo, Veblen está em oposição aos postulados edificados pela teoria convencional. Ele discorda de que a conduta humana seja inerte, definitiva, autocentrada e sem espaço para peculiaridades inerentes e naturais aos homens. Para ele, é preciso espaço no homem teórico para a mudança e para a evolução. Mudança essa não determinada a um fim previsível. Ele considera também que essa concepção solidificada possui influência do meio em que foi gestada, em plena Revolução Industrial na Inglaterra. Foi ela eternizada a partir de um ambiente histórico específico, influenciado, portanto, pelas relações materiais daquele contexto, de florescimento do capitalismo e das relações de trabalho assalariadas. Partindo dessas críticas, Veblen traz suas concepções de homem, de instituição, de mudança, de evolução. E os neo-institucionalistas se valem dessas formulações para ampliar a teorização sobre as relações de causalidade entre os sujeitos e a estrutura. Elementos esses melhor desenvolvidos na seção seguinte.

2.2 O indivíduo vebleniano, instituições e suas relações de causalidade

Thorstein Veblen não está em acordo com os cânones da ciência econômica no que tange à noção de indivíduo, à análise da sociedade e suas subjacentes perspectivas de equilíbrio e inércia. Partindo da crítica a tais concepções, Veblen delinea alguns conceitos acerca dos indivíduos, das instituições e de suas relações de causalidade. Apesar do autor não ter edificado e conceituado com clareza as acepções dos termos, alguns seguidores trataram de qualificar em termos teóricos suas ideias. Este processo de edificação conceitual está ainda em andamento no atual estágio da ciência econômica, dentro do paradigma de pesquisa neo-institucionalista.

Esta seção visa trazer esses conceitos de Veblen e também daqueles tidos como continuadores de sua teoria. Poderia ser um equívoco transplantar os termos dos teóricos

⁵¹ “[...] a potência direta de dada pessoa como um agente. Este critério de conduta requer uma constante e diligente atribuição de valor pessoal, indiferente aos fatos. A discriminação imposta pelos cânones do *status* procede uma comparação hostil de pessoas em questão de mérito, valor, potência, virtude, os quais devem, para o presente propósito, ser tomados como suposições. O maior ou menor valor pessoal atribuído a dado indivíduo ou a uma dada classe sob os cânones do *status* não é atribuído pela razão de eficiência visível, mas pela razão de uma alegação dogmática aceita pela força de uma simples afirmação categórica incontestável” (tradução própria).

contemporâneos à Veblen. De toda a sorte, parece ser um ganho no intuito de tornar palpável a noção de Veblen sobre o indivíduo e suas relações com as instituições e com a sociedade⁵². Esta seção é dividida em quatro sub-partes: a primeira traz o *approach* evolucionista em Veblen, a segunda desenha o indivíduo; a terceira, as instituições e, por fim, suas relações de causalidade. Por estarem intimamente imbricados, por ora, a repartição dos temas em foco não é absoluta, fruto da própria ótica do autor que trabalha questões conjuntamente.

2.2.1 *Approach* evolucionista de Veblen

Para criticar o pensamento neoclássico mecanicista lastreado na física, Veblen busca os conceitos da biologia. A partir de Charles Darwin e do evolucionismo⁵³, o autor nega a noção de tendência natural ao equilíbrio estático, do ajustamento marginal e entende que tais noções são inadequadas para explicar a realidade social e, particularmente, as mudanças sociais, as inovações e o crescimento econômico⁵⁴. Seu pensamento é fundado na mudança e na evolução. (CONCEIÇÃO, 2002a; RUTHERFORD, 1998)

No evolucionismo o indivíduo é influenciado pelos instintos, pelo meio cultural, pelos hábitos e pelas instituições⁵⁵. Mais do que influenciar na evolução econômica, esses elementos organizam a teoria de Veblen, sendo tais frações análogas aos genes da biologia para explicar toda a realidade. O evolucionismo é, portanto, uma forma de perceber a realidade e é uma ontologia.

A cultura e a rotina dão origem à seleção, à decisão e a compreensão dos dados pelos homens. As estruturas sociais evoluem em um processo de seleção e adaptação às circunstâncias. Seja de maneira abrupta, seja na mudança de hábitos, rotinas e ações dos indivíduos.

A vida do homem em sociedade [...] é uma luta pela existência, e, portanto, um processo de adaptação seletiva. A evolução da estrutura social foi um

⁵² Essa atualização teórica é pertinente em Veblen, uma vez que outros autores clarificaram seus conceitos. Tal atualização não foi efetuada às diferentes interpretações de Marx, já que esta abriria um flanco a uma miríade de concepções. Ao contrário de Veblen, Marx é mais preciso em seus conceitos.

⁵³ A teoria evolucionista é derivada de Darwin, que estudou as espécies que viviam que regiões diferentes. Sua maior conclusão é a de que os processos naturais dinâmicos modificam os organismos vivos.

⁵⁴ Nessa frente de pesquisa há autores que abordam a tecnologia como Christopher Freeman, Francisco Louçã, Richard Nelson, Sidney Winter, Giovanni Dosi entre outros. Essa área de pesquisa não será aqui abordada.

⁵⁵ Esses conceitos serão explorados à frente.

processo de seleção natural das instituições. O progresso que se fez e que se vai fazendo nas instituições humanas e no caráter humano pode ser considerado, de um modo geral, uma seleção natural de hábitos mentais mais aptos e um processo de adaptação forçada dos indivíduos a um ambiente que vem mudando progressivamente mediante o desenvolvimento da comunidade e a mudança das instituições sob as quais o homem vive (VEBLEN, 1983, p. 87)

Os processos de mudanças e de continuidades são constantes. Em aproximação à teoria evolucionária de Darwin, os resultados futuros não são previsíveis, portanto, não são teleológicos (BARBOSA; COMIM, 2012). O futuro é dinâmico, contínuo, incerto e com mudanças não necessariamente ótimas. As teorias evolucionárias têm elementos randômicos, sistêmicos e inerciais que sempre mudam as instituições e levam a adaptações dos mais hábeis (CONCEIÇÃO, 2002a).

Assim, o evolucionismo possui uma ontologia darwiniana com componentes motivacionais e interacionais. No âmbito das relações econômicas, a evolução proporciona o desenvolvimento; um processo de transformação estrutural. Diferente da evolução natural biológica que é transmitida pelo gene, a transformação econômica passa pelo indivíduo que afeta o meio e é capaz de transmitir e absorver cultura, protagonizando os processos econômicos. No centro dessa ótica estão as noções de variação, seleção e herança⁵⁶ em uma perspectiva causal e cumulativa, de encontro ao enfoque metodológico que conhece previamente o resultado ótimo. Embora as adaptações cumulativas alterem o ambiente, a evolução não leva necessariamente à perfeição ou à melhoria. A mudança pode trazer uma “*imbecile institution*”, deixando sempre o futuro aberto (HODGSON, 1992). A história é opaca e caminha em *blind drift*, ela não possui significado e nem desenho futuro inerente (DUGGER, 1988). O processo de mudança é, assim, não homogêneo, dinâmico e não teleológico (LUZ, FRACALANZA, 2011).

As mudanças estruturais no evolucionismo possuem relação com o meio, com o indivíduo e com as instituições. Esta primeira seção desenvolve brevemente as noções que dão base ao pensamento de Veblen. Nas seções seguintes serão explorados esses conceitos e o entendimento de sua interação.

⁵⁶ A herança ocorre por meio da observação, imitação, ensinamento e treinamento (PRADO, 2009).

2.2.2 O indivíduo em Veblen

Conforme exposto na seção anterior, Veblen é repetidamente crítico à concepção do indivíduo maximizador, inerte, autocentrado e que proporciona o equilíbrio social. Ele frisa que elementos outros compõem a formação e a conduta dos indivíduos, e não apenas a racionalidade. O indivíduo é multifacetado e analisá-lo, do ponto de vista econômico, apenas pelos seus fins e meios é um equívoco, principalmente porque a faceta individual que almeja os seus fins é a menor parcela do todo individual.

*The social, civic, military, and religious interests come in for their share of attention, and between them they commonly take up by far the larger share of it*⁵⁷. (VEBLEN, 1952, p.105, grifos acrescidos).

Ao contrário da visão hedonista, o sujeito em Veblen tem personalidade e história própria. Ele não pode ser empacotado em um padrão de conduta fixa e pré-determinada, porque em assim sendo as idiossincrasias são destituídas. Cada indivíduo está formado dentro de seu meio cultural, com sua história e com sua personalidade não facilmente previsível. Este indivíduo de Veblen não é conceituado a partir de seus objetivos, mas a partir de sua personalidade:

*While hedonism seeks the causal determinant of conduct in the (probable) outcome of action, the later conception [a concepção de Veblen] seeks this determinant in the complex of propensities that constitutes man a functioning agent, that is to say, a personality. Instead of pleasure ultimately determining what human conduct shall be, the tropismatic⁵⁸ propensities that eventuate in conduct ultimately determine what shall be pleasurable. For the purpose in hand, the consequence of the transition to the altered conception of human nature and its relation to the environment is that the newer view formulates conduct in terms of personality, whereas the earlier view was content to formulate it in terms of its provocation and its by-product*⁵⁹ (VEBLEN, 1952, p. 156, grifos acrescidos).

⁵⁷ “Os interesses sociais, cívicos, militares e religiosos vêm para a sua quota de atenção [do indivíduo], e dentre eles [os interesses], geralmente ocupam, de longe, a maior parte dela [da atenção]”

⁵⁸ Tropismo é um estímulo externo que movimenta um organismo.

⁵⁹ “Enquanto o hedonismo procura o determinante causal da conduta no (provável) resultado da ação, a concepção anterior [a darwiniana] procura esse determinante na síntese de múltiplas propensões que constituem o homem como um agente funcional, ou seja, uma personalidade. Ao invés do prazer determinar o que deveria ser o fim último da conduta humana, as propensões (tropismo) que resultam em condutas determinam o que deve ser prazeroso. Para esse propósito, a consequência da transição para a concepção diferente da natureza humana e suas relações com o ambiente é que a nova visão [a darwiniana] formula a

Um indivíduo que encontra parte de sua formação no meio em que está inserido é maleável pelas mudanças históricas. Ele está, de fato, em constante mutação, se adaptando às circunstâncias, às transformações do ambiente e se altera também por suas mudanças individuais.

[...] the older preconceptions of the science are here *spoken of as construing human nature in inert terms*, as contrasted with the newer, which construes it in terms of functioning⁶⁰ (VEBLEN, 1952, p. 156,-157, grifos acrescidos).

O indivíduo é, portanto, modelado pelas estruturas sociais, pela evolução da sociedade. Existe também um aspecto do indivíduo que é estritamente pessoal. Vem de seus conhecimentos adquiridos, de suas motivações de seus hábitos⁶¹ formados, de sua identidade genética. Esse aspecto pessoal se materializa nas diferentes reações que cada homem obtém:

*Each individual is but a single complex of habits of thought, and the same psychical mechanism that expresses itself in one direction as conduct expresses itself in another direction as knowledge. The habits of thought formed in the one connection, in response to stimuli that call for a response in terms of conduct, must, therefore, have their effect when the same individual comes to respond to stimuli that call for a response in terms of knowledge*⁶² (VEBLEN, 1952, p. 105, grifos acrescidos).

Não se pode pressupor um conceito pronto de indivíduo válido em qualquer lugar e em qualquer tempo. As motivações dependem do contexto, da formação pessoal, dependem da classe em que o indivíduo está inserido e são distintas em cada um. Em assim sendo, as motivações dependem de homem para homem, de classe para classe. Os hábitos formados na sociedade em que se vive e em seu próprio mundo individual se solidificam na peculiaridade unitária.

conduta em termos de personalidade, enquanto a visão anterior contentava-se em formular a conduta em termos de seus objetivos e seus subprodutos” (tradução própria).

⁶⁰ “As velhas proposições da ciência constroem a natureza humana em termos inertes, em contraste com a nova que constrói em termos da atividade” (tradução própria).

⁶¹ Para Hodgson (2007, p.96) “habit is reinstated as a core dispositional mechanism underlying actions and beliefs” (“hábito é reintegrado como um mecanismo dispositivo que delinea ações e crenças” - tradução própria).

⁶² “Cada indivíduo não é mais do que um complexo de hábitos de pensamento, e o mesmo mecanismo psíquico que se manifesta em uma direção como conduta se expressa em outra direção como conhecimento. Os hábitos de pensamento formados em uma conexão, em resposta a estímulos que requerem reações em termos de conduta, devem, portanto, ter seus efeitos quando o mesmo indivíduo vem a responder a estímulos que requerem uma reação em termos de conhecimento” (tradução própria).

[...] it is conceived that the motives which guide men in their choice of employments and of *domicile differ from man to man* and from class to class, not only in degree, but *in kind*, and since varying antecedents, of *heredity and of habit*, variously influence men in their choice of a manner of life, *therefore the mere quantitative pecuniary stimulus cannot be depended on to decide the outcome without recourse*⁶³ (VEBLEN, 1952, p 153, grifos acrescidos).

Mesmo que o indivíduo seja considerado com peculiaridade e com história, existem aqueles traços comuns mais generalizáveis que Veblen identifica. Ele qualifica tais traços como “instintos”⁶⁴. Diferentemente da acepção do termo comumente associado à conduta animal, Veblen faz referência às qualidades inatas nos homens desde o início da humanidade, sendo elas mais ou menos evidentes. Ainda que crítico a uma modelação específica pelos neoclássicos, ele distingue as propensões e motivações inatas nos homens e que não estão nos animais. Os instintos têm suas fontes genéticas, inatas dos homens que visam a sobrevivência, formam a “natureza humana”. Eles são relativamente imutáveis e indeterminados. A primeira característica retrata a manutenção dos mesmos instintos nos homens desde o começo da humanidade. A segunda sinaliza a capacidade de adaptar as propensões inatas de acordo com o meio.

Esses traços de personalidade podem ser suprimidos ou amplificados de acordo com o contexto cultural e com as motivações idiossincráticas. As ações decorrentes dos instintos são teleológicas, pois existe um fim a ser alcançado no instinto, porém, há uma ponderação efetuada pela inteligência humana. A possibilidade de reflexão sobre os instintos é a característica peculiar dos homens em relação aos animais. Não podem ser confundidos os instintos com as reações impulsivas e automáticas nos homens, pois existe a ponderação racional. Há sempre a razão nas ações instintivas, em maior ou em menor grau.

Existem muitos instintos, mas podem ser classificados em dois principais eixos: o de construção e trabalho eficaz e o predatório (de exploração). O instinto do trabalho eficaz é o instinto que nos faz escolher os melhores meios produtivos para determinados fins. Ele instiga o trabalho para gerar o bem-estar individual e coletivo. Vinculado a esse instinto existem

⁶³ “É concebido que os motivos que guiam os homens nas suas escolhas de emprego e de domicílio diferem de homem para homem e de classe para classe, não apenas em grau, mas em qualidade. Os diferentes antecedentes hereditários e de hábitos influenciam de várias formas no seu estilo de vida, por isso não se pode contar com o mero estímulo pecuniário quantitativo para decidir o resultado sem recursos” (tradução própria).

⁶⁴ Esse conceito não é absolutamente claro em Veblen, assim como outros. O próprio autor reconhece o raro esforço que fez para clarificar conceitos.

outros como o da preocupação com a sociedade, atenção aos descendentes (instinto paternal), curiosidade e busca do conhecimento e do crescimento (instinto construtivo). Desse eixo instintivo surge o avanço da produtividade, o domínio da natureza, a afeição humana, a cooperação, a curiosidade, a criatividade e os interesses outros que não o ganho individual.

O instinto predatório nasce da disputa entre os indivíduos para demonstrar força. Com a existência do excedente econômico no avanço da civilização, o instinto predatório traz à tona a exploração social e a tendência da abstenção ao trabalho (classe ociosa): “nesse estágio cultural, a competição é a forma aceita e digna de auto-afirmação [...]” (VEBLEN, 1983, p. 11). A partir desse instinto nasce o conflito humano, a exploração social, de classe e racial. Calcado nos instintos predatórios, há a competição, o desejo de obter mais e até a falta de escrúpulos para ultrapassar concorrentes.

Alguns homens são mais guiados pelos instintos de “exploração” e outros mais propensos aos instintos “construtivos”. Os primeiros desenvolvem o instinto da “cerimônia” para ocultar o efeito predatório dos instintos de exploração. Essa seria a “classe ociosa”, com “interesses investidos”. Já a classe operária teria os instintos construtivos mais desenvolvidos, inclinados à cooperação, à criatividade e ao desenvolvimento⁶⁵.

O meio incentiva ou estimula um ou outro instinto :

Essa mudança de atitude espiritual é o resultado de mudança nos fatos materiais da vida de um grupo; ela se opera gradualmente, à medida que surgem as circunstâncias materiais favoráveis [...] a fase cultural predatória, desse modo, se firma gradualmente, pelo crescimento cumulativo de aptidões, hábitos e tradições predatórias, tal crescimento se deve a uma mudança na vida do grupo, de circunstâncias tendentes a desenvolver e conservar os traços da natureza humana e as tradições e normas de conduta que favoreçam a vida predatória de preferência à vida pacífica (VEBLEN, 1983, p. 12-13).

Enquanto os hábitos mentais dos homens forem moldados pelo processo competitivo de aquisição e retenção; enquanto suas funções econômicas forem compreendidas na posse de riqueza concebida em termos de valor de troca, e sua direção e financiamento mediante uma permuta de valores; enquanto a sua experiência da vida econômica favorecer a sobrevivência e a acentuação do temperamento e hábitos mentais predatórios [...] (VEBLEN, 1983, p. 104).

Ainda que formado pelo ambiente, há uma parcela instintiva e peculiar de cada indivíduo. E, nesse indivíduo, há uma parte objetiva e mais previsível e outra imprevisível.

⁶⁵ Esse tema será retomado no último capítulo deste trabalho.

Assim, a conduta humana possui uma faceta habitual e outra hedonista e racional. Aspectos distintos e que não dialogam entre si, uma vez que em determinados eventos o agente não é teleológico. A racionalidade é cingida, em momentos, por fatores de habituação e exigências convencionais. Nesse sentido, o indivíduo é composto por instintos, hábitos e racionalidade.

Como outros animais, o homem é um agente que atua em resposta a estímulos produzidos pelo ambiente em que vive. Como outras espécies, ele é uma criatura de hábitos e propensões. Entretanto, em grau mais elevado que as outras espécies, o homem medita sobre o conteúdo dos hábitos que o guiam, e avalia a tendência desses hábitos e propensões. Ele é notavelmente um agente inteligente. Por necessidade seletiva, ele é dotado com uma inclinação para as ações intencionais (VEBLEN⁶⁶, 1964, p. 80 *apud* MONASTÉRIO, 2005, p. 5-6).

Existem também dois fundamentos teóricos que Veblen considera para tratar da conduta humana. Uma é a “razão suficiente”, a faceta do instinto que prevê os acontecimentos futuros e toma decisões ancorada nessas previsões (racional). Ou seja, se refere a como o futuro altera o presente através da antecipação dos fatos. Essa faceta é teleológica porque busca os objetivos futuros, se relaciona com meios e fins. Porém, esse teleologismo é diferente daquele metodológico, pois se refere à ação do homem.

Outra faceta está lastreada na “causa eficiente”, sendo essa objetiva, impessoal e determinística (habitual). Esse conceito se relaciona a causa e efeito, sem espaço para reflexão racional. Desse tipo de ação, não são levados em conta os resultados que serão obtidos, não teleológicos, portanto. Da causa eficiente derivam os hábitos de pensamento.

The relation of sufficient reason runs only from the (apprehended) future into the present, and it is solely of an intellectual, subjective, personal, teleological character and force; while the relation of cause and effect runs only in the contrary direction, and it is solely of an objective, impersonal, materialistic character and force⁶⁷ (VEBLEN, 1952, p.238).

Existem, portanto, diversos componentes que estão no indivíduo. O ambiente em que ele está inserido, seu meio cultural, os instintos presentes em todos os homens, mais ou menos

⁶⁶ VEBLEN, Thorstein. *Essays in our changing order*. New York: Augustus M. Kelley, 1964.

⁶⁷ “A relação de ‘razão suficiente’ vai somente do futuro (apreendido) para o presente, e é unicamente de um caráter intelectual, subjetiva, pessoal, teleológico e de força; enquanto a relação de causa e efeito vai somente na direção contrária, e é unicamente de um caráter objetivo, impessoal, materialista e de força” (tradução própria).

fortificados de acordo com suas peculiaridades, sua racionalidade, seus hábitos, a sua própria história e sua autodeterminação pessoal. Embora uma parcela do indivíduo seja mais objetiva, os diversos fatores que o influenciam é que estabelecem os seus hábitos.

*Human conduct, taken as the reaction of such an organism under stimulus, may be stated in terms of tropism, involving, of course, a very close-knit causal sequence between the impact and the response, but at the same time imputing to the organism a habit of life and a self-directing and selective attention in meeting the complex of forces that make up its environment. The selective play of this tropismatic complex that constitutes the organism's habit of life under the impact of the forces of the environment counts as discretion*⁶⁸ (VEBLEN, 1952, p. 156, grifos acrescidos).

Em suma, o indivíduo vebleniano é formado por diversos elementos. Ele é constituído em um processo cumulativo de adaptações aos processos e aos eventos que ocorrem. Tem seus fins e seus meios. Tem sua história, seus instintos (fortificados ou suprimidos), suas peculiaridades e não possui consistência interna perfeita, por agir contraditoriamente em alguns momentos. E está sob influência dos hábitos e do meio em que vive (CONCEIÇÃO, 2002).

Ocorrendo um novo movimento ou em uma nova situação forjada, o indivíduo capta as variações, se adapta e constroi um novo hábito. Esse processo é carregado de mudança e de aprendizado, sendo por isso cumulativamente incorporado, ao se apreenderem os elementos causais anteriormente apresentados. Como a sociedade está em constante movimento, as reações individuais também se alteram constantemente. Uma parte do movimento externo ao indivíduo e que o forma está nas instituições, que é tema da próxima seção.

⁶⁸ “A conduta humana, tida como a reação de um organismo sob estímulos, pode estar expressa em termos de tropismo [estímulo externo], envolvendo, é claro, uma bem costurada sequência causal entre o impacto e a resposta, mas ao mesmo tempo impondo ao organismo um hábito de vida e uma atenção seletiva e auto-dirigida em um complexo de forças que compõem o seu ambiente. O jogo seletivo deste complexo de tropismo que constitui o hábito de vida do organismo sob o impacto das forças do ambiente conta como arbítrio” (tradução própria).

2.2.3 Instituições

A conjunção de hábitos dos indivíduos formam as instituições. Em Veblen, as instituições são hábitos de pensamento dominantes, conjunto de normas, valores, regras⁶⁹, convenções⁷⁰ que são estabelecidos pelo pensamento comum e que se tornam rotinas, padrões em uma sociedade, sendo ainda sujeitas a mudança; evolução: “that is what is meant by calling *them institutions*; they are settled *habits of thought common to the generality of men*”⁷¹ (VEBLEN, 1952, p. 238, grifos acrescidos). Eles são solidificados a partir dos instintos humanos e possuem relação com a causa eficiente e com a razão suficiente. Estes hábitos estabelecidos superam ou fortalecem os processos, as rotinas e modelam as sociedades. Nos termos de Hodgson (2007, p.96) instituições são “systems of established and embedded social rules that structure social interactions”⁷²

John Commons define as instituições como ações coletivas que controlam o indivíduo. Na interação do indivíduo com a sociedade são estabelecidas normas de comportamento, convenções, códigos de conduta, costumes, tabus que formam a ordem social.

As instituições podem ser tidas, ainda, como crenças que configuram o arranjo de poder, ações coletivas que controlam o indivíduo, restrições advindas da interrelação humana, poder que condiciona a transação e a reprodução material, conjunto de hábitos e pensamentos repartidos pelo tecido social... (CONCEIÇÃO, BARCELLOS, 2010; STANFIELD, 1999).

No entendimento de Veblen, as instituições são normas e valores formados no passado e em constante transformação, modelando a conduta humana no presente:

o conceito de instituição em Veblen pode ser resumido como um conjunto de normas, valores e regras e sua evolução. Tais fatores resultam de uma situação presente que molda o futuro através de um processo seletivo e coercitivo, orientado pela forma como os homens vêem as coisas, o que altera ou fortalece seus pontos de vista (CONCEIÇÃO, 2002a, p. 122).

⁶⁹ Hodgson (2007, p. 96) assevera que as regras são “understood as socially transmitted and customary normative injunctions or immanently normative dispositions that in circumstances X do Y. (As regras são socialmente transmitidas e são usualmente ações inibitórias normativas ou disposições imanentemente normativas que, em circunstâncias X provocam Y – tradução própria).

⁷⁰ “Conventions are particular instances of institutional rules (HODGSON, 2007, p. 96, grifos no original). (“Convenções são instâncias particulares das regras institucionais” – tradução própria).

⁷¹ “Isto é o que se entende por instituições; são hábitos de pensamento estabelecidos comuns a generalidade dos homens” (tradução própria).

⁷² “Sistemas de regras sociais estabelecidas e enraizadas que estruturam interações sociais” (tradução própria).

Existem outros conceitos do que seja uma “instituição”, sendo esses por vezes inconciliáveis⁷³. Todos esses conceitos, entretanto, incluem a *path-dependence*⁷⁴, ou seja, entendem que o processo de desenvolvimento econômico é peculiar e que o ambiente econômico envolve disputas, conflitos e incertezas (CONCEIÇÃO, 2002a). Há concordância, ainda, de que os instintos, regras, a história e a experiência passada importam. É assumido, ainda, que as restrições formadas pelas instituições mudam e são modeladas pela interação humana e que elas estruturam a sociedade. Em concordância a esses fenômenos, é consenso que o comportamento humano é dinâmico e não estático.

Veblen não efetuou uma sistematização completa de suas concepções teóricas, de tal modo que, a partir de seus fundamentos, os neo-institucionalistas aprofundaram suas ideias pouco desenvolvidas. Para Hodgson (2003, p. 7):

Institutions are durable systems of established and embedded social rules and conventions that structure social interactions. Language, money, law, systems of weights and measures, table manners, firms (and other organisations) are all institutions. In part, the durability of institutions stems from the fact that they can usefully create stable expectations of the behaviour of others. Generally, institutions enable ordered thought, expectation and action, by imposing form and consistency on human activities. They depend upon the thoughts and activities of individuals but are not reducible to them⁷⁵.

As instituições sob o olhar neo-institucionalista são sistemas estabelecidos entre os homens, baseados nas regras sociais que estruturam a interação da sociedade. Há ênfase na maneira como as instituições modelam a evolução social e sua interação com os indivíduos (CONCEIÇÃO, 2002a).

⁷³ Foge aos objetivos aqui propostos apreender a amplitude das escolas institucionalistas, assim como os eixos que segmentam seu paradigma científico. Passar-se-á, assim, tão-somente pelos aspectos que se interrelacionam com o objeto em estudo.

⁷⁴ Pelo *path-dependence* o presente é resultado da trajetória anterior. Assim, é preciso entender a história para explicar o presente. Para o institucionalismo, a história interfere na maneira como as sociedades vivem e as instituições de hoje dependem do passado. De acordo com a *path-dependence*, o ambiente institucional é peculiar a cada região. Portanto, a mudança econômica é uma consequência das ideias, ideologias e crenças que determinam a situação de longo prazo. Essa definição pode ser importada da física (HERSCOVICI, 2004) e é também aplicada no institucionalismo (CONCEIÇÃO, 2002a).

⁷⁵ “Instituições são sistemas duráveis de regras sociais e convenções estabelecidas e fixadas que estruturam as interações sociais. Língua, dinheiro, leis, sistema de pesos e medidas, etiqueta, firmas (e outras organizações) são todas instituições. Em parte, a durabilidade das instituições origina-se do fato de que se pode usualmente criar expectativas estáveis do comportamento dos outros. Em geral, instituições permitem pensamento ordenado, expectativa e ação, por impor forma e consistência às atividades humanas. Elas dependem dos pensamentos e atividades de indivíduos mas não são redutíveis a eles” (tradução própria).

As ações individuais e os hábitos modelam as normas e os valores, de maneira a restringir a ação dos integrantes de um determinado grupo humano. Sendo que estas instituições, estas normas de conduta, evoluem à medida que novos valores e hábitos se instalam entre os indivíduos. E esses, em um segundo momento, passam a ter influência das novas instituições, se adaptando a elas.

As instituições são elas próprias o resultado de um processo seletivo e adaptativo que modela os tipos prevaescentes, ou dominantes, de atitudes e aptidões espirituais; são, ao mesmo tempo, métodos especiais de vida e de relações humanas, e constituem, por sua vez, fatores eficientes de seleção (VEBLEN, 1983, p. 87).

As instituições influenciam o indivíduo através de duas maneiras: agindo sobre os desejos e impondo normas sociais que restringem a conduta⁷⁶, de modo que o indivíduo seja aceito pelo grupo ao respeitar as normas. Assim sendo, não faz sentido a construção de uma teoria que observe apenas o indivíduo isoladamente, uma vez que ele sofre influência do meio em que vive.

Importa mais, aqui, como Veblen delimita as instituições. Nele, instituição é um fenômeno cultural, resultante de um grupo de indivíduos, que, por vezes, assume materialidade. Enquanto hábitos e tabus éticos são imateriais ou informais, podendo, também assumir materialidade, ou formalidade, através de leis e contratos, impactando sobre os desejos e costumes dos indivíduos⁷⁷. Em assim sendo, os hábitos mentais dos indivíduos constroem e/ou fortificam as instituições e essas restringem a ação individual. Veblen frisa que não se pode desconsiderar o indivíduo na análise teórica, isso porque, juntamente com as instituições, o indivíduo está no centro da questão:

⁷⁶ Um ponto correlato é a compreensão do porquê os agentes se adequam (ou não) às instituições e como se dá esse processo. Tema não aprofundado aqui e melhor trabalhado em Dequech Filho (2012).

⁷⁷ North (1995) faz uma distinção mais precisa sobre as instituições formais e informais. As regras formais e informais moldam a organização das firmas e do crescimento, como consequência. A política, que estabelece as regras formais, possui a incumbência de dar os incentivos e assegurar os direitos de propriedade, para que o ambiente institucional seja convidativo ao capital. O encorajamento e os incentivos dados ao aumento do conhecimento, da tecnologia e das inovações determinam o comportamento econômico no longo prazo. O arcabouço teórico de North é um pouco distinto dos autores aqui tratados, embora com algumas proximidades. Ele enfatiza custos de transação, eficiência produtiva, concorrência e direitos de propriedade. Ao mesmo tempo, faz críticas às bases da teoria neoclássica apontando a inexistência de racionalidade ilimitada e de mercados completos. Ele pontua também que existe incerteza, identifica retornos crescentes de escala com o progresso institucional e considera ainda que a informação custa e é cara, tornando-se fragmentada. Na suposição de informação perfeita há a existência implícita de ausência de custos de transação, mas esta situação não é possível, sendo o autor crítico a esta visão.

The growth and mutations of the institutional fabric are an outcome of the conduct of the individual members of the group, since it is out of the experience of the individuals, *through the habituation of individuals, that institutions arise; and it is in this same experience that these institutions act to direct and define the aims and end of conduct.* It is, of course, on individuals that the system of institutions imposes those *conventional standards, ideals, and canons of conduct* that make up the community's scheme of life. Scientific inquiry in this field, therefore, *must deal with individual conduct* and must formulate its theoretical *results in terms of individual conduct*⁷⁸ (VEBLEN, 1952, p.243, grifos acrescidos).

Conforme exposto no ponto 2.1, os utilitaristas não consideram o impacto que as instituições exercem sobre os indivíduos. O interesse pecuniário, motivação pessoal, se mantém, em termos teóricos, sem influências outras, sabidamente existentes e advindas das instituições.

Nor is it conceived that the presence of this institutional element in *men's economic relations* in any degree *affects or disguises the hedonistic calculus*, or that its pecuniary conceptions and standards in any degree standardize, color, *mitigate, or divert* the hedonistic calculator from the direct and unhampered quest of the net sensuous gain⁷⁹ (VEBLEN, 1952, p.244, grifos acrescidos).

Nesse sentido, na teoria convencional apenas o interesse individual é considerado. Porém, crenças, valores, hábitos, costumes interferem na conduta do indivíduo. Restringem, inibem, proíbem inúmeras atitudes, inclusive algumas advindas do interesse individual, tão caro à teoria convencional. Ao tempo em que facetas outras do homem são mutiladas no desenvolvimento teórico, as instituições deixam de ser consideradas, ainda que igualmente importantes na formação do indivíduo. Enquanto se simplifica a construção teórica, o próprio indivíduo é retirado do conceito de indivíduo:

⁷⁸ “O crescimento e mutações do tecido institucional são o resultado da conduta dos membros individuais do grupo, pois é a partir da experiência dos indivíduos, através dos hábitos dos indivíduos, que surgem as instituições, e é nesta mesma experiência que essas instituições atuam para direcionar e definir os objetivos e fins da conduta. É, naturalmente, sobre os indivíduos que o sistema de instituições impõe os padrões convencionais, ideais e os cânones de conduta que compõem o esquema de vida comunitária. Investigação científica nesta área, portanto, deve lidar com a conduta individual e deve formular seus resultados teóricos em termos de conduta individual” (tradução própria).

⁷⁹ “Não é considerado que a presença deste elemento institucional afeta ou disfarça o cálculo hedonista nas relações dos “homens econômicos” em qualquer grau, ou que suas concepções e padrões pecuniários em qualquer grau padronizam, colorem, mitigam, ou desviam o calculador hedonista da busca direta e desimpedida do ganho líquido” (tradução própria).

since the principles of human nature that give the outcome in men's economic conduct [...] the element of *human nature* [physical, political, and social] *may fairly be eliminated from the problem*, with great gain in simplicity and expedition. *Human nature being eliminated*, as being a constant intermediate term, and all *institutional features of the situation being also eliminated*⁸⁰ (VEBLEN, 1952, p. 143, grifos acrescidos).

A totalidade cultural exerce influência sobre o indivíduo e não apenas o cálculo hedonista. Essa totalidade é expressa pelas instituições que são peculiares e idiossincráticas a cada ambiente. O homem vebleniano está, portanto, enraizado nas instituições. É composto por instintos inatos, mas também por regras sociais que restringem sua conduta, sendo, por vezes, tais motivadores, contraditórios. As instituições envolvem os indivíduos e os determinam, definem seus padrões. Nelas estão as normas de conduta social, os conceitos de honra que impactam diretamente na vida cotidiana do indivíduo:

*A culture whose institutions are a framework of invidious comparisons implies, or rather involves and comprises, a scheme of knowledge whose definitive standards of truth and substantiality are of an animistic character; and, the more undividedly the canons of status and ceremonial honor govern the conduct of the community, the greater the facility with which the sequence of cause and effect is made to yield before the higher claims of a spiritual sequence or guidance in the course of events. Men consistently trained to an unremitting discrimination of honor, worth, and personal force in their daily conduct, and to whom these criteria afford the definitive ground of sufficiency in coordinating facts for the purposes of life, will not be satisfied to fall short of the like definitive ground of sufficiency when they come to coordinate facts for the purposes of knowledge simply*⁸¹ (VEBLEN, 1952, p.107-108, grifos acrescidos).

Como as circunstâncias estão em constante alteração, as instituições se modelam e se transformam. No mesmo sentido, o indivíduo, influenciado pelas instituições, não está no equilíbrio estável e transforma seus hábitos como reação à mudança institucional. Esse novo

⁸⁰c. Desde que o princípio da natureza humana que dá o resultado da conduta do homem econômico [...] o elemento da natureza humana [física, política e social] foi eliminado do problema, com grande ganho em simplicidade e urgência, a natureza humana é também eliminada e todos os aspectos institucionais da situação, um termo intermediário constante, são também eliminados [...]”(tradução própria).

⁸¹c. Uma cultura cujas instituições são estruturadas de comparações invejosas implica, ou antes envolve e compreende, um esquema de conhecimento cujos padrões definitivos de verdade e substancialidade são de um caráter animista; e, quanto mais inseparáveis os cânones de status e honra cerimonial que governam a conduta da comunidade, maior a facilidade com a qual a sequência de causa e efeito é feita para ceder ante as altas reivindicações de uma sequência espiritual ou guia no curso dos eventos. Homens consistentemente treinados a uma discriminação incessante de honra, valor e força pessoal na sua conduta diária, e para os quais esses critérios permitem o definitivo nível de suficiência em coordenar fatos para os fins de vida, não estarão satisfeitos em ficar sem os níveis definitivos de suficiência quando eles coordenarem fatos para os fins de conhecimento simplesmente” (tradução própria).

evento tem a capacidade de, mais uma vez, dar as bases para uma nova mudança institucional. Aqui, portanto, já se trata com mais clareza sobre a relação indivíduo-instituição, cerne deste estudo. Esse ponto em Veblen é aprofundado na seção seguinte.

2.2.4 As relações de causalidade instituições-indivíduo

O indivíduo de Veblen está submerso nas instituições, as quais circunscrevem a ação humana. Nesse sentido, o indivíduo não pode ser construído isoladamente, nem mesmo em termos teóricos. Assim, a ação individual é fortemente condicionada pela vida em grupo, pelo que é imposto pelo esquema comum, pelas instituições. Sendo as relações humanas advindas de uma formação institucional, elas mudam de acordo com as alterações institucionais, essas sempre em constante evolução. Nos termos de Veblen (1952, p. 242- 243, grifos acrescidos):

On the other hand an adequate theory of economic conduct, even for statical purposes, cannot be *drawn in terms of the individual simply* as is the case in the marginal-utility economics because it cannot be drawn in terms of the *underlying traits of human nature simply*; since the response that goes to make up human conduct takes *place under institutional norms* and only under stimuli that have *an institutional bearing*; for the situation that provokes and *inhibits action* in any given case is itself in great part of institutional, cultural derivation. Then, too, the phenomena of human life *occur only as phenomena of the life of a group or community*: only under stimuli due to contact with the group and only *under the (habitual) control exercised* by canons of conduct imposed by the *group's scheme of life*. Not only is the *individual's conduct hedged* about and directed by his habitual relations to his fellows in the group, but these relations, *being of an institutional character*, vary as the institutional scheme varies. *The wants and desires*, the end and aim, the ways and means, the amplitude and drift of the individual's conduct are *functions of an institutional variable that is of a highly complex and wholly unstable character*⁸².

⁸²Por outro lado, uma teoria adequada da conduta econômica, mesmo para fins estatísticos, não pode ser formulada em termos do indivíduo simplesmente como é o caso na economia da utilidade marginal, porque não pode ser desenhado em termos dos traços subjacentes da natureza humana simplesmente, já que a questão que vai ser feita sobre a conduta humana ocorre sob as normas institucionais e apenas sob estímulos que têm implicações institucionais; uma situação que provoca e inibe a ação em qualquer caso é em grande parte uma derivação institucional, cultural. Então, também, os fenômenos da vida humana ocorrem apenas como fenômenos da vida de um grupo ou da comunidade: somente sob estímulos devidos ao contato com o grupo e apenas sob o controle (habitual) exercido pelos cânones de conduta impostos pelo esquema de vida do grupo. Não só é a conduta do indivíduo formada e dirigida por suas relações habituais de seus companheiros de grupo, mas essas relações, sendo de um quadro institucional, variam conforme o esquema institucional varia. As necessidades e desejos, o fim e o objetivo, as formas e meios, a amplitude e desvio de

Veblen expos a necessidade de considerar as múltiplas causalidades, porém não aprofundou esse debate em sua obra:

a estrutura social sofre mudanças, evolui, adapta-se a uma situação modificada apenas mediante uma mudança de hábitos mentais de várias classes da comunidade; ou, em última análise, mediante uma mudança dos hábitos mentais dos indivíduos que compõem a comunidade (VEBLEN, 1983, p.88).

Assim, desde os chamados “velhos” institucionalistas houve a visão de que não se pode explicar os fenômenos sociais a partir do pilar individual, conforme a análise neoclássica. Adicionalmente, a visão institucionalista é também conflitante com a convencional no que toca à percepção de ser possível apreciar a coletividade através da soma das partes, contrastante com o entendimento vebleniano de que os indivíduos não são idênticos, nem estáticos e tampouco previsíveis. Apreensão essa que foi reforçada pelos neo-institucionalistas como Hodgson, que organiza teoricamente os indivíduos mutuamente entrelaçados em instituições, em um processo de mutação (tanto individual, quanto social), onde o todo difere da simples soma das partes. Ao contrário da visão de que eles estão isolados de relações sociais e culturais.

Nessa linha da atualização, o conceito de *propriedades emergentes*⁸³ leva em conta as características dos sistemas complexos que não são explicáveis a partir de seus micro-elementos. Aplicando-se essa concepção às ciências sociais, temos fenômenos observáveis na sociedade como um todo, mas não redutíveis ao menor nível de análise, no caso, o indivíduo, mesmo derivando desses últimos. Assim, tais propriedades não são passíveis da redução mecanicista, elas possuem um poder causal próprio de determinação e uma capacidade extra não redutível às capacidades dos entes constituintes. Em outros termos, pelas propriedades emergentes não é possível explicar a realidade no todo pela apreensão dos elementos que o compõe no plano básico.

A property may be said to be *emergent* if its existence and nature depend upon entities at a lower level, but the property is neither reducible to, nor

conduta do indivíduo são funções de uma variável institucional que é de caráter altamente complexo e completamente instável” (tradução própria)

⁸³ Conceito mais utilizado na biologia. Esse conceito é detalhado em Hodgson (1997, 2007) e Prado (2009).

predictable from, properties of entities found at the lower level⁸⁴
(HODGSON, 2007, p 103, grifos no original).

A presença de propriedades emergentes faz com que os fatos no nível individual não possam ser agregados para efetuar previsões no nível global. As atividades coletivas possuem uma explicação própria e devem, portanto, ser observadas, ainda que esses fenômenos sejam pertinentes à compreensão do indivíduo. O sujeito e a estrutura não podem ser explicados de maneira segmentada. É necessário entender o indivíduo dentro da estrutura, reconhecendo seu papel na sua mutação.

Nas bases da última citação de Veblen, Hodgson sistematiza os conceitos teóricos de causalidade. Sendo os hábitos mentais comuns a um grupo social, estão eles imersos numa determinada cultura e essa influencia a conduta individual. Em um processo de *downward causation*, esses hábitos, cristalizados em instituições formais e informais, condicionam e restringem a conduta individual. A figura 1 ilustra a formulação teórica baseada em Veblen que destaca que as instituições fazem parte da explicação da conduta individual.

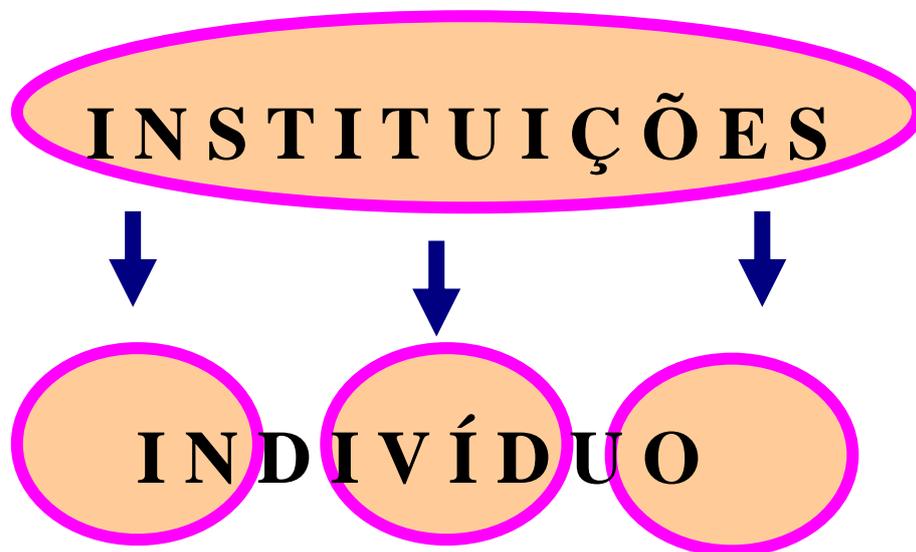


FIGURA 1 – *Downward causation*

Fonte: Elaboração própria, inspirado em Hodgson (1998a)

⁸⁴ “Uma propriedade pode ser dita emergente se sua existência e a natureza dependem de entidades em um nível inferior, mas a propriedade não é redutível a, nem previsível a partir das propriedades de entidades encontradas no nível inferior” (tradução própria).

De outro lado, e de forma aparentemente contraditória, o “velho” institucionalismo, reconhecia nas instituições os hábitos dos homens. Ou seja, os costumes de um grupo de pessoas acabam refletindo na ação coletiva e em suas convenções sociais, impondo, inclusive, limites sobre a atividade de outros indivíduos. E esses mesmos costumes individuais acabam reforçando as instituições. Logo, as instituições são construídas pelos homens e por eles transformadas em um processo de *upward causation*. Os fragmentos analíticos, os indivíduos, interferem nas instituições e essas impactam sobre os indivíduos.

O *upward causation* ocorre de maneira um pouco mais lenta e com defasagem histórica. De forma que as ações atuais dos indivíduos definirão as instituições futuras. Em um processo seletivo e coercitivo, há mudança ou fortalecimento de uma instituição. A figura 2 ilustra essa relação de causalidade inversa.

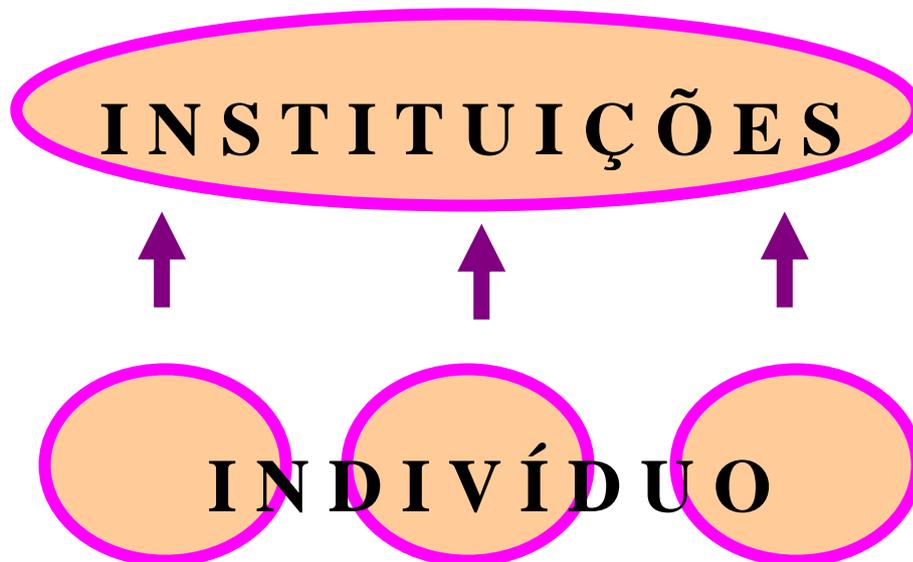


FIGURA 2 – *upward causation*

Fonte: Elaboração própria, inspirado em Hodgson (1998a)

Os hábitos se formam a partir de comportamentos repetidos. Algumas vezes, estas novas condutas são disposições inatas de indivíduos e em outros momentos advém das condições sociais que orientam o comportamento. Este novo hábito pode se tornar uma regra normativa estabelecida por um grupo social. A estruturação de uma regra tem a capacidade de restringir a conduta de outros indivíduos, reforçando esse hábito nas pessoas, formando-se uma instituição, um hábito reproduzido e durável, um acordo normativo na sociedade.

As crenças são formadas a partir das racionalizações de sentimentos e emoções, advindas dos hábitos, os quais foram estabelecidos por comportamentos repetidos. Há, portanto, uma interação entre comportamento, hábito, emoção e crenças, os quais explicam o poder normativo das instituições e parte da formação do indivíduo e da sociedade. Assim, o hábito forma regras e instituições, restringindo e/ou fortificando o comportamento do indivíduo.

Os indivíduos alteram instituições (*upward causation*). E as instituições moldam o comportamento dos agentes, mudam seus hábitos, restringem suas condutas. Assim, o *reconstitutive downward effects*⁸⁵ são as ações das estruturas agindo sobre os hábitos de pensamento e sobre as ações individuais. Isso não quer dizer, pontua Hodgson (2007, p. 108), que as estruturas determinem os indivíduos: “The existence of reconstitutive downward causation does not mean that institutions directly, entirely or uniformly determine individual aspirations, merely that there can be significant downward effects”⁸⁶.

Logo, as instituições dependem das atividades individuais e, ao mesmo tempo, restringem e os modelam. As instituições tem a capacidade de se “perpetuar” porque elas impõem as aspirações individuais e se fortificam nos hábitos coerentes com suas convenções. Porém, isso não significa que as instituições estão em um outro nível que não o dos indivíduos, já que dependem da existência desses indivíduos. A figura 3 demonstra como se dão estas mútuas e constantes causalidades.

⁸⁵ Hodgson cunhou o termo “*reconstitutive downward causation*”, porém, após críticas, alterou para “*reconstitutive downward effects*”. Essa alteração visa inibir a interpretação de que o indivíduo é tão-somente explicado pela estrutura e clarificar que em sua perspectiva abrange todos os níveis de causação, ou seja, contém elementos dos indivíduos, que geram instituições.

⁸⁶ “A existência da reconstitutive downward causation não significa que as instituições diretamente, inteiramente ou uniformemente determinam aspirações individuais, mas apenas que podem haver significativos efeitos downward” (tradução própria).

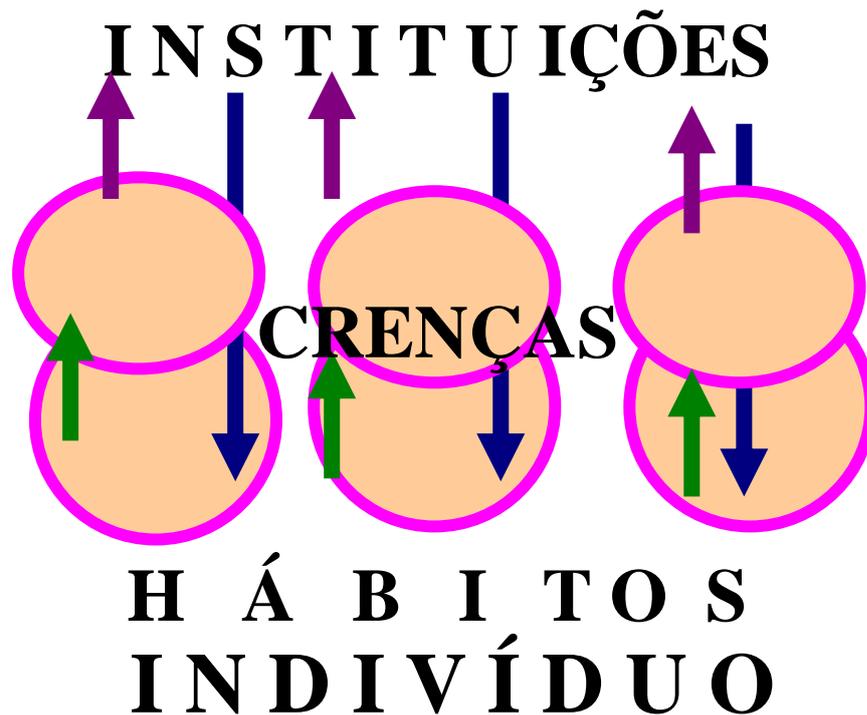


FIGURA 3 – *reconstitutive downward effects*

Fonte: Elaboração própria, inspirado em Hodgson (1998a)

Com o *reconstitutive downward effects*, os indivíduos e as sociedades se transformam mutuamente. Por esse motivo, é preciso entender a mudança dos indivíduos e das estruturas. Entender esse processo explica a mudança do indivíduo, de suas crenças e também explica a mudança da estrutura. Nas palavras de Hodgson (2007, p. 106):

This would mean an explanation of the evolution of individual purposes and beliefs, as well as an explanation of the evolution of structures [...] Their co-evolution must be examined, without conflating one into the other⁸⁷.

A interação e a independência das causalidades fazem as instituições se cristalizarem em estruturas objetivas fora dos indivíduos e influenciar a ação subjetiva do homem“ [...] actor and institutional structure, although distinct, are thus connected in a circle of mutual interaction and interdependence⁸⁸” (HODGSON, 2007, p. 108). Os agentes e suas preferências são alterados pelas circunstâncias institucionais e as instituições são

⁸⁷ “Isso significaria uma explicação sobre a evolução dos propósitos individuais e crenças, bem como uma explicação da evolução de estruturas [...] Sua co-evolução deve ser examinada, sem misturar um no outro” (tradução própria).

⁸⁸ “Ator e estrutura são, embora distintos, conectados em um círculo de interação mútua e interdependência” (tradução própria).

desenvolvidas pelos agentes. No *reconstitutive downward effects* não apenas as forças culturais ou econômicas controlam os indivíduos. Elas afetam as disposições, os pensamentos, as ações dos atores humanos. Assim, as instituições emergentes alteram os hábitos dos indivíduos e os transformam. E os indivíduos estruturam os hábitos de outros indivíduos, através das instituições.

E estas mudanças institucionais podem ocorrer de maneira gradual ou explosiva. Em ambos os casos, levam a mudanças de atitudes e de ações nos indivíduos. Há sempre essa permanente tensão, que gera reavaliações de rotinas e de decisões nos agentes (CONCEIÇÃO, 2002).

Existem dois processos de correlação entre as estruturas e os indivíduos, portanto. Embora diferentes aspectos ocorram eles não podem ser analisados isoladamente, estão entrelaçados.

[...] structure and agency are not treated as ‘separate and opposing things in the world or as mutually exclusive ways of thinking about the world’ but as ‘simply two sides of the same coin’. If we look at social practices in one way, we can see actors and actions; if we look at them in another way we can see structures.’ Agent and structure are regarded as different facets of a unity⁸⁹ (HODGSON, 2007, p. 103).

Desse desencadear, resulta que os institucionalistas (“velhos” e “neo”) veem os indivíduos e instituições simbioticamente constituídos. Os primeiros interferem nos segundos e vice-versa, sem uma relação causal única. O referido prisma teórico, une, portanto, a esfera individual com a coletiva (HODGSON, 1998), uma vez que entende a vida humana como algo coletivo: “[...] *human life occur only as a phenomena of the life of a group or community* [...]”⁹⁰ (VEBLEN, 1952, p. 242, grifos acrescidos).

Como resultado, o indivíduo é constituído por desejos inatos, por suas idiossincrasias, e as instituições formam parte dos desejos dos indivíduos. As instituições, os hábitos, são internalizadas pelos indivíduos. Em assim sendo, as instituições e a formação dos indivíduos são resultantes do passado, do contexto sócio-histórico progressivo: “[...] each new situation is

⁸⁹ “estrutura e agente não são tratados como ‘coisas separadas e opostas no mundo ou mutuamente exclusivas formas de pensar sobre o mundo’, mas como ‘simplesmente dois lados da mesma moeda’. Se olharmos para as práticas sociais de uma maneira, podemos ver atores e ações; se os olharmos de outra maneira podemos ver estruturas.’ Agente e estrutura são considerados como diferentes facetas de uma unidade” (tradução própria).

⁹⁰ “os fenômenos da vida humana ocorrem apenas como fenômenos da vida de um grupo ou de uma comunidade” (tradução própria)

a variation of what has gone before it and embodies as causal factors all that has been effected by what went before ⁹¹[...] (VEBLEN, 1952, p. 242)

Uma parte desta estrutura, destas causalidades, destas influências institucionais vem das relações econômicas firmadas ao longo do processo histórico. O sistema capitalista construiu valores, normas, crenças, muda rotinas e altera as motivações dos indivíduos.

The situation which shaped the common-sense apprehension of economic facts at the time was what has since *been called a capitalistic system*, in which pecuniary enterprise and the phenomena of the market were the dominant and tone-giving facts⁹². (VEBLEN, 1952, p.141, grifos acrescidos).

Do mesmo modo, Hodgson concorda que uma parcela das regras vividas está nas relações materiais: “History provides the resources and constraints, in each case both material and cognitive, in which we think, act and create⁹³” (HODGSON, 2007, p. 108).

O velho institucionalismo oferece diferentes perspectivas sobre a natureza do organismo humano, uma vez que os hábitos e regras não são homogêneos (HODGSON, 1998a). Assim, pode-se adentrar à discussão de ordem mais filosófica sobre a origem do egoísmo humano estar na essência do indivíduo ou ser um fruto da lógica de produção; a perspectiva institucionalista interpreta que tal conduta pode ter sua origem em ambos elementos e que podem, ou não, se retro-alimentar. Logo, o comportamento tido como egoísta do homem poderia se alterar, seja por motivação individual, seja pela formação de valores coletivos que restrinjam tal atitude e que estejam compartilhados na sociedade, advindos dos instintos construtivos inatos nos homens. Em uma confluência de valores (individuais e coletivos), a conduta se transformaria de forma simbiótica. Nessa perspectiva, seria possível, ainda, a mudança do modo de produção no sentido a mitigar o comportamento individualista, fator que emerge de valores dos indivíduos que se cristalizam em regras e instituições.

Em assim procedendo, o indivíduo teria a capacidade de modificar o ambiente em que vive pela influência que a ação coletiva exerce sobre as instituições (RUTHERFORD, 1998). Em outros termos, isso significa que o indivíduo tem um papel ativo e central em Veblen e

⁹¹ “[...] cada nova situação é uma variação do que aconteceu antes dela e incorpora como fatores causais tudo o que foi afetado pelo que aconteceu antes [...]” (tradução própria).

⁹² “A situação que delineou a apreensão pelo senso comum dos fatos econômicos na época foi o que tem sido chamado um sistema capitalista, no qual um empreendimento pecuniário e o fenômeno do mercado são os fatos dominantes (e que “dão o tom” do sistema)” (tradução própria).

⁹³ A História fornece os recursos e as restrições, em cada caso, ambos materiais e cognitivos, em que pensamos, agimos e criamos (tradução própria).

que a instituição é vista como uma ponte entre o indivíduo e o todo capaz de alterar a própria realidade (CONCEIÇÃO, BARCELLOS, 2010).

Em suma, na concepção vebleniana, a conduta individual auxilia a explicar a sociedade e a sociedade também explica o comportamento individual. A *ontologia organicista* rejeita o indivíduo imutável e também rejeita o indivíduo determinado apenas por leis e mudanças sociais. Haveria, na verdade, um duplo processo de determinação de maneira mútua em um ambiente em que os indivíduos são interdependentes.

Na visão de Veblen, e também de Hodgson, Marx consideraria o indivíduo apenas como uma peça no tabuleiro da história. As mudanças sociais e a estrutura determinariam o indivíduo. Haveria nesse autor um excesso de estrutura e o papel dos indivíduos na análise é suprimido. Essas críticas estão melhor expostas na seção que segue.

2.3 O “determinismo social” de Marx à luz de Veblen

Em que pese ter Veblen uma visão semelhante à de Marx, conforme se explicitará à frente, ele tece inúmeras⁹⁴ críticas à visão marxista, tida como limitada pelo autor, chegando a

⁹⁴ Veblen afirma que sua teoria não é autenticamente hegeliana, que possui mais semelhanças com o hedonismo utilitarista de Jeremy Bentham. Crítica, ainda, a teoria do valor trabalho, alegando diferenças entre o valor e o custo do trabalho. Sua crítica ao valor trabalho se dá também porque ele rejeita qualquer elaboração acerca da formação do lucro. Já que a produtividade do capital é resultante dos hábitos de distribuição e não fruto da ação empresarial como um todo. Além disso, a teoria do valor trabalho seria uma lei fixa do capitalismo e possui em subjacência a ideia de equilíbrio e estática na repartição do valor, explicando os salários e os lucros. A aversão de Veblen à noção de equilíbrio justifica essas críticas a Marx e também à associação com os utilitaristas. Além disso, a teoria do valor é concebida sob a ótica individual e não coletiva, a análise da produção individual do trabalhador é a análise próxima a utilitarista. Veblen critica, ainda, o fato de Marx ver o socialismo como fruto do movimento consciente dos trabalhadores, assim como o foco único nas relações de produção, dentre outros apontamentos (VEBLEN, 1952). Não é intenção do trabalho entrar nessas outras críticas a Marx. Porém, salienta-se que Marx, ao falar sobre Bentham, expressa uma posição próxima à exposta por Veblen. Em suas palavras: “[...] Jeremias Bentham, o oráculo insípido, pedante e tagarela do senso comum burguês do século XIX [...] com seu dogma os fenômenos mais comuns do processo de produção [...] se tornam inteiramente incompreensíveis [...] a existência material do capital variável, isto é, a massa dos meios de subsistência que ele representa para o trabalhador, ou o assim chamado [por Bentham] fundo do trabalho, foi imaginariamente transformada numa parcela particular da riqueza social, cercada por barreiras naturais intransponíveis. Para colocar em movimento a parte da riqueza social que deve funcionar como capital constante ou, expresso materialmente, como meios de produção, requer-se determinada massa de trabalho vivo. Essa é tecnologicamente dada. Mas não é dado nem o número de trabalhadores necessário para realizar essa massa de trabalho, pois isso varia com o grau de exploração da força de trabalho individual, nem o preço dessa força de trabalho, mas apenas seu limite mínimo, que, além do mais, é muito elástico” (MARX, 1984, p.185, 186). Nos Grundrisse, Marx (1978, p.4, grifos no original) se opõe a ideia individual de produção: “la producción por parte de un individuo aislado, fuera de la sociedad – [...] no es menos absurda que la idea de un desarrollo del lenguaje sin individuos que vivan *juntos* y hablen entre sí”. (a produção por um indivíduo isolado, fora da sociedade [...] não é menos absurda do que a ideia de desenvolvimento da linguagem sem indivíduos que vinam juntos e falem juntos – tradução própria). Outro

arguementar que "[...] the Marxian system is not only not tenable, but it is not even intelligible"⁹⁵. (VEBLEN, 1952, p. 410). De acordo com a análise de Karl Marx a atitude humana seria advinda da “coação” do sistema sócio-econômico e da inserção no contexto histórico. Nesse aspecto, os homens são levados por um poder que escapa ao controle de cada um. Os indivíduos não possuem uma natureza imanente, mas são modificados pelas relações materiais existentes na sociedade. De todo modo, Veblen entende que sua teoria é internamente consistente e, por esse motivo, analisa seus pressupostos para criticá-la⁹⁶:

[...] his socialistic bias may color his polemics, but his logical grasp is too neat and firm to admit of any bias, other than of this metaphysical preconceptions, affecting his theoretical work⁹⁷ (VEBLEN, 1952, p. 410).

Um ponto crucial na crítica a Marx é a assunção de que o indivíduo é um reflexo de sua condição material, tão-somente. Embora haja movimento, mudança no gênero humano, é a própria natureza que o empurra e o movimenta, auto-determinadamente, levando-o a um objetivo final :

In the materialistic conception man's spiritual life – what man thinks – is a reflex of what he is in the material respect [...] the dominant norm of speculation and formulation of the theory is the conception of movement, development, evolution, progress [...] the movement is of the nature progress, - gradual advance toward a goal, toward the realisation in explicit form of all that is implicit in the substantial activity involved in the movement. The movement is, further, self-conditioned and self-acting: it is an unfolding by inner necessity⁹⁸(VEBLEN, 1952, p. 414).

The social order takes its form through the class struggle, and the character of the class struggle at any given phase of the unfolding development of

ponto a destacar se refere às diferentes formas de entender a lei do valor. Para os marxianos a lei do valor é essencialmente uma teoria de valorização e não possui vinculação com “equilíbrio” (PAULA, 1994).

⁹⁵ “o sistema marxista não é só não defensável, mas não é ainda inteligível” (tradução própria).

⁹⁶ A despeito de Veblen estender suas críticas em um amplo espectro, centrar-se-á aqui nas críticas referentes aos temas do indivíduo.

⁹⁷ seu viés socialista pode colorir suas polêmicas, mas seu alcance lógico é muito puro e firme para admitir qualquer viés, além de hipóteses metafísicas, que afetam seu trabalho” (tradução própria).

⁹⁸ “Na concepção materialista a vida espiritual do homem - o que o homem pensa - é um reflexo do que ele é no aspecto material [...] a norma dominante de especulação e formulação da teoria é a concepção de movimento, desenvolvimento, evolução, progresso, [...] o movimento é do progresso da natureza, - avanço gradual em direção a um objetivo, para a realização em forma explícita de tudo o que está implícito na atividade substancial envolvida no movimento. O movimento é, ainda, auto-condicionado e auto-atuante: é um desdobramento inerentemente necessário” (tradução própria).

society is determined by “ the prevailing mode of economic production and exchange”⁹⁹ (VEBLEN, 1952, p. 415).

A vida social seria, portanto, unideterminada em Marx. Apenas o modo de produção e sua consequente luta de classes ditariam o arranjo social e o comportamento do indivíduo. Assim, as passagens acima apontam uma crítica central do presente estudo. O fato de Marx assumir um indivíduo apenas determinado pelas suas relações materiais.

Veblen contesta a perspectiva de Marx ao expor que há o papel do desejo humano, das peculiaridades individuais no processo de mudança e não apenas impulsionado por causas materiais. Em sua visão:

The dialectic of the movement of social progress, therefore, moves on the spiritual plane of human desire and passion, not on the (literally) material plane of mechanical and physiological stress, on which the developmental progress of brute creation unfolds itself¹⁰⁰ (VEBLEN, 1952, p. 415).

Veblen alega que o conceito materialista também é reducionista, ao ter um único guia sobre a vida dos homens. Sem negar a influência das condições materiais sobre o indivíduo, Veblen demarca a visão darwiniana¹⁰¹, em que existem outros elementos que influenciam, os quais dependem das circunstâncias em que o indivíduo está, tais como no seu ambiente de trabalho, sua educação e sua alimentação. Ele não questiona a influência da estrutura sobre o sujeito, mas torna essa influência uma parte do que determina a consciência humana. Diversos elementos compõem a formação dos hábitos, dentre eles, as condições materiais, mas o grau dessa influência depende, inclusive, do estágio de desenvolvimento social. Isso fica claro na longa passagem a seguir, porém crucial para a hipótese central deste trabalho:

[...] the concept covered by the term “Materialistic,” to the effect that the exigencies of the material means of life *control the conduct of men in society throughout*, and thereby indefeasibly guide the growth of institutions and shape every shifting trait of human culture. This control of the life of society

⁹⁹ “A ordem social tem sua forma através da luta de classes, e o caráter da luta de classes em qualquer fase de desenvolvimento da sociedade é determinado pelo “modo dominante de produção econômica e de troca” (tradução própria).

¹⁰⁰ “A dialética do movimento do progresso social, portanto, se move no plano espiritual do desejo e na paixão humana, não no plano material (literalmente) de tensão mecânica e fisiológica, em que o progresso do desenvolvimento da criação bruta se desdobra” (tradução própria).

¹⁰¹ Cabe reafirmar que o pensamento darwiniano é considerada aqui como análogo à abordagem evolucionária. Nela, o comportamento é dinâmico e não homogêneo, seja das firmas ou dos indivíduos. Abrangem os conceitos de Darwin: adaptação, seleção, evolução, herança e variação em um movimento interativo (LUZ, FRACALANZA, 2011).

by the material exigencies takes effect through *men's taking thought of material (economic) advantages and disadvantages*, and choosing that which will yield the fuller material measure of life. When the materialistic conception passes under the Darwinian norm, of cumulative causation, it happens, first, that this initial principle *itself is reduced to the rank of a habit of thought induced in the speculator who depends on its light, by the circumstances of his life, in the way of hereditary bent, occupation, tradition, education, climate, food supply, and the like*. But under the Darwinian norm the question of whether and how far material exigencies control human conduct and cultural growth *becomes a question of the share which these material exigencies have in shaping men's habits of thought, i.e., their ideals and aspirations, their sense of the true, the beautiful, and the good*. Whether and how far these traits of human culture and the institutional structure built out of them are the outgrowth of material (economic) exigencies becomes a question of what kind and degree of efficiency belongs to the economic exigencies among the complex of circumstances that conduce to the formation of habits. *It is no longer a question of whether material exigencies rationally should guide men's conduct, but whether, as a matter of brute causation, they do induce habits of thought in men as the economic interpretation presumes, and whether in the last analysis economic exigencies alone are, directly or indirectly, effective in shaping human habits of thought*¹⁰² (VEBLEN, 1952, p. 437-438, grifos acrescidos).

Existem outros fatores que não apenas as condições materiais que determinam os homens. As exigências dos meios materiais não determinam irrevogavelmente cada traço da cultura e da formação do indivíduo. Os homens são mais fortemente guiados pelos hábitos do que pelos interesses de classe, segundo o autor. Além disso, Veblen contesta a fatalística revolução à frente, visualizada por Marx. Não necessariamente haveria uma contestação dos trabalhadores às classes mais elevadas. Não existe uma lógica que leva ao socialismo e os

¹⁰² “o conceito abrangido pelo termo "materialista", tem o sentido de que as exigências dos meios materiais controlam a conduta dos homens em toda a sociedade, e, assim, irrevogavelmente orientam o crescimento de instituições, formam cada traço de mudança na cultura humana. Esse controle da vida da sociedade pelas exigências materiais tem efeito através das decisões tomadas acerca das vantagens e desvantagens materiais (econômicas), e escolhendo o que vai render a melhor vida material. Quando a concepção materialista passa sob o olhar darwiniano, de causalidade cumulativa, acontece, em primeiro lugar, que esse princípio inicial em si é reduzido à categoria de um hábito de pensamento induzido no especulador que depende de si, de circunstâncias de sua vida, na forma de desdobramentos hereditários, ocupação, tradição, educação, clima, alimentação, e assim por diante. Mas sob a ótica darwiniana a questão de se há controle das exigências materiais sobre a conduta humana e sobre o crescimento cultural e como ela se procede torna-se uma questão de participação que essas exigências materiais têm na formação de hábitos de pensamento dos homens, isto é, nos seus ideais e aspirações, no senso de verdade, de belo e de bom. Se e como muito desses traços da cultura humana e da estrutura institucional são construídos a partir das condições materiais (econômicas) torna-se uma questão de que tipo e do grau de eficiência das exigências econômicas dentre o complexidade de circunstâncias que conduzem à formação de hábitos. Não é mais uma questão de se as exigências materiais orientam a conduta dos homens, mas sim, como uma questão de causalidade bruta, elas induzem hábitos de pensamento em homens como o pressupõe a interpretação econômica, e se nas últimas, as exigências materiais estão sozinhas, direta ou indiretamente, na formação dos hábitos humanos de pensamento” (tradução própria).

hábitos dos trabalhadores e o sentimento de classe se dão mais pelas afeições do que pelo raciocínio lógico de exploração.

[...] Under the Darwinian norm it must be held that men's reasoning is *largely controlled by other than logical, intellectual forces*; that the conclusion reached by public or class opinion is as much, or more, a matter of sentiment than of logical inference; and that the sentiment which animates men, singly or collectively, is as much, or more, *an outcome of habit and native propensity as of calculated material interest*. There is, for instance, no warrant in the Darwinian scheme of things for *asserting a priori that the class interest of the working class will bring them to take a stand against the propertied class*¹⁰³ (VEBLEN, 1952, p. 441, grifos acrescidos).

Veblen critica também a visão do conflito de classes inerente às relações produtivas. Marx poderia considerar o conflito de classes como algo inconsciente, porém ele frisa a necessidade de haver consciência no conflito de classes para se ter mudança social. Isso o afasta da mutação darwinista não-teleológica, a qual não consegue prever o que se dará no futuro. Veblen entende que as transformações sociais se dão por um processo natural, não sendo elas claras e com fins estabelecidos. Mesmo que Veblen concorde que a conscientização sobre a luta de classes traga evolução social, ele discorda da visão teleológica e determinística de Marx. Essa é, portanto, outra faceta que dá a Marx o tom determinístico ao olhar de Veblen: ver um comportamento teleologicamente necessário para rumar ao socialismo. Veblen não discorda que a luta de classes possa ser relevante para a mudança social e até mesmo altamente eficiente. Porém, ele discorda que seja esse o único caminho, a forma necessária de mudança.

A consistently materialistic conception, consistently adhering to a materialistic interpretation of the process of development as well as of the facts involved in the process, could scarcely avoid making its putative dialectic struggle a mere *unconscious and irrelevant conflict of the brute material forces*. This would have amounted to an interpretation in terms of opaque cause and effect, without recourse to the concept of a conscious class struggle, and it might have led to a concept of a evolution similar to the untelological Darwinian concept of natural selection .It could scarcely have led to the Marxian notion of a conscious class struggle as the one necessary

¹⁰³ “Sob a ótica darwiniana, deve-se concluir que o raciocínio dos homens é em grande parte controlado por outras forças além da lógica e do intelecto; que a conclusão alcançada pela opinião pública ou de classe é tanto quanto, ou mais, uma questão de sentimento do que de inferência lógica, e que o sentimento que anima os homens, isoladamente ou em conjunto, é tanto, ou mais, um resultado do hábito e da propensão natural do que de interesse material calculado. Não há, por exemplo, nenhuma garantia no esquema darwiniano para afirmar *a priori* que o interesse da classe trabalhadora vai levá-los a tomar uma posição contra a classe dos proprietários” (tradução própria).

method of social progress, though it might conceivably, by the aid empirical generalisation, have led to a scheme of social process in which a class struggle would be included as an incidental though perhaps highly efficient factor¹⁰⁴ (VEBLEN, 1952, p. 416, grifos no original).

Outra crítica efetuada a Marx é a de que no socialismo ele veria um estado de bem-aventurança do homem. Veblen, no entanto, percebe essa visão como um desejo piedoso. A tendência natural de auto-realização humana no socialismo seria um destino certo, determinístico, distinguindo-se, neste modo, da percepção de constante mudança.

It [¹⁰⁵] could have led, as Darwinism has, to a concept of a process of cumulative change in social structure and function; but this process, being essentially a cumulative sequence of causation, opaque and unteleological, could not, without an infusion of pious fancy by the speculator, be asserted to involve progress as distinct from retrogression or to tend to a "realisation" or 'self-realisation of the human spirit or of anything else'¹⁰⁶ (VEBLEN, 1952, p. 416).

O ápice de desenvolvimento, o socialismo, também é condenado, por ser um objetivo certo e definitivo, teleológico, mais uma vez.

Neither could it conceivably be asserted to lead up to a final term, a goal to which all lines of the process should converge and beyond which the process would not go, such as the assumed goal of the Marxian process of class struggle, which is conceived to cease in the classless economic structure of the socialistic final term. In Darwinism there is no such final or perfect term, and no definitive equilibrium¹⁰⁷(VEBLEN, 1952, p. 416-417).

¹⁰⁴ “Uma concepção materialista consistentemente aderida à interpretação materialista do processo de desenvolvimento, bem como dos fatos envolvidos no processo, dificilmente poderia evitar de fazer sua luta dialética um mero conflito inconsciente e irrelevante das forças materiais. Essa teria sido uma interpretação em termos de causa e efeito pouco clara, sem recorrer ao conceito de luta de classes consciente, e que poderia ter levado a um conceito de uma evolução semelhante ao conceito não-teleológico de seleção natural darwiniana. Essa visão dificilmente poderia levar à noção marxista de luta de classe consciente como o método necessário do progresso social, embora possa conceber, pela ajuda da generalização empírica, a levar a um esquema de processo social em que a luta de classes seria incluída como um fator acidental, embora, talvez, altamente eficiente” (tradução própria).

¹⁰⁵ “it” se refere a visão não teleológica.

¹⁰⁶ “A visão não-teleológica poderia ter levado, como o darwinismo tem, a um conceito de um processo de mudança cumulativa na estrutura e na função social, mas esse processo, sendo essencialmente uma sequência cumulativa de causalidade, opaca e não-teleológica, não poderia, sem uma infusão de fantasia piedosa pelo especulador, envolver o progresso como distinto do retrocesso, nem a tendência para uma realização ou "auto-realização" do espírito humano ou de qualquer outra coisa” (tradução própria).

¹⁰⁷ “Não é concebível afirmar um objetivo final, para o qual todas as linhas do processo devem convergir e além do qual o processo não iria, como a meta assumida do processo marxista da luta de classes, que cessaria no termo final da estrutura de classes socialista. No darwinismo não existe tal termo final ou perfeito, e nenhum equilíbrio definitivo” (tradução própria).

O ponto de desconforto de Veblen está no fato de se ver num horizonte à frente o socialismo. Isso, para ele, aproxima Marx e os marxistas dos neoclássicos, uma vez que, em sua leitura, ambos são teleológicos, previsíveis, ao contrário da perspectiva darwiniana, imprevisível, sem rumos conhecidos e em constante evolução:

The romantic (Marxian) sequence of theory is essentially an intellectual sequence, and it is therefore of a teleological character. The logical trend of it can be argued out. That is to say, *it tends to a goal. On the other hand, in the Darwinian scheme of thought, the continuity sought in and imputed to the facts is a continuity of cause and effect.* It is a scheme of blindly cumulative causation, in which there is no trend, no final term, no consummation. The sequence is controlled by nothing but the *vis a tergo* of brute causation, and is essentially mechanical.¹⁰⁸ (VEBLEN, 1952, p. 436, primeiro grifo acrescido, o segundo no original).

Não existe como prever o futuro a partir do presente. Veblen afirma textualmente que apenas os hábitos de pensamento, os indivíduos, poderiam implantar o socialismo ou fazer a sociedade rumar para ele, já que esses respondem a estímulos e não a circunstâncias pré-determinadas.

Again, no one, for instance, can tell to-day what *will be the outcome of the present situation* [...] It is quite impossible on Darwinian ground to foretell whether the "proletariat" will go on to establish the socialistic revolution or turn aside again, and sink their force in the broad sands of patriotism. *It is a question of habit and native propensity and of the range of stimuli to which the proletariat are exposed and are to be exposed, and what may be the outcome is not a matter of logical consistency, but of response to stimulus*¹⁰⁹ (VEBLEN, 1952, p. 441, grifos acrescidos).

¹⁰⁸ “A sequência romântica (marxista) da teoria é essencialmente uma sequência intelectual, e é, portanto, de um caráter teleológico. A tendência lógica disso pode ser tirada fora. Ou seja, tende a um objetivo. Por outro lado, no esquema darwiniano de pensamento, a continuidade imposta pelos fatos é uma continuidade de causa e efeito. É um esquema cego de causalidade cumulativa, em que não há uma tendência, sem prazo final, sem consumação. A sequência é controlada por nada mais do que o impulso da bruta causalidade, e é essencialmente mecânica” (tradução própria).

¹⁰⁹ “Novamente, ninguém, por exemplo, pode dizer hoje qual será o resultado da situação atual [...] É completamente impossível no terreno darwiniano prever se o ‘proletariado’ vai continuar a estabelecer a revolução socialista ou desviar novamente, e afundar a sua força no amplo areal de patriotismo. É uma questão de hábito e propensão nativa e da gama de estímulos a que o proletariado é exposto e deve ser exposto, e que pode ser o resultado não é uma questão de coerência lógica, mas de resposta a estímulos” (tradução própria).

Veblen não visualiza uma tendência ao socialismo. Não existem evidências históricas para esse postulado marxista:

The class struggle so conceived should always and everywhere tend unremittingly toward the socialistic consummation, and should reach that consummation in the end, whatever obstructions or diversions might retard the sequence of development along the way. *Such is the notion of it embodied in the system of Marx. Such, however, is not the showing of history.* Not all nations or civilisations have advanced unremittingly toward a socialistic consummation, in which all divergence of economic interest has lapsed or would lapse¹¹⁰ (VEBLEN, 1952, p.441, grifos acrescidos).

O autor tampouco vê na miséria e na pobreza as fontes para o desencadeamento da revolta socialista. Todo e qualquer movimento deve vir dos hábitos e dos estímulos.

But so soon as the question is approached on the Darwinian ground of cause and effect, and is analysed in *terms of habit and of response to stimulus*, the doctrine that progressive misery must effect a socialistic revolution becomes dubious, and very shortly untenable¹¹¹ (VEBLEN, 1952, p.443, grifos acrescidos).

As mudanças sociais e mesmo os ganhos da classe trabalhadora mitigaram a revolução socialista. Fruto, portanto da evolução darwinista. Tais fatores deixariam as visões de Marx e Engels temporalmente datadas:

[...] the materialistic conception in their handling of it takes on the color of the time in which they lived, even while they retain the phraseology of the generation that went before them¹¹² (VEBLEN, 1952, p. 435).

Nesse contexto, Marx, de acordo com Veblen, negaria a busca de melhoria social e deixaria o homem a mercê das circunstâncias históricas, anulando o papel do indivíduo nas mudanças sociais. Veblen entende ter o indivíduo um papel no desenvolvimento social, não

¹¹⁰ “A luta de classes assim concebida deveria sempre e em toda parte tender irremediavelmente em direção à consumação socialista, e deveria chegar na consumação final, qualquer que sejam as obstruções ou desvios que retardem a sequência de desenvolvimento ao longo do caminho. Tal é a noção incorporada no sistema de Marx. Tal, no entanto, não é o que a história mostra. Nem todas as nações ou civilizações avançam incessantemente em direção a uma consumação socialista, em que todas as divergências de interesse econômico têm falhado ou venham a falhar” (tradução própria).

¹¹¹ “Mas logo que a questão é abordada na visão darwiniana de causa e efeito, e é analisada em termos de hábito e de resposta a estímulos, a doutrina de que a miséria progressiva leva a uma revolução socialista torna-se duvidosa, e muito pouco sustentável (tradução própria).

¹¹² “[...] A concepção materialista por eles [Marx e Engels] manipulada assume a cor do tempo em que viviam, até mesmo enquanto eles mantêm a fraseologia da geração que veio antes deles” (tradução própria).

sendo, portanto, apenas um ser determinado pela sociedade. Desse modo, Marx consideraria que o indivíduo não é atuante em sua própria vida. O marxismo não explicaria o porquê de as pessoas terem objetivos particulares, desejos esses que se refletem das individualidades¹¹³.

Enquadrar os agentes como tão-somente participantes de uma classe social diz pouco sobre seus hábitos e pensamentos, pontua Hodgson (1998, p.419), em acordo com Veblen: “The class position of an agent –exploiter or exploited – does not imply that that (sic) person will be impelled towards any particular view of reality or any particular pattern of action”¹¹⁴.

Hodgson (1997) entende que a teorização com base no holismo¹¹⁵ não deixa de ser reducionista, tendo em vista que encontra a explicação causal em todo o tecido da sociedade, ainda que seja submerso em uma realidade específica, no capitalismo.

In their stronger formulations, methodological individualism and methodological collectivism are both different versions of (explanatory) reductionism, which refers to the more general doctrine that all aspects of a complex phenomenon should be completely explained in terms of one level, or type of unit¹¹⁶(HODGSON, 2007, p. 101)

O homem como resultado de circunstâncias sócio-econômicas do passado não seria suficiente para explicar o comportamento individual (HODGSON, 1998). Em suas palavras:

Explanations entirely in terms of structures, cultures or institutions are inadequate because they remove individual agency, and overlook the diverse characteristics among individuals in a population [...] Examples or hints of methodological collectivism are found in Marxism [...] The pitfall here is that ideas and volitions could be seen simply as expressions of the ‘material relations’ of the social structure [...] In the first volume of *Capital*, Marx (1976: 989) described how the actions of the capitalist are ‘no more’ than the manifestation of capitalist structures¹¹⁷ (HODGSON, 2007, p. 99-100, grifos no original).

¹¹³ Esses pontos são contestáveis e serão trabalhados à frente.

¹¹⁴ “A posição de classe de um agente explorador ou explorado - não significa que essa pessoa será impelida para qualquer visão particular da realidade, ou qualquer padrão particular de ação” (tradução própria).

¹¹⁵ O holismo, em oposição ao individualismo metodológico, assume que a soma das partes não explica o todo, mas sim o contrário, o todo determina as partes.

¹¹⁶ “Em suas formulações mais fortes, o individualismo metodológico e coletivismo metodológico são duas versões diferentes de reducionismo (explicativo), que se referem à doutrina mais geral que todos os aspectos de um fenômeno complexo devem ser completamente explicados em termos de um nível ou de uma unidade” (tradução própria).

¹¹⁷ “Explicações inteiramente em termos de estruturas, culturas ou instituições são inadequadas porque removem o agente individual e ignoram as características diversas entre os indivíduos em uma população [...] Exemplos de coletivismo metodológico são encontradas no marxismo [...] A dificuldade aqui é que as ideias e volições poderiam ser vistas simplesmente como expressões das ‘relações materiais’ da estrutura social [...]”

Hodgson vê o indivíduo em Marx (tanto os trabalhadores quanto os capitalistas) como personagens sociais históricos do capital, tão-somente. Marx não consideraria as peculiaridades individuais:

The problem here is that explanations of individual agency seem to be conflated entirely upon ‘material relations’ and ‘social structures’, without recognition of individual diversity, cultural variation or discretionary possibilities. Although multiple interpretations of these passages are possible, Marx did not do enough to guard against a methodological collectivist interpretation [...] Marx seemed to make psychology redundant, by declaring that the human essence was nothing more than the ‘ensemble of the social relations’¹¹⁸ (HODSGSON, 2007, p. 100).

Marx não explicaria como as estruturas são afetadas pelos indivíduos, sendo ele apenas uma marionete da formação social. Marx, portanto, diminui o indivíduo, não observa os mecanismos que o alteram, perde de vista a influência social que se manifesta nas mudanças das preferências e dos indivíduos, em última instância, segundo Hodgson.

Methodological collectivism conflates the individual upon society and thereby lacks an explanation or adequate recognition of how individual purposes or preferences may be changed¹¹⁹ (HODSGOSN, 2007, p. 101).

Isso posto, se identifica, portanto, a rejeição da proposição vinculada a Marx de um excesso de determinação da estrutura sobre o indivíduo. Para Veblen, a interdependência entre os indivíduos faz com que eles não sejam explicados apenas em termos sociais, culturais e econômicos. As causações ocorrem em ambos sentidos, de maneira cumulativa, não fixas e nem definitivas. Na mesma linha, o autor considera que em Marx é possível prever o futuro, pois ele estaria pré-determinado pelo condicionamento histórico, ao contrário de sua posição que entende o indivíduo e a estrutura social como imprevisíveis e em constante mutação.

No primeiro volume do *Capital*, Marx (1976:989) descreveu como as ações do capitalista são 'não mais' do que a manifestação das estruturas capitalistas” (tradução própria).

¹¹⁸ “O problema aqui é que as explicações do agente individual parecem ser confundidas inteiramente com 'relações materiais' e 'estruturas sociais', sem o reconhecimento da diversidade individual, variação cultural ou possibilidades discricionárias. Embora sejam possíveis várias interpretações dessas passagens, Marx não fez o suficiente para proteger-se contra uma interpretação coletivista metodológicas [...] Marx parecia fazer psicologia redundante, declarando que a essência humana era nada mais do que o 'conjunto de relações sociais’” (tradução própria).

¹¹⁹ “Coletivismo metodológico funde o indivíduo na sociedade e, assim, carece de uma explicação ou reconhecimento adequado de como os propósitos individuais ou suas preferências podem ser alterados” (tradução própria).

Veblen, portanto, imputa a Marx um rótulo de determinista por quatro motivos identificados acima: a) por desenhar o indivíduo unicamente determinado pelas relações materiais, sem considerar elementos outros que influenciam os indivíduos; b) por ver que o fim último da sociedade é o socialismo; c) por entender que um comportamento teleologicamente guiado ao socialismo é necessário à mudança; d) por colocar no socialismo um estado de bem-aventurança. Sendo o primeiro motivo de ordem metodológica e os outros três relativos ao caráter teleológico da história e da ação dos indivíduos que rumariam a um fim pré-determinado.

Há que destacar, entretanto, que Veblen não se opõe frontalmente a posição marxista, apenas a entende como limitada, uma vez que ela restringe-se aos elementos sócio-econômicos e não considera o elemento individual. De outro lado, o autor enfatiza sua crítica à concepção convencional, a qual não leva em conta elementos que não os individuais. Para Veblen, o indivíduo é imprescindível no corpo teórico. O elemento individual auxilia a explicar as mudanças estruturais da sociedade (instituições), não sendo possível, portanto, ignorá-lo. A junção destas perspectivas evita o reducionismo do indivíduo e também o reducionismo social¹²⁰.

Nas palavras de Hodgson (1997, p.12): “Just as structures cannot be adequately explained in terms of individuals, individuals cannot adequately be explained in terms of structures”¹²¹. Nesse sentido, a economia precisa ser analisada em diferentes níveis. Não deve ela ser observada apenas em seus micro-fundamentos e tampouco apenas pela estrutura. “We always have to start from structures *and* individuals”¹²² (HODGSON, 2007, p. 99, grifos no original). A interação da parte com o todo necessita ser objeto de estudo.

É preciso colocar o indivíduo dentro do processo de transformação social, sem negar sua individualidade. Em Marx o indivíduo está apenas circunscrito às estruturas sociais:

[...] methodologically collectivist attempts to explain individuals exclusively in terms of social structures also typically fail to provide an

¹²⁰“Cumprer citar que alguns neo-institucionalistas possuem uma visão um pouco distinta acerca de Marx. Dugger e Sherman (1994), ao desenvolver o paradigma de Marx em seu texto, atribuem a esse paradigma a influência do indivíduo, de suas ideias na sociedade e a necessidade de consciência para mudar a realidade social. Alegam que o etapismo nunca foi seriamente considerado pelos marxistas e não reconhecem Marx como um coletivista metodológico. Para mais detalhes sobre as origens do etapismo em Marx e Engels consultar Antunes (2005).

¹²¹“Assim como as estruturas não podem ser adequadamente explicadas em termos dos indivíduos, os indivíduos não podem ser adequadamente explicados em termos das estruturas” (tradução própria).

¹²²“Nós sempre temos que começar das estruturas e dos indivíduos” (tradução própria).

adequate account of human motivation. It is often simply assumed that roles or cultures or institutions affect individuals, without explaining how such social structures work their magic on individual motivations¹²³ (HODGSON, 2007, p. 106).

Entretanto, ao se debruçar com mais profundidade sobre a obra de Marx, alguns pontos aqui levantados se aproximam muito à formulação do próprio Marx. Seja no desenho do indivíduo, seja nas relações de determinação. E até mesmo acerca do papel do indivíduo e de seus valores nas mudanças sociais. Elementos esses que estão no eixo central deste trabalho que visa sinalizar algumas dessas proximidades desses importantes autores da ciência econômica. Esses pontos serão melhor abordados no capítulo seguinte.

¹²³ “O coletivismo metodológico tenta explicar os indivíduos exclusivamente em termos de estruturas sociais e geralmente não fornecem uma explicação adequada da motivação humana. Muitas vezes simplesmente presume-se que funções ou culturas ou instituições afetam indivíduos, sem explicar como tais estruturas sociais operam sua magia sobre motivações individuais (tradução própria)”.

3 AS RELAÇÕES DE CAUSALIDADE ESTRUTURA-SUJEITO NA VISÃO DE KARL MARX

Conforme verificado no capítulo anterior, Thorstein Veblen e seus seguidores tecem críticas a Karl Marx. Como foco deste estudo estão os argumentos que imputam a Marx uma visão determinista¹²⁴, particularmente no que se refere à noção do sujeito social, que seria totalmente passivo à estrutura social e, em última instância, ausente em Marx. Essas críticas não são infundadas, ao contrário, encontram sustentação nas próprias palavras do autor que sinalizam, em muitas passagens, que o sujeito é estritamente determinado pelas relações materiais.

Este capítulo visa trazer e problematizar essas questões¹²⁵. Para tanto, partir-se-á do nascedouro das críticas efetuadas com base em trechos de Marx que fortificam a ideia de que o sujeito é determinado pelas condições sócio-econômicas em que vive, em uma conjunção de propriedade privada e alienação. Subsequentemente, desenvolver-se-ão argumentos em que Marx visualiza o homem como ser social, constituído pela sociedade, embora não de modo determinístico. Dessa maneira, será abordado o papel do indivíduo na obra do autor, sendo salientado como o sujeito é responsável pela transformação social. O procedimento a ser adotado é o de seleção dos trechos em que o autor trata sobre o objeto do presente estudo, com enfoque primordial ao jovem¹²⁶ Marx. É também objetivo frisar em Marx o delineamento que ele faz acerca do papel do indivíduo e do desenvolvimento de sua personalidade no intuito de fortificar uma transformação social, a qual, em sua análise, desencadeia a liberdade dos indivíduos. Por fim, a visão de rumos históricos teleológicos é desconstruída a partir de passagens em que Marx deixa o futuro em aberto.

¹²⁴ Há autores marxistas que estão mais afinados com a existência de determinismo em Marx e outros não. Não é objetivo deste estudo averiguar as diferentes perspectivas dos autores marxistas. Paula (1994) aborda essas distinções.

¹²⁵ Por ora, a concepção de Marx será tomada acriticamente. Considerações críticas serão efetuadas no capítulo 4.]

¹²⁶ Entre os livros do jovem Marx estão: Manuscritos Econômicos-Filosóficos, A Ideologia Alemã, A Sagrada Família e o Manifesto Comunista. O Marx maduro é o de O Capital, Para Crítica da Economia Política entre outros.

3.1 Origens do “determinismo” sócio-econômico: materialismo histórico dialético e a alienação em Marx

O rótulo que Veblen põe em Marx de “determinista” não é absolutamente infundado. Ele tem suas raízes no trabalho de Marx. Os tons deterministas mais fortes se dão a partir da concepção de que o indivíduo é subordinado ao avanço da história e aos rumos sociais, apenas cumprindo um papel que lhe cabe. Nessa leitura, as estruturas sociais agem sobre o indivíduo, fundamentam sua consciência, limitam seu horizonte de possibilidades e de ações. Modelado pelo meio sócio-cultural, as possibilidades de escolha e de pensamento do indivíduo seriam restritas, nas formulações de Marx.

Este sub-capítulo visa encontrar os aspectos que poderiam justificar esse rótulo no trabalho de Marx. Para tanto, é apresentado seu arcabouço científico (o materialismo histórico), sua lógica de pensamento (dialética), e suas críticas referentes à alienação e à propriedade privada. Assim, as seções que seguem visam encontrar as contradições do determinismo e do não determinismo em Marx.

3.1.1 Materialismo histórico

Comumente Marx é lido como determinista. Tal percepção encontra justificativa em passagens do próprio autor. Sem titubear, é possível afirmar que em Marx o indivíduo é influenciado pelo meio sócio-cultural, explicando parcela significativa de sua vida.

Parte deste tom “determinista” encontra justificativa na forma como Marx desenvolve seu pensamento e como ele explica os fenômenos. Ele busca na sequência histórica a explicação da realidade (e dos modos de produção). Mais do que isso, ele define suas categorias de maneira não cronológica¹²⁷ com vista a encontrar a sua gênese na história.

As relações materiais e a formação histórica explicam o desenvolvimento social e marcam vivamente a vida dos homens e suas interações. A sociedade constitui sua estrutura¹²⁸

¹²⁷ O primeiro capítulo d’ O Capital, por exemplo, é “a mercadoria”, elemento esse que se materializa em períodos à frente ao qual Marx encontra explicação de suas categorias.

¹²⁸ O termo “estrutura” é aqui entendido como as relações produtivas da sociedade. Também designado como “base” econômica sob a qual se ergue a organização social. Na “base” está também o indivíduo e quando for assim assumido, haverá a devida notação.

historicamente colocada e, neste espaço de tempo, são edificadas as leis próprias de um contexto.

Os fenômenos são, portanto, explicados pela vida social, formando o sujeito e a estrutura. A maneira como as relações de produção se desenvolveram modela os indivíduos, seus valores, suas rotinas. Construíram os indivíduos e os tornaram peças do sistema.

Os valores dos homens seriam, portanto, determinados pela sua existência, pelas suas relações materiais (DEMO, 1985). Sobre esta estrutura, se fundamentam as instituições políticas, as ideologias, os códigos morais, os conhecimentos filosóficos e científicos, enfim, toda a *superestrutura*¹²⁹.

[...] na produção social da própria vida, os homens contraem relações determinadas, necessárias e independentes da sua vontade, relações de produção estas que correspondem a uma etapa determinada de desenvolvimento das suas forças produtivas materiais. A totalidade destas relações de produção forma a estrutura econômica da sociedade, a base real sobre a qual se levanta uma superestrutura jurídica e política, e à qual correspondem formas sociais determinadas de consciência. O modo de produção da vida material *condiciona o processo em geral da vida social, política e espiritual. Não é a consciência dos homens que determina o seu ser, mas, ao contrário, é o seu ser social que determina sua consciência* [...] (MARX, 1982, p. 25, grifos acrescentados).

Nessa leitura, as leis econômicas e das relações materiais de produção determinam a sociedade. Os avanços da história, portanto, independeriam da vontade do homem, assim como a sua consciência e suas intenções¹³⁰. A estrutura, nesse sentido, realizaria suas leis e determinações a partir dos indivíduos. Em ideia semelhante, mas em outro livro, Marx e Engels salientam o condicionamento que as forças produtivas impõem:

[...] a massa das forças produtivas acessíveis aos homens determina o estado social, e que se deve por conseguinte estudar e elaborar incessantemente a “história dos homens” em conexão com a história da indústria e das trocas (MARX; ENGELS, 2001, p.24).

¹²⁹ A superestrutura é o outro nível social. Perpassa o eixo central deste estudo a relação entre a estrutura, a sociedade como um todo, e do indivíduo. Ou seja, se há ou não uma autonomia relativa da superestrutura em relação à base ou se há uma ação de retorno da superestrutura sobre a base. A Marx é comumente referido que a estrutura, a base econômica, determina a superestrutura e a consciência social a ela decorrente.

¹³⁰ Convém ressaltar que essa forma de interpretação de Marx é a caricatural e que pode ser contestada assim como será à frente.

Determinação que viria não apenas da sociedade¹³¹ mas também da interdependência entre os indivíduos e deles com a natureza, formando, assim, a consciência individual:

a consciência é portanto, de início, um produto social e o será enquanto existirem homens. Assim, a consciência é, antes de mais nada, apenas a consciência do meio sensível *mais próximo* e de uma interdependência limitada com outras pessoas e outras coisas situadas fora do indivíduo que toma consciência; é ao mesmo tempo a consciência da natureza que se ergue primeiro em face dos homens como uma força fundamentalmente estranha, onipotente e inatacável [...] o comportamento limitado dos homens face à natureza condiciona, por sua vez, suas relações limitadas com a natureza [...] (MARX; ENGELS, 2001, p. 25, grifos no original).

As citações acima são expressões da perspectiva de que Marx visualiza o “indivíduo” como um conjunto de relações sociais. A história e as mudanças sociais que alteraram o homem e sua consciência nasceriam apenas fora dele. Nesse sentido, a história se presta para explicar a realidade. A formação material é uma parte especial para entender o todo. A história faz os homens.

No ancoradouro do materialismo histórico, portanto, Marx explica a constituição do indivíduo e da estrutura na formação histórica. O mundo vem da atividade pregressa, os projetos e as interações de gerações passadas se cristalizam nas coisas. Porém, esse processo parte das intenções dos homens. Através do trabalho, o homem domesticou e humanizou a natureza e transformou o mundo. Esse caminho é carregado de sentido e de finalidade. Esse sentido não é contínuo, organizado, orquestrado de maneira previamente conhecida. Ao contrário, ele se dá dialeticamente. Para entender o materialismo histórico como um processo dialético, a seção seguinte traz esse entendimento em Marx.

3.1.2 O processo dialético

A história, para Marx, constitui o homem e a estrutura material. O passado explica o presente em uma sequência lógica. Porém, a maneira que se edifica esta construção da

¹³¹ Nos termos de Marx e Engels (2001, p. 33): “a sociedade civil compreende o conjunto das relações materiais dos indivíduos dentro de um estágio determinado de desenvolvimento das forças produtivas. Compreende o conjunto da vida comercial e industrial [...]”. Na natureza humana está a vida social (MARX, 2004).

realidade é dialeticamente posta. Para entender a dialética em Marx esta seção traz brevemente a noção de dialética e as bases metodológicas da dialética¹³².

Conforme o materialismo histórico, a natureza, a história e o próprio homem são influenciados pelos atos humanos. Além de mudar a natureza, o homem constroi a história e o futuro. As relações efetuadas no pensamento de Marx são dialéticas. A dialética é um processo de movimento, uma forma de organizar o pensamento, uma lógica de relações e um método da construção da ciência. Serão aqui abordadas todas essas facetas em conjunto, com vista a captar o que importa para o trabalho.

Na perspectiva dialética a totalidade é contraditória e se sustenta na diferença. Ou seja, é possível estabelecer identidades devido ao seu contrário. Os termos distintos são decifráveis quando são refletidos no outro. As coisas são o que não são. A contradição é uma necessidade de existência. A contradição afirma as categorias. Assim, a própria contradição possibilita a identidade. Porém, tal oposição não é autoexcludente, pois um oposto pertence ao outro e se transformam no outro, em uma contradição progressiva.

No que se refere à visão da totalidade, ela está expressa no particular. Porém a forma dessa expressão não é absolutamente segmentável como na visão cartesiana¹³³. Para se observar o todo não basta somar as partes. A totalidade é um outro fenômeno com propriedades próprias não constituídas nas partes. Nos termos de Garaudy (1964, p. 113):

[...] o próprio da dialética e do materialismo que ela anima é de ensinar-nos, precisamente, que o todo é diferente da soma dos elementos que o constituem. Isto é válido em todos os níveis.

Assim, para se analisar a realidade não se segmenta a parte e o todo. A realidade é analisada de forma a não olhar os fatos isolados. O estudo das estruturas não é separado da dinâmica das estruturas e de suas contradições correspondentes. Por consequência, os indivíduos e suas dinâmicas são analisados dentro das estruturas.

¹³² A dialética não será aprofundada aqui por fugir aos objetivos deste trabalho. Entender a parte em foco da ideia de Marx passa pela dialética. Esta seção está apoiada nos seguintes trabalhos que abordam a complexidade do processo dialético e do método dialético: Faria (2007), Corazza (1996, 2003), Campregher (1993), Garaudy (1964), Lukács (1967), Prado (2009), Germer (2003), Fausto (1983).

¹³³ Para René Descartes o todo é a soma das partes. De modo que para entender a totalidade, deve-se compreender a parte. O estudo segmentado basta para compreender a realidade. O indivíduo, nesse caso, explica a sociedade (TEIXEIRA, 2003).

O todo é complexo e com muitas determinações. “[...] o concreto é concreto porque é a síntese de muitas determinações, isto é, unidade do diverso [...]” (MARX, 1982, p.14). Porém uma parcela das determinações está na estrutura e não pode ser redutível ao indivíduo. Marx, portanto, não explica os fenômenos a partir dos indivíduos, pois suas categorias não são redutíveis à consciência e à ação dos indivíduos. Isso é diferente de não considerar os indivíduos na explicação da realidade: “[...] a realidade é um todo e as determinações recíprocas entre o todo e as partes [...]” (CORAZZA, 1996, p. 36).

Para Marx, a simples abstração traz o conhecimento apenas das partes e não de seu todo, ela é insuficiente para entender a natureza. Marx abstrai as partes, mas busca reconstruir o todo concreto em um único processo em que os momentos se implicam mutuamente, uma por meio da outra. Essa visão unitária é própria do método dialético (CORAZZA, 1996).

Os indivíduos, pela lógica dialética, são formados parcialmente pelas estruturas sociais¹³⁴. Porém a própria história é um processo de evolução das estruturas que encontra sua gênese no plano dos indivíduos que se articulam em relações produtivas¹³⁵. Desse modo as categorias construídas por Marx representam a estrutura e os indivíduos de maneira interpenetrada (capital, dinheiro, trabalho, mais-valia) (FARIA, 2007).

O concreto é a síntese dos resultados das determinações e não o ponto de partida tal como em uma análise empiricamente ingênua. Ao mesmo tempo em que a abstração é insuficiente para explicar a realidade. Pelo método dialético, a partir do olhar inicial da realidade sensível se constroem as abstrações, as quais não são fins em si mesmas. O concreto é reconstruído de posse das abstrações e se chega no concreto concebido teoricamente que confirma (ou não) a abstração. Existe uma circularidade entre o abstrato e o concreto e as hipóteses são os pontos de partida e de chegada. Nessa linha existe um processo da construção do pensamento teórico que observa a realidade para formular as hipóteses simplificadoras que

¹³⁴ Os processos sociais são resultado da ação de sujeitos coletivos e a ação desses sujeitos será sempre condicionada e terá seus limites materiais estabelecidos pelas relações sociais em que estão inseridos.

¹³⁵ Outros marxistas veem de maneira diferente. Louis Althusser coloca o processo histórico como um processo sem sujeito nem fim e os indivíduos como suporte das relações sociais (sem indivíduo na análise). Althusser critica a tese VI sobre Feurbach e diz que ela não diz nada. Ao dizer que o homem é o conjunto de relações sociais, Marx nega o sujeito (FAUSTO, 1983). Outros autores dão sequência à visão de que os indivíduos têm poder sobre as determinações dos fenômenos sociais. Diversos autores mais próximos a Marx seguem a perspectiva de que as estruturas sociais determinam os indivíduos e desses resultam sócio-estruturas. Faria (2007) expõe como os autores regulacionistas desenham as trajetórias individuais dos atores sociais e sua manifestação no plano agregado. Este avanço nas relações estrutura-sujeito efetuada pelos regulacionistas encontra em Marx importante inspiração. Por estar aqui em foco a concepção de Marx nessas relações, outros autores não são devidamente considerados.

articulam as leis dos fenômenos. A realidade é reconstruída a partir das aparências fenomênicas e a essência é observada no concreto a partir da abstração. Na dialética busca-se entender a essência dos movimentos, para além da aparência. No mundo aparente as leis estão encobertas. Nos termos de Marx (1982, p 14):

[...] o concreto é concreto porque é a síntese de muitas determinações, isto é, unidade do diverso. Por isso o concreto aparece no pensamento como o processo de síntese, como resultado, não como ponto de partida também da intuição e da representação [...].

Marx reproduz o concreto a partir da abstração prévia. A totalidade do concreto é descortinada pelo pensar que articula o abstrato no concreto e não apenas no conceito abstrato. Assim, a pressuposição está na totalidade, na sociedade. E para explicar a realidade Marx organiza seu pensamento e suas relações teóricas pela formação histórica. “[...] nessa medida, o curso do pensamento abstrato que se eleva do mais simples ao complexo corresponde ao processo histórico efetivo”. (MARX, 1982, p. 15).

Na constituição de suas categorias Marx considera o processo histórico dialeticamente formado. Ele encontra nas relações de comunidade o estabelecimento da posse privada juridicamente colocada, por exemplo. Ele explica a realidade pelas relações sociais e aborda a repartição do trabalho social na centralidade de suas proposições. Há, nessa medida, um imbrincamento entre o indivíduo e suas relações de produção. Nesse modo dialético de pensar as relações se misturam, de forma que o indivíduo é determinado pelas relações sociais, pela propriedade privada¹³⁶. Ainda assim, tais conceitos e concepções não são válidos em qualquer tempo, em todos os lugares.

[...] as categorias mais abstratas – precisamente por causa de sua natureza abstrata - apesar de sua validade para todas as épocas, são, contudo, na determinidade dessa abstração, igualmente produto de condições históricas, e não possuem plena validade senão para essas condições e dentro dos limites destas (MARX, 1982, p. 17).

O erro dos economistas políticos, pontua Marx, é ver os conceitos dissociados da formação histórica. As raízes da sociedade estão na história. E as formas de organização

¹³⁶ Esse tema será tratado com mais rigor na seção seguinte.

social seguem sua história. Os economistas políticos consideram apenas uma forma de desenvolvimento:

[...] o chamado desenvolvimento histórico repousa em geral sobre o fato de a última forma considerar as formas passadas como etapas que levam a seu próprio grau de desenvolvimento, e dado que ela raramente é capaz de fazer a sua própria crítica, e isso em condições bem determinadas – concebe-os sempre sob um aspecto unilateral (MARX, 1982, p. 18).

Contudo, o processo histórico dialético se manifesta na mobilidade das relações internas. A finalidade das coisas é precisamente esse movimento que elas trazem. Há um movimento dos eventos sociais que levam em direção ao desconhecido. Embora Marx modele suas categorias a partir da história, suas categorias não são definitivas. De negação em negação, de contradição em contradição as coisas se transformam. O indivíduo, nessa lógica, não está preso a uma lógica mecânica natural.

No contraditório o mundo se move (ou não) para os rumos possíveis e o acaso tem o seu papel na transformação da realidade, tornando os eventos futuros imprevisíveis. O processo dialético deixa o mundo material necessariamente aberto e inacabado. A história não termina (GARAUDY, 1964).

3.1.3 Alienação e propriedade privada

Certo tipo da determinação da estrutura sobre o indivíduo se dá pela alienação. Existem diferentes formas de alienação. Mesmo Marx utiliza distintas acepções n^o A Ideologia Alemã, n^o O Capital e nos Manuscritos Econômico-Filosóficos. Ela pode designar a subjugação pelo capital, a propriedade privada, o distanciamento dos indivíduos entre si, impossibilidade de se apropriar de seu trabalho, a inconsciência do indivíduo. Ela possui facetas espirituais, ideológicas, sócio-políticas, econômicas, advindas das relações inter-humanas, do Estado. Pode representar exploração e comando do trabalho. Não serão detalhados aqui todos os aspectos da alienação, mas cabe entender como parte da alienação representa a dominação

que a estrutura social exerce sobre o indivíduo¹³⁷, para depois se tratar de como Marx vê o “fim” da alienação.

O ponto que mais interessa aqui é a alienação relacionada às questões econômicas. Marx centra suas considerações na sociedade burguesa, ainda que não a considere como definitiva. O capital aliena, determina e restringe o indivíduo. Mas não de maneira unilateral e perene. Ao contrário, cabe ao indivíduo mudar a realidade e também fazer história. O Marx maduro busca explicar a realidade a partir da base econômica, suas relações de produção. Por ver o capital no centro das determinações e nas relações sociais da época moderna, Marx é tido como determinista.

Nas relações capitalistas o capital domina o indivíduo, forma a estrutura e baliza a superestrutura: “o capital é a potência econômica da sociedade burguesa, que domina tudo. Deve constituir o ponto inicial e o ponto final [da análise] [...] (MARX, 1982, p. 19). Existe, por conseguinte, uma grande determinação: o capital na sociedade burguesa. Marx se propõe a destrinchar suas leis.

A face da análise histórica em Marx se torna nítida no redesenho do vínculo interpessoal, que se processava baseado em laços familiares, religiosos ou estamentais durante as relações pré-capitalistas. No entendimento de Marx, essa configuração limitava o espírito individualista. Mesmo que a junção social fosse hierárquica, os seus laços eram calcados na fidelidade (PAULANI, 2005; PRADO, 1991). A identidade individual era pouco definida, escondida atrás dos valores comunais. Os vínculos existentes impunham barreiras ao individualismo.

cuanto más lejos nos remontamos en la historia, tanto más aparece el individuo [...] como dependiente y formando parte de un todo mayor: en primer lugar y de una manera todavía muy enteramente natural, de la familia y de esa familia ampliada que es la tribu; más tarde, de las comunidades en sus distintas formas, resultado del antagonismo y de de la fusión de las tribus¹³⁸ (MARX, 1978, p.4)

¹³⁷ Além dos trabalhos citados do Marx, é possível encontrar uma segmentação mais precisa de alienação em Garaudy (1964) e em Schaff (1967). Campregher (1993) também traz aspectos da alienação não tratados aqui.

¹³⁸ “Quanto mais longe você vai para trás na história, tanto mais aparece o indivíduo [...] como parte dependente de um do todo maior: em primeiro lugar e de maneira inteiramente natural, da família e da família alargada que é a tribo; mais tarde em comunidades em suas diferentes formas, resultado do antagonismo e da fusão das tribos” (tradução própria).

Conforme expõe Paulani (2005), é a dissolução destas relações tradicionais, ocorrida com a expansão do capitalismo, que afirma o individualismo. O reflexo desse movimento é o homem que calcula seus fins e meios em vista de seu interesse.

[...] nas comunidades tribais primitivas, existia a igualdade, mas não o indivíduo. A busca do interesse próprio não tinha ainda canais para se conduzir. E isto porque a propriedade não era aí privada, era comunal, ou seja, a relação de posse era antes social do que individual. Mesmo civilizações mais adiantadas, como as da antiguidade clássica, na qual existia algo mais parecido com a moderna propriedade privada, ainda aí era a comunidade o pressuposto da propriedade (PAULANI, 2005, p.85).

As relações econômicas se mercantilizam e se tornam impessoais, deixam de ser entre pessoas e passam a ser entre objetos. Isso acarreta em perda da humanização antes existente na junção social, a sociedade se molda a partir do autointeresse, desvinculando o indivíduo dos laços comunais. Os homens são guiados por uma força que escapa a si para atingir seu autointeresse e a sobreviver no arranjo produtivo. O modo de produção e o ambiente condicionam esse comportamento.

O homem inserido no modo de produção capitalista é encoberto por suas relações sociais, ao tempo em que o próprio trabalho do homem é tornado uma coisa social, as relações entre os trabalhadores são ocultadas, restringidas. As relações sociais adquirem uma existência autônoma e a ação do homem se converte em algo estranho a ele mesmo, o deixando dominado, determinado.

Dito de outra maneira, as relações sociais aparecem “[...] como relações materiais entre pessoas e relações sociais entre coisas, e não relações sociais diretas entre indivíduos em seus trabalhos” (MARX, 2008, p.95). Nesse substrato, a busca material deixa de ser um meio para a vida, transformando-se em fim dela:

em sua inspiração incessante pela forma universal da riqueza, o capital impele o trabalho a ultrapassar os limites de sua necessidade natural, criando os elementos materiais, para o crescimento de uma rica individualidade, multilateral na produção e no consumo [...] (ROSDOLSKY, 2002, p. 352-353).

Nessa mesma linha, Prado (1991) considera que a organização social traz um consenso de “cada um por si”, reflexo da interação social, sendo ela explicável a partir das relações

materiais e não pelo espírito humano. O autointeresse reina em determinadas condições, isto é, diretamente influenciado pela época e pelo meio no qual ocorrem. Nesses termos, o meio teria a capacidade de determinar o indivíduo, sendo esse, assim, mutável (PAULANI, 2005).

Na esteira dessas transformações, os valores passam a ser ditados pelas relações de produção. Na nova conjunção, o consumo ganha destaque, o produto do trabalho fica oculto, assim como suas adjacentes relações sociais. O dinheiro assume o papel principal e esse fica superior ao homem, dominando as relações de produção: “cria-se assim o fundamento para a supremacia do dinheiro e das relações monetárias, e para o reflexo invertido das relações sociais de produção na consciência dos participantes” (ROSDOLSKY, 2002, p.118). Tendo o dinheiro como elo da sociedade, os interesses individualistas se fortificam, levando ainda à desvinculação de laços pessoais e ao distanciamento das questões coletivas.

Esta determinação ocorre também nos capitalistas e não apenas nos trabalhadores. A paixão invade o capitalista que ultrapassa barreiras morais visando manifestar o seu interesse.

[...] como capital, esse autômato [o instrumento de trabalho] possui, na pessoa do capitalista, consciência e vontade, e está dominado pela paixão de reduzir ao mínimo a resistência que lhe opõe essa barreira natural, elástica: o homem. (MARX, 2008, p. 461.).

A “determinação” externa ocorre porque a criação humana ganha vida, com leis próprias e que escapam do controle humano, autonomizando-se e ficando maior do que indivíduo. A esse ponto, a obra dos homens se desconecta deles e se torna “indiferente” aos indivíduos:

[...] as forças produtivas se apresentam como completamente independentes e desligadas dos indivíduos, como um mundo à parte, ao lado dos indivíduos. Isso tem sua razão de ser porque os indivíduos, dos quais são as forças, existem como indivíduos dispersos em oposição uns aos outros, enquanto essas forças, por outro lado, só são forças reais no comércio e na interdependência desses indivíduos. Portanto, por um lado, uma totalidade das forças produtivas que assumiram uma espécie de forma objetiva e não são mais para esses indivíduos as suas forças [...] (MARX; ENGELS, 2001, p.81).

Ainda na determinação estabelecida pelo modo capitalista de produção, uma face da personalidade do trabalhador é absorvida por uma organização social que escapa de seu

controle e que suga suas forças anímicas. Isso se dá pelo modo de produção capitalista e pela evolução da divisão do trabalho, a qual sacrifica o trabalhador e rouba uma parte de si. Nas palavras de Marx: “a manufatura produz realmente a virtuosidade do trabalhador mutilado [...]” (MARX, p. 394, 2008). “[...] a continuidade de um trabalho uniforme destrói o impulso e a expansão das forças anímicas [...]” (MARX, p. 396, 2008). “[...] o trabalhador individual pertence a uma função única, limitada, sendo anexado a ela por toda a vida [...]” (MARX, p. 404, 2008). “[...] a manufatura cria uma classe de trabalhadores sem qualquer destreza especial [...] sacrificando a capacidade total de trabalho do ser humano [...]” MARX, p. 405, 2008). “a divisão social do trabalho e a correspondente limitação dos indivíduos a esferas profissionais particulares [...]” (MARX, p. 406, 2008). O modo capitalista de produção restringe a conduta individual, mutila o trabalhador e o empobrece. O torna um organismo mecânico, mortifica sua *physis* e arruína seu espírito.

[...] a manufatura o revoluciona inteiramente [referência ao indivíduo] e se apodera da força individual de trabalho em suas raízes. Deforma o trabalhador monstruosamente, levando-o, artificialmente, a desenvolver uma habilidade parcial, à custa da repressão de um mundo de instintos e capacidades produtivas, lembrando aquela prática das regiões platinas onde se mata um animal apenas para tirar-lhe a pele ou o sebo. Não só o trabalho é dividido e suas diferentes frações são distribuídas entre indivíduos, mas o próprio indivíduo é mutilado e transformado no aparelho automático de um trabalho parcial, tornando-se, assim, realidade a fábula absurda de Menenius Agrippa¹³⁹ que representa um ser humano como simples fragmento de seu próprio corpo. [...] (MARX, p. 415, 2008).

O capital rouba as condições de vida do trabalhador “[...] o capital usurpa-lhe o espaço, o ar, a luz e os meios de proteção contra condições perigosas ou insalubres do processo de trabalho [...]” (MARX, p. 486, 2008). A forma como o trabalho é estranhado rouba do homem sua função ativa, sua atividade vital. Estranha sua vida individual.

quanto mais o trabalhador se desgasta (*ausatbeitet*), tanto mais poderoso se torna o mundo objetivo, alheio (*fremd*) que ele cria diante de si, tanto mais pobre se torna ele mesmo, seu mundo interior, [e] tanto menos [o trabalhador] pertence a si próprio [...] o trabalhador encerra a sua vida no

¹³⁹ A referida fábula tinha o intuito de inibir uma rebelião em Roma. Pela fábula, as partes do corpo não eram unidas e cada membro tinha seu ofício e idioma. Houve, então, descontentamento das partes do corpo e uma consequente conspiração que levou ao definhamento de todos. A fábula conclui que há utilidade de todas as partes.

objeto; mas agora ela não pertence mais a ele, mas sim ao objeto (MARX, 2004, p. 81, grifos no original.)

a produção produz o homem [...] como um ser *desumanizado* (*entmenschetes Wesen*) tanto *espiritual* quanto corporalmente – imoralidade, deformação, embrutecimento de trabalhadores e capitalistas (MARX, 2004, p. 92,93, grifos no original)

Essas circunstâncias vêm de fora do indivíduo. Este é um impacto do produto do homem sobre o indivíduo e sobre a sociedade. Em certo ponto, os produtos da sociedade ganham autonomia e subordinam o homem, limitando seu desenvolvimento, sua liberdade e o tolhendo de parte de sua humanidade. O que os homens constroem acaba os subordinando.

As relações de produção (estrutura social) absorvem o trabalhador. Esse precisa ganhar destreza em uma tarefa, aumentar a intensidade de trabalho, ganhar velocidade. Há intensificação da jornada de trabalho com o “preenchimento mais denso dos poros da jornada”. O trabalhador é compelido a aumentar sua velocidade de trabalho. A organização social, externa ao indivíduo, extrai desse o maior trabalho no menor tempo possível. A cadência imposta leva à exaustão dos nervos, suga o trabalhador. Ele fica subordinado: “o trabalho na fábrica exaure os nervos ao extremo, suprime o jogo variado dos músculos e confisca toda a atividade livre do trabalhador, física e espiritual” (MARX, p. 483, 2008).

A alienação advém, portanto, da relação da atividade humana e dos objetos e instituições que a atividade humana criou. Do afrontamento entre coisas, o homem se torna objeto. A alienação, portanto, desumaniza o homem e divide a sociedade. (GARAUDY, 1964).

Desse modo, ao contrário dos teóricos convencionais, os quais entendem estar no indivíduo a explicação da “sociedade”; a concepção marxista¹⁴⁰ encontraria na sociedade a explicação do comportamento individual, ainda que Marx não desconsidere a interação da economia com a sociedade.

O estranhamento do fruto do trabalho do homem e, conseqüentemente, o estranhamento do próprio homem é causa da propriedade privada: “a *propriedade privada* resulta portanto, por análise, do conceito de *trabalho exteriorizado*, isto é, *homem exteriorizado*, de trabalho estranhado, de vida estranhada, de homem *estranhado* (MARX, 2004, p. 87, grifos no original).

¹⁴⁰ Há que destacar que o marxismo possui diversas facetas. Explora-se aqui a interpretação vista por Veblen e pelos neo-institucionalistas acerca do marxismo, assim como os termos de Marx em sua obra.

A noção de propriedade privada é um dos mais expressivos elementos que empurra o indivíduo ao autointeresse. Neste ponto, independentemente da vontade, o homem inconscientemente se torna individualista, há a “obediência a ordens superiores” (PAULANI, 1995). O indivíduo, que pensa ser autônomo, é na verdade, uma parte de uma estrutura e é impulsionado a agir de maneira individualista, já que não lhe resta escolha neste modo de produção.

Originalmente, a propriedade privada conectava o individual e o social ao longo do processo de formação da sociedade moderna. É separada a parte do trabalho que pertence à comunidade da que pertence aos indivíduos. Na mesma medida, a propriedade privada dos meios de produção, característica da sociedade capitalista, condiciona o indivíduo trabalhador ao capital. Por ela vir do trabalho não pago, priva o indivíduo, o restringe.

O modo capitalista de produção e a propriedade privada, portanto, impõem a alienação, a subjugação, a mutilação, a determinação da vida do indivíduo. Marx veria no fim deste sistema a maior liberdade dos indivíduos, o fim da alienação, o fim da desumanização imposta pelo modo de produção capitalista¹⁴¹. A alienação é, assim, uma determinação da estrutura sobre o indivíduo. Esse último pode ficar totalmente alienado, mas não necessariamente. O homem totalmente alienado se torna objeto da história, comandado pelo desenvolvimento do capitalismo, distanciado do produto de seu trabalho, privado de sua propriedade, trabalhando para outro. Claramente Marx vê o indivíduo fortemente determinado pela estrutura social, mas não entende ser absoluta e definitivamente assim. Ao contrário, Marx visualiza um indivíduo presente na mudança social, conforme se abordará na seção seguinte.

3.2 O indivíduo em Marx

A difundida noção de que na obra de Marx não existe indivíduo e ele está a mercê da história não é consensual. Pelo contrário, essa análise é polemizada. O homem não estaria subjugado e sujeito à história, tão-somente. Embora no materialismo o domínio da estrutura

¹⁴¹ Esse tópico será melhor trabalhado à frente.

aliena o indivíduo, sendo os objetos e as condições sociais mais fortes do que ele, há outros elementos a serem considerados¹⁴².

A crítica da inexistência de “indivíduo” em Marx possuiu consistência nas próprias palavras de Marx, assim como em autores que com ele se identificam, conforme destacado nas seções anteriores. Ainda assim, mesmo que a definição do “indivíduo” não seja clara e nem precisa, ela pode ser localizada em sua obra. Na passagem abaixo Marx situa o indivíduo enquanto ser vivo, com força vital:

O homem é imediatamente ser natural¹⁴³. Como ser natural, e como ser natural vivo, está, por um lado, munido de forças naturais, de forças vitais, é um ser natural ativo; estas forças existem nele como possibilidades e capacidades (Anlagen und Fähigkeiten) como pulsões; por outro, enquanto ser natural, corpóreo¹⁴⁴, sensível, objetivo, ele é um ser que sofre, dependente e limitado, assim como o animal e a planta, isto é, os objetos de suas pulsões existem fora dele, como objetos independentes dele [...] um ser que não tenha sua natureza fora de si não é um ser natural, não toma parte na essência da natureza (MARX, 2004, p. 127, grifos no original).

Marx fala também, em outras passagens, do indivíduo como ser particular e com suas peculiaridades, mas localiza parte do homem fora de si, na exteriorização, inclusive para manter-se vivo. Esta exteriorização do indivíduo se localiza nas relações sociais estabelecidas pelo indivíduo (ser social), adentrando no indivíduo a totalidade:

o indivíduo é o ser social. Sua manifestação de vida [...] é, por isso, uma externalização e confirmação da vida social [...] o homem - por mais que seja, por isso, um indivíduo particular, e precisamente sua particularidade faz dele um indivíduo e uma coletividade efetivo-individual (wirkliches individuelles Gemeinwesen) – é, do mesmo modo, tanto a totalidade [...] (MARX, 2004, p. 107-108, grifos no original).

El hombre es, en el sentido más literal [...] no solamente un animal social, sino un animal que sólo puede individualizarse en la sociedad¹⁴⁵ (MARX, 1978, p. 3)

¹⁴² Parece um truísmo a visão de que o homem muda o mundo e que o mundo mude o homem, ainda assim, em termos teóricos, tal fato não é estritamente claro.

¹⁴³ Ser natural é o que faz parte da natureza. Já o “real” é o concreto, com instintos.

¹⁴⁴ O ser que possui o corpo, forças vitais e necessidades vitais.

¹⁴⁵ “O homem é, no sentido mais literal, não apenas um animal social, mas um animal que só pode individualizar-se na sociedade” (tradução própria).

O homem social é o elo do homem com o homem e fundamenta parte da existência humana, faz a totalidade. Além da externalização do ser nas relações sociais, há uma parte do ser fora de si nas próprias condições naturais. Esta exteriorização está presente na vida política e, para Marx, nela está a autoconfirmação da condição humana: “[...] o homem que reconheceu levar no direito, na política etc., uma vida exteriorizada, leva nesta vida exteriorizada, enquanto tal, sua verdadeira [vida] humana” (MARX, 2004, p. 130).

De toda sorte, o sujeito reconhece a si e a sua individualidade. Em suas discussões filosóficas, Marx salienta a consciência de si como uma qualidade eminentemente humana: “a questão principal é que o *objeto* da *consciência* nada mais é do que a *consciência-de-si*, ou que o objeto é somente a *consciência-de-si objetivada*, a *consciência-de-si* enquanto objeto” (MARX, 2004, p.124, grifos no original).

Para além do ser natural, com seu corpo e sua vida, o indivíduo possui consciência de si, o que o distingue dos demais animais. Essa habilidade o permite se afirmar e se apoiar em seu saber, nas palavras de Marx (2004, p.128): “Mas o homem não é apenas ser natural, mas ser natural *humano*, isto é, ser existente para si mesmo (*für sich selbst seiendes Wesen*), por isso, *ser genérico*¹⁴⁶, que, enquanto tal, tem de atuar e confirmar-se tanto em seu ser quanto em seu saber”.

A este ponto, mais nítida fica a perspectiva de Marx de que o homem tem sua faceta natural, corpórea, que o caracterizam como “vivo”, como parte da natureza:

A natureza é o *corpo inorgânico* do homem, a saber, a natureza enquanto ela mesma não é corpo humano. O homem *vive* da natureza significa: a natureza é o seu *corpo*, com o qual ele tem de ficar num processo contínuo para não morrer. Que a vida física e mental do homem está interconectada com a natureza não tem outro sentido senão que a natureza está interconectada consigo mesma, pois o homem é uma parte da natureza (MARX, 2004, p. 84, grifos no original).

Outra faceta é o ser social, que forma parte de si pelo o que vem de fora, da sociedade, mas com espaço para as suas peculiaridades intrínsecas. O indivíduo isolado é algo inconcebível sob o ponto de vista de Marx, já que parte dele está nas condições sociais. Em sentido semelhante, ele se transforma, não é imutável, como vê a teoria convencional. Ele vive em condições históricas específicas dadas pelas gerações anteriores, sendo o indivíduo

¹⁴⁶ O ser genérico é a forma que compartilha da natureza material, um animal social que depende dos outros (EAGLETON, 2000).

formado pelas condições sociais e pela sua consciência: “[...] o homem é um produto da ontogênese, um produto social quanto às suas concepções, opiniões, juízos de valor – num determinado grau de evolução biológica, lentamente modificada” (SCHAFF, 1967, p.72).

A distinção entre os homens e os animais está na consciência de sua atividade. O homem escolhe, não age apenas instintivamente¹⁴⁷ como os animais. Em termos genéricos, o homem é tudo o que há de comum em todos eles: biologicamente, fisiologicamente e anatomicamente. Além dos aspectos físico e biológico, o homem é um ser social, que reparte tarefas, vive na sociedade, é transformado por ela e é consciente de sua atividade: O homem faz de sua atividade vital um objeto da sua vontade e da sua consciência: “a atividade vital consciente distingue o homem imediatamente da atividade vital animal [...] o homem, precisamente porque é um ser consciente, faz da sua atividade vital, da sua *essência*¹⁴⁸, apenas um meio para sua *existência*” (MARX, 2004, p.84-85, grifos no original).

Em sua concepção de indivíduo, portanto, Marx considera fundamentalmente três elementos: i) o indivíduo como parte da natureza, com forças vitais e características corpóreas; ii) a faceta do indivíduo formado pelas relações sociais através de juízos, sistemas de valores, pela socialização e pela influência do passado (ser social) e; iii) a capacidade de alterar a realidade, particularmente através do trabalho, meio da autocriação e a consciência de si (particularidade).

A faceta biológica é “imutável”. Contudo, o que há de produto de relações sociais é mutável e diferenciável, através das aptidões intelectuais, dos hábitos, dos costumes, das reações a si peculiares. Na natureza em geral, existe uma forma concreta alterada historicamente e existe uma parte a-histórica, que substancia a realidade.

Acerca da capacidade de alterar a realidade objetiva, Marx e Engels são claros ao afirmar que o indivíduo impacta sobre a ela, sendo capaz de distribuir e difundir pensamentos.

os indivíduos que constituem a classe dominante possuem, entre outras coisas, também *uma consciência*, e conseqüentemente pensam; na medida em que dominam como classe e *determinam uma época histórica* em toda a sua extensão, é evidente que esses indivíduos dominam em todos os sentidos

¹⁴⁷ A acepção do termo “instinto” é utilizada de maneira distinta daquela de Veblen. Veblen trata das qualidades inatas do homem e aqui há referência ao comportamento animal.

¹⁴⁸ Na Ideologia Alemã, Marx e Engels são críticos ao conceito de “essência humana” por entenderem que existem diferentes “essências” humanas de acordo com os distintos processos históricos que formam os homens: “[...] essa ‘afinidade humana natural’ é um produto histórico modificado diariamente pelos homens [...]” (MARX; ENGELS, 2007, p. 541). Assim, Marx abandona o termo posteriormente por ver a essência nas condições sociais e no processo histórico.

e que têm uma posição dominante, entre outras coisas também como seres pensantes, como produtores de idéias, *que regulamentam a produção e a distribuição dos pensamentos* de sua época; suas idéias são portanto as idéias dominantes de sua época¹⁴⁹ (MARX; ENGELS, 2001, p.48-49, grifos acrescidos).

Há, portanto, a capacidade de difundir ideias, as quais podem se fortalecer através de um grupo. Mas além dessa, existe a influência que o indivíduo exerce sobre si, embora condicionado à sua realidade histórica.

[...] os indivíduos têm desenvolvimentos completamente diferentes, mesmo sem considerar suas condições financeiras [...] (MARX; ENGELS, 2001, p.90).

Os indivíduos sempre partiram de si mesmos, naturalmente não do indivíduo “puro”, no sentido dos ideólogos, mas sim deles mesmos, dentro de suas condições e de suas relações históricas. Mas fica evidente no curso do desenvolvimento histórico [...] que há uma diferença entre a vida de cada indivíduo, na medida em que ela é pessoal [...]. (MARX; ENGELS, 2001, p.94-95).

O ser vivo efetivo é peculiar. Tem uma objetivação própria. O seu modo de pensar é singular, assim como todos os outros sentidos. A força essencial de cada indivíduo é coerente com suas capacidades subjetivas que são potencializadas pela natureza humanizada¹⁵⁰. A essência humana e as distintas sensibilidades são particulares. Não apenas os cinco sentidos, como as diferentes capacidades de práticas espirituais: amar, ter vontade própria, o dom musical, entre outros (MARX, 2004, p. 110).

A leitura de que na teoria de Marx não há indivíduo é superficial por não considerar o trabalho do jovem Marx que coloca no indivíduo um papel histórico. Nos seus primeiros escritos, Marx apresenta o homem como um ser da natureza, ativo, com necessidades, desejos, que age e trabalha, satisfaz suas necessidades e é um ser particular.

¹⁴⁹ Nesse trecho, em particular, os autores debatem acerca dos indivíduos da classe dominante. Campregher (1993) expõe a tensão existente entre a individualização e a desindividualização. Nesta tensão existe o “indivíduo médio” que compõe a classe. Ele não é nem indivíduo nem coletivo. O indivíduo fora de sua classe consegue abstrair de suas condições de existência subordinada enquanto indivíduo trabalhador. Existe, nesse caso, a individualidade pessoal e a individualidade dentro da classe. Mais sobre o indivíduo médio em Marx e Engels (2001, p. 93-97). A título de curiosidade, Veblen (1983) também expõe esse conceito através do “instinto de classe”. Os indivíduos (proprietários) perdem sua condição de classe ao perderem a propriedade e os indivíduos trabalhadores ganham a condição de classe ao perderem a propriedade dos meios de produção. A força do indivíduo médio depende das relações de produção e da consciência de classe e de sua situação.

¹⁵⁰ Na seção 3.3 esse ponto será retomado.

E mesmo na célebre passagem em que Marx define o indivíduo como ser social, há a utilização do termo “condiciona” ao se identificar como a vida material influencia na vida social, política e espiritual. Em contradição à citação destacada que trata do impacto da estrutura sobre a consciência do homem, são encontradas em Marx inúmeras passagens que destacam a relação causal inversa. O homem não está tão-somente determinado pelas relações históricas e pelos rumos da sociedade, a ele cabe um papel capaz de fazer a realidade:

[...] A história não faz nada, ela “não possui uma enorme riqueza”, ela “não trava combates”! Ao contrário, é *o homem*, o homem real e vivo que faz tudo isso, possui tudo isso e conduz todos esses combates; não é, estejais certo disso, a “história” que serve do homem como meio para realizar – como se ela fosse uma pessoa à parte – seus próprios fins; ela é apenas a atividade do homem que busca seus próprios fins (MARX, 1987, p. 93, grifos no original).

E como tudo o que é natural tem de *começar*, assim também o *homem* tem como seu ato de gênese a *história*, que é, porém, para ele, uma [história] sabida e, por isso, enquanto ato de gênese de consciência, é ato de gênese que se supra-sume (*sich aufhebender Entstehungsakt*). A história é a verdadeira história natural do homem (MARX, 2004, p.128, grifos no original).

Assim, Marx teria de fato concentrado seus escritos nas relações concretas, tendo em mente a coação que o capital exerce contra os indivíduos, socialmente determinandos, limitando sua conduta. Contudo, seu enfoque econômico serviria para compreender os segredos da alienação. Livre da alienação, o homem poderia desenvolver sua personalidade e aprimorar-se. O fim da alienação, alcançaria, em última instância, a extinção do sofrimento das massas, observável na miséria, na fome, na morte¹⁵¹.

Em assim sendo, o primeiro ponto que fica mais nítido é que Marx e Engels reconhecem a imposição dos sistemas sobre os indivíduos, mas visualizam também a possibilidade de alterar este condicionamento¹⁵²:

¹⁵¹ Em última análise, para além de constatar a realidade e da “pureza” científica, Marx primava pela melhoria social. Ele condenava a situação proporcionada pelo modo capitalista de produção: “Grande beleza da natureza os fantasiosos trapos com que se vestem os pobres ingleses e a carne mirrada e enrugada das mulheres roídas pelo trabalho e pela miséria; as crianças que jazem no esterco; os abortos provocados pelo excesso de trabalho no uniforme mecanismo das fábricas! E os graciosíssimos últimos detalhes da prática: a prostituição, o crime e a força!” (MARX, 2011, p.145). “[...] esta dilaceração, esta infâmia, esta escravidão da sociedade civil [...]” (MARX, 2011, p.149).

¹⁵² A referência do condicionamento se dá nessas passagens em alusão ao capitalismo, que deixa os indivíduos mais submetidos a uma força exterior.

[...] na verdade, é também um fato indubitavelmente empírico que, na história decorrida até hoje, com a extensão da atividade, no plano universal, os indivíduos foram cada vez mais submetidos a uma força que lhes é estranha [...] o *mercado mundial*. [...] então a libertação de cada indivíduo em particular se realizará exatamente na medida em que a história se transformar completamente em história mundial (MARX; ENGELS, 2001, p.34, grifos no original).

A relação indivíduo-sociedade¹⁵³ em Marx deve, portanto, ser entendida dialeticamente. Existe uma relação das partes com o todo. Há na unidade também a totalidade. Os indivíduos em Marx não podem ser concebidos sem suas relações sociais e nem as relações sociais sem os indivíduos. Há uma interpenetração dialética permanente. É o próprio indivíduo que está na base nas relações sociais as quais o influenciam e o recriam (CORAZZA, 1996).

Cabe ao homem um papel na história. Ele próprio faz história, como disse Marx. Mas não o faz como quer. Os homens são condicionados pelo passado, pela estrutura social, pela formação histórica. Não estão, entretanto, inertemente determinados. Tampouco vivem na plena liberdade, em um vazio de determinações. O homem pode ser totalmente determinado, como um objeto da história. Pode também ser sujeito ativo da história. Ele pode adaptar-se totalmente à sua condição e pode também transformar a realidade. O poder relativo do sujeito é também condicionado pelo passado. Garaudy (1964, p. 113) expressa pensamento análogo ao pontuar que não há mecanicidade no sujeito no pensamento de Marx:

A idéia-mestra de que os homens fazem sua própria história em um meio dado que os condiciona não se pode confundir com a idéia de que não há em história senão epifenômenos da economia, um “efeito automático da situação econômica”, concepção de um materialismo vulgar, mecanicista, nos antípodas da dialética. A necessidade interna [luta pela superação da alienação] não se pode manifestar senão através de uma infinidade de acasos, que são, na História, a única forma de existência da necessidade [...]

O homem é um ser natural, corpóreo, com características biológicas e físicas naturais “imutáveis”. Possui consciência de si e do que faz, o que o distingue dos demais animais. O indivíduo em Marx é, com certeza, grandemente formado e condicionado pela estrutura material das relações sociais. As forças produtivas capitalistas restringem as alternativas de acessar as mercadorias, alienam o operário, inibem o desenvolvimento da personalidade. O

¹⁵³ Faria (1992, 2007) e Braudel (1996) expõem outras formas de ver a relação estrutura-sujeito com base no pensamento de Marx.

indivíduo é também “[...]’ um produto histórico modificado diariamente pelos [outros] homens [...]” (MARX; ENGELS, 2007, p. 541).

Contudo, o indivíduo possui a capacidade de refletir sobre si, formar a si e aos outros. Ele transforma a natureza, trabalha, cria novos métodos, novas técnicas, transforma a si, condicionado às construções das gerações passadas e à natureza.

Não sendo a realidade imutável, ao contrário, é passível de mudança, Marx e Engels identificam a possibilidade do indivíduo se desenvolver e mitigar o condicionamento existente advindo das relações capitalistas¹⁵⁴. Os autores enxergam portanto, um indivíduo fortemente restringido nas relações capitalistas, devido a “coisificação” das relações, devido à posse privada da propriedade e à subjugação dos trabalhadores. Apesar disso, o indivíduo pode se desenvolver mais. Eles idealizam e teorizam para a transformação destas relações sociais. Para tanto, veem a necessidade da participação do indivíduo (*práxis*), com uma consciência nova. Em novas bases, com um indivíduo transformado, o condicionamento das forças produtivas também se alteraria.

Uma ampla transformação dos homens se faz necessária para a criação em massa dessa consciência comunista [...] uma tal transformação só se pode operar por um movimento prático, por uma *revolução* [...] (MARX; ENGELS, 2001, p.86, grifos no original).

Além de existir um indivíduo em Marx capaz de alterar a realidade, ele trata de uma nova consciência e do desenvolvimento da personalidade do homem de maneira coerente a um novo arranjo social. Esses pontos serão melhor trabalhados na seção seguinte.

3.3 O “fim” da alienação

Não se duvida que em Marx há restrição da estrutura sobre o sujeito. Conforme visto acima, ele salienta em diversos livros de sua obra que o modo capitalista de produção restringe o homem e o seu desenvolvimento. Teoriza para entender essa lógica e, em última instância, alterar a realidade das relações de produção. Assim, existe também na obra dele o

¹⁵⁴ Há que destacar que neste ponto Marx e Engels parecem visualizar esse processo como quase automático, bastando alterar o modo de produção para o sujeito não estar mais subordinado às relações capitalistas e, portanto, livre para desenvolver-se.

indivíduo capaz de alterar a realidade. Marx traz algumas linhas de seu trabalho para abordar que, em outra forma de produção, os indivíduos teriam mais liberdade e poderiam desenvolver sua personalidade em outras frentes. Contudo, existem níveis de “liberdade” a que o indivíduo está submetido. Em última instância, para Marx, a maneira de aumentar a liberdade do indivíduo e haver menor restrição da estrutura sobre ele é alterando o modo de produção.

O modo capitalista de produção impõe um condicionamento e incentiva comportamentos. Marx expõe textualmente que o capitalista segue seu interesse e que comumente este interesse vai de encontro ao interesse coletivo, conflito esse inerente ao capitalismo:

O interesse desta classe [capitalista] não tem, portanto, como as outras duas¹⁵⁵, a mesma ligação com *o interesse geral da sociedade*.... O interesse particular daqueles que exploram um ramo do comércio ou da manufatura é, em certo sentido, sempre diferente do [interesse] do público e, freqüentemente, até mesmo *contraposto a ele de maneira hostil* [...] Esta é uma classe de gente cujo interesse jamais será exatamente o mesmo da sociedade, [de gente] que tem em geral um interesse, *o de enganar e sobrecarregar o público* (MARX, 2004, p. 46-47, grifo acrescidos).

A lógica capitalista empurra à perseguição ao autointeresse: “cada um é livre para permutar sua coisa como entender, sem outra consideração que não seja o próprio interesse do indivíduo” (MARX, 2004, p.55). “O motivo daquele que troca (*Austauschender*) não é a *humanidade*, mas sim o *egoísmo*.” (MARX, 2004, p. 155, grifos no original).

A maneira que Marx vê para eliminar estas restrições estruturais impostas pelo capitalismo se encontra na transformação do modo de produção. O comunismo eliminaria o desequilíbrio interno do homem como membro da sociedade burguesa e membro da comunidade¹⁵⁶, que gera o conflito de interesses entre o indivíduo e a sociedade¹⁵⁷. De toda

¹⁵⁵ Trabalhadores e proprietários de terras.

¹⁵⁶ O objetivo último da sociedade sem classes é por fim à oposição entre o indivíduo e a sociedade. Marx vê, em alguns trechos, essa mudança como quase automática. Os indivíduos no comunismo agiriam para o interesse coletivo, mas este processo de autossustentação e coerência entre o plano estrutural e o individual não parece ser simples e nem automático. Esse ponto suscitou inúmeras críticas ao autor. Ele mesmo reconhece isso e toca nessa seara, desenvolvida na sequência do texto.

¹⁵⁷ Esse ponto é polêmico entre os marxistas. Schaff (1967) entende que para haver coerência entre a estrutura e o indivíduo é preciso desenvolver a personalidade no comunismo e ter um “novo homem” comprometido com o bem coletivo e que suplante a dualidade entre o egoísmo e o homem social. Na visão de Schaff (1967) esse indivíduo deve ser educado, formado, para que seus interesses estejam alinhados e subordinados ao interesse coletivo, em uma atitude social, não caracterizada pelo egoísmo. Este “novo homem” estaria

sorte, Marx e Engels colocam o comportamento de busca do autointeresse como uma influência da estrutura sobre o indivíduo:

A divisão do trabalho implica também a contradição *entre o interesse do indivíduo isolado ou da família e o interesse coletivo de todos os indivíduos* que mantêm relações entre si [...] [assim] enquanto há cisão entre o interesse particular e o interesse comum [...] a própria ação do homem se transforma para ele em força estranha, que a ele se opõe e o subjuga, em vez de ser por ele dominada (MARX; ENGELS, 2001, p.28, grifos acrescidos).

Nesse mesmo sentido, a propriedade privada é uma forte restrição sobre os indivíduos, já que os privam e os deixam alienados. Ela impõe o trabalho e a subjugação. O modo de produção e a propriedade privada “roubam” parte da individualidade: “[...] a propriedade privada real [...] não tem nada a ver com a individualidade, e até mesmo a derruba” (MARX; ENGELS, 2007, p. 258). Com relações capitalistas, as relações sociais são coisificadas, cindindo com o potencial produtor de uma “consciência” dos indivíduos. No comunismo, com o fim da propriedade privada, há, no entendimento de Marx, desalienação do homem:

[...] a supra-sunção positiva da propriedade privada, ou seja, a apropriação *sensível* da essência humana e da vida humanas, não somente no sentido da *posse*, no sentido de *ter*. O homem se apropria de sua essência omnilateral de uma maneira omnilateral, portanto como um homem total¹⁵⁸ (MARX; 2004, p. 108)

adaptado às condições de não alienação social e econômica: “a elevação do egoísmo econômico à dignidade de um princípio de vida é um produto do sistema capitalista e da sua atomização dos interesses dos produtores de mercadorias” (SCHAFF, 1967, p. 220). Para tanto, ele sugere a modificação do sistema educacional, o qual deve abordar a amplitude de conhecimentos do homem, desenvolvendo o “homem pleno”. Nessa mudança, segue Schaff (1967), o tempo de estudo deve ser ampliado para incrementar a cultura geral e mitigar a formação unilateral, conectando com temas com as tarefas reais e práticas e socialmente vantajosas. Em um processo gradual de transformação de consciência. Na visão de Schaff, a inibição do autointeresse, constitutiva do capitalismo, se daria pela educação. O indivíduo coerente com o comunismo possui ideias de igualitarismo e é socialmente engajado, solidário e com espírito coletivo. Fausto (2007) visualiza essa questão de forma distinta. Para ele o indivíduo do capitalismo é o indivíduo pré-histórico. Porém, não crê em um “novo homem” sem o egoísmo e sem a agressividade anti-social. Formar indivíduos com o interesse social de modo a eliminar totalmente a possibilidade de transgressão social não parece ser totalmente factível para o autor. De toda maneira, mesmo Fausto (2007) reconhece que é esse indivíduo que Marx conta ao futuro: “mas é com isto que Marx conta. Ele rejeita toda a idéia da sobrevivência de uma camada de ‘egoísmo material’, e sem dúvida da agressividade associal nos membros da futura sociedade comunista” (FAUSTO, 2007, p. 42).

¹⁵⁸ Outros sentidos são desenvolvidos. O ver, ouvir, cheirar, degustar, sentir, pensar, intuir, perceber, querer, ser ativo, amar. O homem “rude”, desapropriado de sua natureza frui de maneira distinta. E a fruição completa só é possível na medida em que o homem vem a ser objeto social e se torna um ser social, afirmando, ao mesmo tempo, sua individualidade. Marx entende que esses sentidos não *afloram quando são constrangidos pela carência*. “O homem carente, cheio de preocupações, não tem nenhum *sentido* para o mais belo espetáculo [...]” (MARX, 2004, p. 110, grifos no original).

o comunismo é, finalmente, a expressão *positiva* da propriedade privada supra-sumida, acima de tudo propriedade privada *universal*. (MARX, 2004, p. 103, grifos no original.)

[...] o comunismo é o humanismo mediado consigo mediante a supra-sunção da propriedade privada (MARX; 2004, p. 131).

Nas relações capitalistas, todos os sentidos espirituais são ocupados pelo ter. Nesta concepção, a propriedade privada é uma apropriação de parte da vida humana, de sua essência¹⁵⁹. Isso porque ela subtrai parte do trabalho e, portanto, da vida. À medida que o homem se apropria de seu próprio trabalho e de sua essência, torna-se o “homem total”, quando sua individualidade aflora e ele tem em mãos sua humanidade.

a supra-sunção da propriedade privada é, por conseguinte, a *emancipação* completa de todas as qualidades e sentido humanos; mas ela é esta emancipação justamente pelo fato desses sentidos e propriedades terem se tornado *humanos*, tanto subjetiva quanto objetivamente [...] a carência e a fruição perdem, assim, a sua natureza *egoísta* e a natureza a sua mera *utilidade* (Nützlichkeit), na medida em que a utilidade (*Nutzen*) se tornou utilidade *humana* (MARX; 2004, p. 109, grifos no original).

Fica explícito, porém, que nas passagens acima os autores enxergam que o fim das relações capitalistas¹⁶⁰ viabiliza o pleno desenvolvimento da capacidade do indivíduo. Os indivíduos reais e concretos vivem sob a alienação, que deforma a sua evolução e mutila o pleno desenvolvimento da personalidade humana¹⁶¹.

No comunismo há acesso ao fruto do trabalho de forma universal. Esse processo dá ao homem uma parte tirada de si. E a “desalienação” parece vir de maneira automática em algumas passagens. Porém, abaixo, Marx não coloca imediatamente ao homem sua natureza e sinaliza que esse processo é gradual. De toda sorte, o comunismo permite a consciência completa ao desenvolvimento do homem e o acesso à riqueza humana. É o humanismo consumado¹⁶².

¹⁵⁹ Conforme citado na seção 3.2, Marx deixa de usar esse termo por ver que as condições históricas formam distintas essências humanas. Nessas passagens ele se refere à essência humana àquilo que humaniza o homem e dá sentido humano à riqueza por ele criada. Um homem “plenamente rico e profundo”.

¹⁶⁰ Aludida pela “divisão do trabalho”, embora não sejam sinônimos perfeitos. Nesse ponto, o ganho do trabalho fica privado e não comunal.

¹⁶¹ O homem de fato viria após a pré-história, ou seja, na sociedade pós-capitalista. Antes do comunismo o homem não é pleno. Antes, é o homem operário, capitalista, senhor feudal. No comunismo o homem é o verdadeiro sujeito. O pintor, o escritor, o musicista (FAUSTO, 1983).

¹⁶² O humanismo em Marx é um ponto polêmico. O humanismo põe o homem e seu desenvolvimento no centro da questão e apenas aceita os fins humanos e não violentos. Fausto (2007) alega que Marx não propõe o comunismo por motivos éticos, pois transformar o homem é tolher sua liberdade e isso seria contraditório

[...] o comunismo já se sabe como reintegração ou retorno do homem a si, como supra-sunção do estranhamento-de-si humano, mas enquanto ele não apreendeu ainda a essência positiva da propriedade privada e muito menos a natureza *humana* da carência, ele ainda continua embarçado na mesma e por ela infectado. Ele certamente apreendeu o seu conceito, mas ainda não sua essência. O comunismo [...] *apropriação* efetiva da essência *humana* pelo e para o homem. Por isso, trata-se do retorno pleno, tornado consciente e interior a toda a riqueza do desenvolvimento até aqui realizado, retorno do homem para si enquanto homem *social*, isto é, humano [...] É o enigma resolvido da história e se sabe como esta solução. (MARX, 2004, p. 105, grifos no original).

[...] a supra-sunção (*Aufhebung*) *positiva* da *propriedade privada*, enquanto *estranhamento-de-si* (*Selbstentfremdung*) *humano*, e por isso enquanto *apropriação* efetiva da essência *humana* pelo e para o homem. Por isso, trata-se do retorno pleno, tornando consciente e interior a toda a riqueza do desenvolvimento até aqui realizado, retorno do homem para si enquanto homem *social*, isto é, humano (MARX, 2004, p. 105, grifos no original).

Em aparente contradição, na Ideologia Alemã, Marx e Engels criticam alguns autores¹⁶³ por verem no comunismo a supressão da servidão e consideram essa uma premissa monstruosa. São críticos também a tais autores por esses últimos colocarem na mudança do homem o papel de mudar a realidade. As referidas oposições se justificam por Marx crer ser

com o objetivo do comunismo de trazer a liberdade. Marx, para Fausto (2007), não é nem humanista nem anti-humanista. Mas o autor não nega a transformação do homem no comunismo. Marx, sob o olhar de Fausto (1983), desenha dois homens, um no capitalismo (pré-história) e outro no socialismo, sendo esse último o “verdadeiro”. Há no jovem Marx uma inclinação para o futuro socialista (humanista); para Fausto (1983), no Marx maduro o enfoque é na tomada de consciência do proletariado. Porém, para Fausto (1983), reconhecer isso não quer dizer que todos os problemas estão relacionados com o “homem”, como fazem os humanistas. Já Eagleton (2000) vê o ser genérico como sendo também normativo, que visa o prazer e o autodesenvolvimento. A “formação moral” é um desdobramento do desenvolvimento e isso não se perde na obra de Marx. Ao fim, Marx objetiva a liberdade e a igualdade. De todo modo, Eagleton (2000) vê o autodesenvolvimento pleno como uma utopia. Schaff (1967), em linha semelhante, vê continuidade em Marx e o classifica como humanista por querer, em última instância, a libertação, a bem-aventurança do homem e a transformação do homem, que é o centro do socialismo. O meio disso ocorrer seria pela transformação do homem. Para Schaff (1967) há que rejeitar a existência de “dois Marx”, o que muda é o feitio de suas conclusões em seus trabalhos e não suas concepções. Garaudy (1964) enxerga dois Marx. Um jovem na filosofia especulativa que não vê conformidade entre a natureza do homem e trata da “autocriação do homem”, idealisticamente. O Marx maduro vê o socialismo como necessidade histórica. Já Lukács (1967) se opõe ao marxismo existencialista, que aborda os problemas do homem no capitalismo, pois para ele há contradição entre ambos. Sob o olhar de Lukács (1967), em oposição a Sartre, não há moral no marxismo. Não cabe discutir a moral das intenções humanas enquanto as circunstâncias externas são as mesmas. O ato do sujeito individual só pode ser captado em uma esfera completamente diferente, assevera Lukács (1967). Contudo, mesmo para esse autor, não considerar o indivíduo e sua participação em decisões (privadas e públicas) é uma leitura vulgar. Não restam dúvidas que há distinções ao longo da obra de Marx, ao menos, na forma como ele se coloca. Nos manuscritos ele aborda a “essência” do homem e uma preocupação com a humanidade mais forte. Na Ideologia Alemã há mais oposição a esse conceito e um desprezo irônico ao idealismo e ao moralismo, mesmo tendo escrito esse logo após os manuscritos. Esse debate é figurado, ainda, por Theodor Adorno, Roman Rosdolsky, Moishe Postone, entre outros. A toda sorte, essas interpretações e discórdias não serão trabalhadas com maior profundidade aqui, pois a intenção é fazer o contraponto com Veblen e não entre os autores marxistas.

¹⁶³ São Sancho (Max Stirner), Destutt de Tracy (Antoine Louis Claude Destutt) e M. Buchez.

imperativa a mudança das circunstâncias e ler os “verdadeiros socialistas” como idealistas por depositarem no mundo das ideias a mudança.

A liberdade plena seria atingida apenas em uma fase de revolução. O indivíduo atingiria a sua completude e seria capaz de agir sem a restrição imposta pela sociedade capitalista¹⁶⁴.

é somente nesse estágio [revolução] que a manifestação da atividade individual livre coincide com a vida material, o que corresponde à transformação dos indivíduos em indivíduos completos e ao despojamento de todo o caráter imposto originalmente pela natureza; a esse estágio corresponde a transformação dos intercâmbios condicionados existentes num intercâmbio dos indivíduos como tais (MARX; ENGELS, 2001, p.84).

Há, paralelamente à transformação do modo de produção, um enriquecimento do indivíduo que passa por um processo de desalienação. Esse processo não é instantâneo, embora Marx transpareça assim entender em certos momentos. O indivíduo necessita também se autotransformar e estar consciente da prática revolucionária, na qual tem um papel crucial. Sob o controle de suas condições de existência (consciência), os indivíduos passariam a ser indivíduos livres, em condições de desenvolvimento.

a doutrina materialista de que os homens são produtos das circunstâncias e da educação [...] esquece que as *circunstâncias são transformadas pelos homens* e que o próprio educador tem que ser educado. [...] A coincidência do ato de mudar as circunstâncias com a atividade humana pode ser compreendida e entendida de maneira racional apenas na condição de *práxis revolucionária (umwälzende Praxis)* (MARX, ENGELS, 2007, p. 611-612, grifo primeiro acrescido, o segundo no original).

Além da implantação do comunismo, o indivíduo precisaria transformar-se e estar compatível com um modo de produção que não mais conflita o indivíduo e a sociedade. Assim, de um lado, a mudança da estrutura oportuniza o aflorar das capacidades individuais e de outro o próprio indivíduo necessita passar por um processo de transformação. E, embora a estrutura circunscreva o homem, ele possui sua influência sobre a estrutura. Cabe ao

¹⁶⁴ Ainda que essa não seja a única forma de alienação do sujeito é a que Marx mais salienta ao longo de sua obra.

indivíduo, por exemplo, a prática revolucionária, mesmo porque indubitavelmente o homem influencia a história e forma a sociedade¹⁶⁵.

A opinião pública não se forma apenas de maneira espontânea, como superestrutura que reflete as modificações na base da sociedade. Podemos influenciar, de modo consciente, a sua formação, embora, por certo, obedecendo à sua orientação e ao tempo de sua evolução. (SCHAFF, 1967, p.37)

A consciência social, nesta interpretação, não estaria limitada à forma de produção, rebecendo, contudo, influência desta. Apesar do indivíduo auxiliar na transformação da estrutura e da superestrutura, tal mudança não é instantânea, já que estas possuem certa rigidez para transformarem-se: “[...] e a consciência posterior foi sempre atribuída aos indivíduos anteriores” (MARX; ENGELS, 2001, p.84-85). Logo, ainda que haja alguma autonomia na superestrutura, a qual possui leis próprias, ela não é totalmente autônoma e autodeterminada, já que os homens a constroem. Dessa feita, haveria uma bicausalidade entre o sujeito e a estrutura, tendo uma certa defasagem temporal.

Mais do que salientar o papel do indivíduo e das circunstâncias estruturais, Marx e Engels condicionam a existência destas duas forças para a transformação social mais profunda (revolução):

são igualmente essas condições de vida, que as diversas gerações encontram prontas [instituições, para Veblen], que determinam se a comoção revolucionária, produzida periodicamente na história, será suficientemente forte para derrubar as bases de tudo o que existe; os elementos materiais de uma subversão total são, por um lado, as forças produtivas existentes [o que existe, a estrutura] e, por outro, a formação de uma massa revolucionária que faça a revolução [a práxis, a revolta do indivíduo] [...] se essas condições não existem [massa revolucionária e formação histórica das forças produtivas], é inteiramente indiferente, para o desenvolvimento prático, que a *idéia* dessa subversão já tenha sido expressada mil vezes...[...] (MARX; ENGELS, 2001, p.37, grifos no original).

Em suma, Marx vê um indivíduo alienado e entende que no comunismo há a “redenção”: com o fim da propriedade privada e com a conscientização do indivíduo. Ambas

¹⁶⁵ Marx não desenvolveu esse ponto, sobretudo pela aversão que possui a previsões. Mesmo sobre o comunismo ele pouco desenvolveu. As condições históricas e a luta diriam como esse processo se daria, uma vez que não se sabe sobre o futuro, apenas são visíveis tendências gerais.

questões são contestáveis e autores posteriores debatem esses pontos, já que são facilmente criticáveis, particularmente o “fim” da alienação e da determinação da estrutura para o sujeito. O destaque válido aqui, entretanto, é que Marx vê no comunismo um indivíduo menos restringido pela estrutura, com maior liberdade. Tal determinação seria, ao menos, menor no comunismo. Mais do que isso, há uma parcela desta alteração que está na conta dos indivíduos e não à mercê das mudanças históricas “naturais”. Esses pontos serão retomados na seção a seguir.

3.4 Não determinismo de Marx

Conforme explicitado, Marx é lido como determinista, seja por ver um futuro moldado, seja por entender que o indivíduo está determinado pela estrutura e a ele não existem escolhas e, no limite, não existira indivíduo em sua obra. Apesar dessa leitura, foi desconstruída tal visão a partir das próprias palavras de Marx nos pontos em que ele deixa o futuro em aberto ou quando salienta o papel do indivíduo para entender a realidade. Esta seção visa grifar de maneira conclusiva o não determinismo de Marx, enfatizando que o mundo está em aberto, inacabado, que os sujeitos fazem e alteram a história.

Marx e Engels demonstram aversão a previsões sobre o futuro, embora visualizem na história sentido. Eles também discordam dos autores que veem autonomia nos rumos históricos e sociais. E por isso criticam diversos autores, como, por exemplo, Saint Simon, já que esse crê na “autonomia” da “vida universal” (MARX; ENGELS, 2007, p. 537).

Um elemento também relevante na desconstrução determinista é que o objetivo da Ideologia Alemã é criticar o idealismo alemão. Marx e Engels criticam a construção de teorias que partem das ideias e não observam a realidade concreta. Assim, sua ênfase primordial fica na identificação da história como um grande nexos articulador da realidade social, no sentido de ir de encontro ao idealismo, ancoradas na “percepção” e na “intuição” tão-somente. Nesse sentido, é frisado o impacto que o passado, a construção histórica, exerce sobre o indivíduo. Marx e Engels visam antagonizarem-se a Feuerbach¹⁶⁶:

¹⁶⁶ Não será aqui detalhada a crítica de Marx e Engels a Feuerbach, tema amplamente debatido e que não está no centro da discussão aqui formada. É atentado aqui o fato dessa crítica justificar a ênfase histórica supostamente determinística.

[Feuerbach] não vê que o mundo sensível que o cerca não é um objeto dado diretamente, eterno e sempre igual a si mesmo, mas sim o produto da indústria e do estado da sociedade, no sentido de que é um produto histórico, o resultado da atividade de toda uma série de gerações, sendo que cada uma delas se alça sobre os ombros da precedente [...] Os objetos da mais simples “certeza sensível” são dados a Feuerbach apenas pelo desenvolvimento social, pela indústria e pelas trocas comerciais¹⁶⁷ (MARX; ENGELS, 2001, p.43).

Nessa medida, a visão “distorcida” que é atribuída a Marx e a Engels em parte se justifica porque os autores visavam criticar o idealismo descolado da realidade concreta. Esse, para eles, fica no plano das ideias e desconsidera o condicionamento dado pela materialidade das relações sociais. Nesse intento, acentuam o impacto da história sobre o homem, ignorada por Feuerbach, com seu materialismo sem história e sem indivíduo histórico, subjetivo. Conforme destacado anteriormente, essa posição não faz Marx e Engels ignorarem a relação entre a estrutura e o sujeito. Ao contrário, eles protestam sobre a separação entre o homem natural e a história¹⁶⁸:

como se o homem não se achasse sempre em face de uma natureza que é histórica e de uma história que é natural [...] a tão célebre “unidade do homem e da natureza” existiu em todos os tempos [...] (MARX; ENGELS, 2001, p.44).

Os autores colocam que a realidade está carregada de sentido e de finalidade humana. A ação humana de diversas gerações faz a história e transforma a realidade. Essa é, portanto, obra do homem. Marx e Engels desejam frisar de maneira contundente e em oposição a Feuerbach: há que considerar a base material nas análises da sociedade. Porém, não deixam de lado o indivíduo, já que o mundo sensível é o resultado da ação dos indivíduos que o compõem. Eles desejam fundar a análise da sociedade na própria sociedade e na história que ela realiza.

[...] ele [Feuerbach] se contenta com a teoria e não considera os homens em seu determinado contexto social, em suas reais condições de vida, que deles

¹⁶⁷ Essa citação vai ao encontro da crítica de Veblen e dos neo-institucionalistas ao positivismo sobre a realidade perene, imutável.

¹⁶⁸ Nesse trecho Marx e Engels efetuam críticas à Feuerbach e a Bruno Bauer. Ao primeiro acerca de sua concepção do mundo sensível limitado à “sensação” e não como produto da história. A crítica ao segundo se refere à separação entre a “natureza e a “história”, as quais, para os autores, não devem ser separadas. O homem transforma a natureza, a humaniza e assim, faz a história e a história faz o homem.

fizeram o que hoje são; e o fato é que ele nunca chega aos homens que existem e agem realmente [...] Nunca chega, portanto, a considerar o mundo sensível como a soma da *atividade* viva e física dos indivíduos que o compõem [...] (MARX; ENGELS, 2001, p.44, grifos no original).

Marx e Engels visualizam a bivalência do processo, concepção que permite ao indivíduo interferir no futuro. Veem eles, aqui, no nível das forças produtivas, mudança a cada geração; evolução contínua:

a história não é senão a sucessão das diferentes gerações, cada uma das quais explora os materiais, os capitais, as forças produtivas que lhe são transmitidas pelas gerações precedentes; assim sendo, cada geração, por um lado, continua o modo de atividade que lhe é transmitido, mas em circunstâncias radicalmente transformadas, e, *por outro, ela modifica as antigas circunstâncias* (MARX; ENGELS, 2001, p.47, grifos acrescidos).

Em outro trecho, nos Manuscritos, Marx reforça a mesma ideia: a de que ao mesmo tempo em que a sociedade forma o homem, ele forma a si e a própria sociedade. Aqui, no nível das relações sociais:

o homem produz o homem, a si mesmo e ao outro homem; assim como [produz] o objeto, que é o acionamento (*Betätigung*) imediato da sua individualidade e ao mesmo tempo a sua própria existência para o outro homem [...] o caráter *social* é o caráter universal de todo o movimento; assim como a sociedade mesmo produz o *homem* enquanto *homem*, assim ela é produzida por meio dele (MARX, 2004, p. 106, grifos no original).

Mais do que fazer história, há necessidade de ação do homem na história. Particularmente quando se trata do comunismo. O processo histórico, a ação do indivíduo e as condições materiais suscitam o comunismo. O homem é, portanto, criador do devir e da história. Não basta o idealismo para mudar a realidade e tampouco esperar a história tomar seu rumo “pré-determinado”. A história é uma criação do homem:

o estado de coisas criado pelo comunismo constitui precisamente a base real que torna impossível tudo o que existe independentemente dos indivíduos – na medida, porém, em que esse estado de coisas existente é pura e simplesmente um produto das relações anteriores dos indivíduos entre si (MARX; ENGELS, 2001, p.87).

[...] *só* é possível de um modo prático, só pela energia prática do homem e, por isso, a sua solução de maneira alguma é apenas uma tarefa do

conhecimento, mas uma *efetiva* tarefa vital que a *filosofia* não pôde resolver, precisamente porque tomou *apenas* como tarefa teórica (MARX, 2004, p. 111, grifos no original).

Na história, há um tanto de passado e um pouco de mudanças efetuadas pelos indivíduos. Cada estágio da história é “ao mesmo tempo a história das forças produtivas que se desenvolvem e são retomadas por cada geração nova e é também a história do desenvolvimento das forças dos próprios indivíduos” (MARX; ENGELS, 2001, p.89).

Embora as obras do homem exerçam força e poder sobre o indivíduo, alienando-o; o jovem Marx vê o homem como central, mesmo que o Marx maduro se detenha nas questões econômicas “estruturais”. Segundo Schaff (1967) o objetivo último de Marx é desenvolver a personalidade humana e sua felicidade. Para tanto, se faz necessário combater a alienação econômica, e, por isso, o foco do Marx maduro se altera. Não que os estudos sobre as relações econômicas passem a ser um fim em si mesmos, mas um meio para combater a alienação. Marx deu por resolvida a questão para seus propósitos de então. Nesse sentido, há que efetuar a análise do Marx maduro à luz do jovem e vice-versa, sem descontextualizar alguns trechos que transmitem uma ideia equivocada.

Marx e Engels identificam um domínio da estrutura, a despeito de ser construída pelos homens. Efetuam, porém, uma clara negação da total autonomia desta esfera estrutural sobre os homens, negam também a completa autonomia individual. O homem não é apenas determinado pela estrutura e também não é absolutamente livre para guiar todas as frentes de sua vida. Ele está parcialmente condicionado e possui, ao mesmo tempo, a capacidade de criar ao outro e a si. A referida passagem se dá no tempo em que discutem a “nova” organização social comunista:

[...] Esta concepção¹⁶⁹ pode ser, por sua vez, concebida de maneira especulativa e idealista, isto é, fantasiosa, como “geração do gênero por si mesmo” (a “sociedade enquanto sujeito”) e, por isso, mesmo a série sucessiva dos indivíduos em relações uns com os outros pode ser representada como um indivíduo único que realizaria esse mistério de gerar a si mesmo. Vê-se então que os indivíduos se criam *uns aos outros*, no sentido físico e no moral, mas não se criam, nem no sentido absurdo de São Bruno¹⁷⁰ nem no sentido “único”, do homem “feito por si mesmo” [...] (MARX; ENGELS, 2001, p.35, grifos no original).

¹⁶⁹ A concepção de que os indivíduos podem se libertar das limitações e adquirirem a capacidade de desfrutar da produção.

¹⁷⁰ Marx e Engels fazem referência ao filósofo, teólogo e historiador Bruno Bauer.

Nesta mesma linha, a ótica de que o mundo caminha de forma inequívoca ao socialismo é contestável. Marx crê que o modo capitalista é lastreado na exploração e essa é uma condição para a expansão das forças produtivas. Essa expansão forma as bases materiais que Marx se refere para a própria existência do socialismo. Tal concretização não ocorre sem greves, sem protestos, sem *práxis* revolucionária, em uma palavra, sem o indivíduo.

A visão de Marx sobre as mudanças históricas é também polemizada. Segura e Conceição (2013) apontam uma transição na teoria da história de Marx, transição essa sem ruptura em seu pensamento. N'A Ideologia Alemã, Marx e Engels abordam a evolução da história real comandada pela divisão do trabalho, na qual são exigidas condições históricas para a mudança social. Já nos Grundrisse, a história é um movimento da propriedade privada e da consequente alienação. Nesse último trabalho, a história se abre a múltiplas trajetórias em um processo aberto e não determinístico. As mudanças nas relações de propriedade acarretam em mudanças nas relações de trabalho e nas distintas possibilidades históricas.

Marx não vê, portanto, a realidade em um alinhamento positivista de continuidade. A evolução é dialética. As formas anteriores não são necessariamente etapas de uma forma posterior, embora o devir seja norteado pela história. A mutação na dialética traz do destroço de uma forma o nascimento da outra. As relações estruturais do capitalismo não são as mesmas da Idade Média, por exemplo (FAUSTO, 1987). A “inevitável” queda da classe capitalista não é independente dos homens e sim um ato político. Marx vê sentido na história, significado nos acontecimentos, mas não um caminho sem embates, sem conflitos, sem contradições e sem descaminhos. Ao contrário, fatos históricos fortuitos podem alterar todo um processo.

O modo capitalista de produção traz conflitos, mas não um conflito previsível. Sua aversão ao determinismo o afastava, inclusive, de palpites sobre como seria o socialismo, deixando apenas algumas ideias colocadas (EAGLETON, 2012).

Em uma carta a um editor, Marx expõe de maneira clara que sua visão histórica se refere aos fatos ocorridos na Europa, em particular às etapas na Inglaterra. Mas não se trata de uma lei geral, inequívoca que seguirá seu caminho de forma incontestável. Seguem abaixo trechos da carta em que Marx se diz não determinista:

The chapter on primitive accumulation does not pretend to do more than trace the path by which, in Western Europe, the capitalist order of economy emerged from the womb of the feudal order of economy [...]I have not furnished any proof, for the good reason that this statement is itself nothing else than the short summary [...] He [se refere a M. Shukovsky, um crítico] feels himself obliged to metamorphose my historical sketch of the genesis of capitalism in Western Europe into an historico-philosophic theory of the *marche generale* [general path] imposed by fate upon every people, whatever the historic circumstances in which it finds itself, in order that it may ultimately arrive at the form of economy which will ensure, together with the greatest expansion of the productive powers of social labour, the most complete development of man [...] Thus events strikingly analogous but taking place in different historic surroundings led to totally different results. By studying each of these forms of evolution separately and then comparing them one can easily find the clue to this phenomenon, but one will never arrive there by the universal passport of a general historico-philosophical theory, the supreme virtue of which consists in being super-historical.¹⁷¹ (MARX, 1968, s/p.)

A história não pode ser contada como uma lei única que vai a um caminho conhecido. Sempre se faz necessário a avaliação das circunstâncias históricas. O pesquisador pode encontrar tendências, porém, existem também contra-tendências, o que é próprio da visão dialética. Marx expõe essa sua visão na já citada passagem:

[...] as categorias mais abstratas – precisamente por causa de sua natureza abstrata - apesar de sua validade para todas as épocas, são, contudo, na determinidade dessa abstração, igualmente produto de condições históricas, e não possuem plena validade senão para essas condições e dentro dos limites destas (MARX, 1982, p. 17).

A Marx incomodava o modo estático de ver a ciência e a realidade. Ele não vê leis naturais eternas no que é social, histórico e contraditório. Na história há surpresa, desequilíbrio e revolução. Há espaço para a subjetividade do indivíduo, para a política. No

¹⁷¹ “O capítulo sobre a acumulação primitiva não pretende fazer mais do que rastrear o caminho pelo qual, na Europa Ocidental, a ordem capitalista da economia saiu do ventre da ordem da economia feudal [...] Eu não forneci qualquer prova, pela boa razão de que essa declaração é em si nada mais do que o breve resumo [...] Ele [se refere a M. Shukovsky, um crítico] sente-se obrigado a metamorfosear meu esboço histórico da gênese do capitalismo na Europa Ocidental em uma teoria histórico-filosófica da *generale marche* [caminho geral] imposta pelo destino sobre todos os povos, quaisquer que sejam as circunstâncias históricas em que se encontram, a fim de que possam vir a chegar à forma de economia que vai garantir, juntamente com a maior expansão das forças produtivas do trabalho social, o mais completo desenvolvimento do homem [...] Assim, eventos surpreendentemente análogos, mas ocorrendo em diferentes ambientes históricos levaram a resultados totalmente diferentes. Ao estudar cada uma dessas formas de evolução separadamente e depois compará-las, pode-se facilmente encontrar a pista para esse fenômeno, mas nunca vai-se chegar lá pelo passaporte universal de uma teoria histórico-filosófica geral, a suprema virtude que consiste em ser supra-histórica” (tradução própria).

mundo dialético a realidade está em aberto e em construção, com espaço para a liberdade e para a mudança. A luta, a organização, o combate, a resistência, a tensão são indeterminações (PAULA, 1994).

Marx aposta na *práxis* e na transformação da realidade. Mas esse é um projeto, que depende da história, dos indivíduos e dos meios para a mudança. A revolução socialista não ocorre passivamente, pela lei natural das coisas, mas, ao contrário, pela iniciativa histórica. Ainda que as contradições do capitalismo, na visão de Marx, sejam tamanhas que rompam com o sistema a partir de sua continuidade, ela não ocorre pela única vontade dos indivíduos que constroem a si mesmos. Tampouco se dá espontaneamente nos rumos trilhados pela história. É um processo recíproco.

Esta concepção¹⁷² mostra que [...] a cada estágio são dados um resultado material, uma soma de forças produtivas, uma relação com a natureza e entre os indivíduos, criados historicamente e *transmitidos a cada geração por aquela que a precede*, uma massa de forças produtivas, de capitais e de circunstâncias, que, por um lado, são bastante modificados pela nova geração, mas que, por outro lado, ditam a ela suas próprias condições de existência e lhe imprimem um determinado desenvolvimento [...] *as circunstâncias fazem os homens tanto quanto os homens fazem circunstâncias*. (MARX; ENGELS, 2001, p.35, grifos acrescidos).

Outro ponto tido como determinista é a causalidade “linear e mecânica” entre a base e a superestrutura. Contudo, ele frisa que o plano das ideias pode se antecipar a mudanças na base, ou seja, há autonomia relativa da superestrutura. Os conflitos nas relações de trabalho podem trazer mudanças na base e na superestrutura, mas não de maneira determinada e nem pré-determinada.

Existe uma multiplicidade de fatores que ditam a história. Alguns possuem padrões que preponderam sobre os outros, como a força do capital. Além desse forte fator, existe a cultura, a política, e as ideias que possuem sua realidade e se conectam com a base de maneira bicausal. Embora o modelo base-superestrutura seja simplificado, Marx não coloca a vida social em posições segmentadas. A vida social e a história não podem ser resumidas a esses dois termos.

¹⁷² Nessa passagem, Marx e Engels fazem referência a visão deles da história, que vai de encontro a perspectiva idealista, ou seja, se referem à abordagem materialista que inclui a formação histórica da base social na explicação da realidade.

Em alguns pontos, Marx visualiza uma lógica na história, mas frisa que os homens fazem a história. Nas raras passagens metodológicas ele rejeita a ideia de lei geral válida universalmente, mas também ele não vê a história como eventos aleatórios. Os fatos abrem caminhos possíveis, em meio a transtornos, conflitos, rupturas e continuidades. E o indivíduo está nesse processo. A história, a natureza e o homem estão influenciados pelo homem. Ele é capaz de mudar a natureza, mudar a estrutura social e construir o futuro. A sociedade é um produto do homem. Na própria *práxis* o indivíduo busca mudar a realidade e também assiste a uma mudança em si, em sua consciência: “na atividade revolucionária, o Mudar-a-Si coincide com o mudar das circunstâncias”. (MARX; ENGELS, 2007, p. 240).

Nos Manuscritos Econômicos-filosóficos, Marx tateia um novo homem forjado por novas circunstâncias. Esse novo homem pode fazer história, pode mudar a realidade, mas não o fará como quer, depende do passado, de toda a história, como conclui no 18 Brumário:

Os homens fazem sua própria história, mas não a fazem como querem; não a fazem sob circunstâncias de sua escolha e sim sob aquelas com que se defrontam diretamente, legadas e transmitidas pelo passado. A tradição de todas as gerações mortas oprime como um pesadelo o cérebro dos vivos (MARX, 1978a, p. 17).

A maneira como Marx expõe a participação do indivíduo na mudança de si e da estrutura, a justaposição da estrutura e do indivíduo, os quais se interpenetram, a maneira como futuro está em aberto em muito se assemelham a Veblen. Esse é o centro do capítulo que segue.

4 MARX E VEBLER: CONFLUÊNCIAS E DIVERGÊNCIAS

Nos dois capítulos anteriores, diversos pontos semelhantes entre Veblen e Marx se tornaram claros com a simples problematização de suas concepções. Ainda assim, neste capítulo os pontos mais relevantes de convergência serão retomados, não em toda vastidão de suas respectivas obras¹⁷³, mas no que toca proximamente o objeto central deste estudo: as relações de causalidade entre indivíduo e sociedade. Contemplando a primeira seção, os autores serão comparados no tocante às suas respectivas concepções de indivíduo, ao condicionamento estrutural sobre o indivíduo, à participação do indivíduo na mudança estrutural, às múltiplas causalidades e paralelos entre o evolucionismo e a dialética. Na segunda seção serão sublinhadas as zonas de desacordo entre as posições dos autores, assim como, em caráter conclusivo, efetuar-se-ão observações críticas aos dois autores.

4.1 A confluência de perspectivas entre Veblen e Marx

Esta seção visa efetuar um apanhado geral de maneira comparativa acerca das semelhanças vistas entre os autores. Retomar pontos dos dois primeiros capítulos é crucial para grifar as proximidades entre as concepções dos autores. A primeira sub-seção sintetiza a concepção de indivíduo de cada um, a segunda estende a questão do papel do indivíduo nas mudanças estruturais e sua transformação nesse processo, a terceira traz lado a lado a maneira como ambos veem a bicausalidade nas relações estrutura-sujeito e, por fim, há uma comparação sobre seus respectivos arcabouços metodológicos.

4.1.1 Indivíduo

A seção 2.2.2 compilou os elementos que compõem o indivíduo desenhado por Veblen, os quais ele deixou disperso em seu trabalho. De maneira sintética, é possível destacar três principais aspectos do indivíduo, quais sejam, i) uma parte “inata”, derivada da

¹⁷³ Edgell e Townshend (1993) efetuam comparações entre os autores acerca da teoria do valor, da visão sobre o lucro, da competição no mercado, das perspectivas de crises entre outros pontos. Dugger e Sherman (1994, 1997) abordam também as duas visões sobre o conflito de classes, sobre os interesses das classes, sobre evolução [nos neo-intitucionalistas e nos marxistas contemporâneos], as visões sobre tecnologia e a influência dessa no sistema social. Há, certamente, diferentes ênfases e direções nas respectivas obras nos diversos temas que eles abordam em suas teorias. Centrar-se-á, entretanto, no objeto da tese.

genética e dos instintos, que se adapta ao ambiente; ii) a influência da história, da cultura e a maleabilidade do indivíduo ao seu meio; iii) uma faceta preenchida pela história individual, pelos seus hábitos, pelos seus fins e meios, por suas motivações intrínsecas.

Marx, de forma semelhante, não possui uma definição clara sobre o indivíduo. Na seção 3.2 foram elencados os principais eixos que compõem o indivíduo. São eles: i) o ser natural, que possui sua força vital e características biológicas; ii) o ser social, que é a parte do indivíduo que está fora de si, na sua vida política, na repartição de tarefas nas relações materiais, e no seu condicionamento estrutural; iii) a faceta que possui consciência de si e existe para si. O espaço para suas peculiaridades idiossincráticas, seu modo singular de pensar e suas diferentes capacidades práticas.

Os paralelos ficam explícitos quando colocados lado a lado. Em síntese os dois autores veem o indivíduo biológico, social e peculiar. O condicionamento da estrutura se dá pelas relações materiais, pela influência da história, pela adaptação às instituições. Nenhum dos autores concebe indivíduos isolados, com plena liberdade e sem determinações externas e tampouco dão credibilidade a relações sociais sem indivíduos. As preferências e crenças devem ser explicadas pelo contexto, e não apenas assumidas, e a história tem vital relevância nesta conjunção para os dois autores.

Um ponto presente em Veblen e em Marx quando tratam sobre o indivíduo se refere à percepção de que o “homem econômico” delineado pelos autores clássicos é coerente com o pensamento e com o período histórico dos próprios autores que estavam no auge da Revolução Industrial. E aqui se observou a compreensão que Veblen possui de que há um tanto de hedonismo de Bentham no indivíduo em Marx e no conflito de classe¹⁷⁴. Marx, porém, é crítico e bastante irônico a Bentham e ao seu hedonismo, conforme notado no segundo capítulo.

Ambos os autores tratam também do desenvolvimento do homem. Seja através dos instintos construtivos e criativos, seja através da desalienação e do maior tempo livre para o desenvolvimento de capacidades espirituais e dons. Em Marx, o condicionamento do indivíduo pela estrutura parece ser mais intenso do que em Veblen. As relações capitalistas de produção roubam parte da vida dos indivíduos e, para ocorrer o “pleno” desenvolvimento

¹⁷⁴ Veblen entende que no conflito de classes há busca pelo autointeresse do grupo; utilitarista. E, em Marx, e seu materialismo histórico, o indivíduo seria apenas um reflexo do objetivo material. Visão essa caricata de Marx.

deles, é imperativa a transformação do modo de produção para devolver parte exteriorizada do sujeito e para não deixá-lo privado de seu próprio trabalho e de sua riqueza.

A despeito de todas as determinações estruturais, o indivíduo possui capacidade de alterar a realidade. Em Marx essa mudança se dá via *práxis*, via conscientização, via ação política intencional, teleológica, portanto. Em Veblen o indivíduo também interfere nas instituições, as cria, constrói hábitos e rotinas, um processo inerente à evolução constante. Já as ações humanas decorrentes da razão suficiente levam em conta os meios e os fins dos indivíduos, planeja, antevê o futuro para fazer decisões. Há, também em Veblen, uma parte teleológica.

O indivíduo de Veblen parece ser mais dinâmico do que o exposto por Marx. No primeiro ele está sempre se adaptando às novas circunstâncias, inibindo instintos, desenvolvendo habilidades. Em Marx a limitação imposta pela estrutura é intensa e a maior liberdade individual precisa de uma mudança estrutural. Alteração essa que ocorre com a participação do indivíduo e não de forma espontânea pelo devir da história. Esse é o tema da seção seguinte.

4.1.2 Participação do indivíduo na transformação estrutural

Parece claro que os dois autores pautados consideram que uma mudança estrutural passa pelo indivíduo. Ele é agente de mudança, via constituição de novos hábitos; rotinas, via fortificação de instintos, via *práxis* e lutas, via união e conscientização. Do mesmo modo, uma alteração estrutural/institucional impõe mudanças ao indivíduo. Esta seção trata da alteração no indivíduo e sua ação na estrutura para além da questão conceitual tratada anteriormente.

Em Veblen, os instintos construtivos ou predatórios são mais ou menos aflorados nos indivíduos. As relações capitalistas instigam os instintos predatórios, que levam, muitas vezes, ao abandono consciente da eficiência e do ganho coletivo (maior produção ou menor preço) para o aumento do lucro. Uma força que escapa ao poder do indivíduo (estrutural) o leva a agir dessa maneira. Não é porque os altos capitães dos negócios sejam maus. Não que queiram agravar a miséria e aumentar a privação de seus concidadãos.

Veblen deposita nos instintos predatórios a constituição da propriedade privada e da classe ociosa: no curso da evolução cultural: “o aparecimento de uma classe ociosa coincide

com o início da propriedade” (VEBLEN, 1983, p. 15). Para ele, a sociedade em classes se dá pela exacerbação predatória, que bloqueia e inibe os instintos construtivos e cooperativos. A dominância dos instintos predatórios funda as relações capitalistas. Quando os instintos construtivos dominam, a tendência social é voltada para a igualdade e para a cooperação: “[...] esses interesse coletivo é melhor servido pela honestidade, a diligência, a calma a bondade, a ausência de egoísmo e um conhecimento [...]” (VEBLEN, 1983, p. 103).

Veblen cria que para haver mais igualdade é necessária uma mudança no capitalismo. Uma igualdade apenas seria factível com controle comunitário, com a produção comum ao invés do lucro privado. Veblen, porém, não achava essa ideia viável no curto prazo: “[...] há poucas razões para entusiasmo no tocante ao modo coletivo de vida que iria resultar da prevalência dessas qualidades em um predomínio implacável” (VEBLEN, 1983, p. 103). Descrença substanciada pelos obstáculos à mudança como a emulação dos hábitos e dos valores das camadas mais elevadas da população; uma inconsciência do interesse de classe acerca das mudanças essenciais, a qual perpetua a lógica sistêmica: “[...] o resultado é uma assimilação das classes inferiores ao tipo de natureza humana que primariamente pertence tão-somente às classes mais altas” (VEBLEN, 1983, p. 110). Porém, se os trabalhadores percebessem que os instintos predatórios geram problemas econômicos, haveria uma derrubada revolucionária.

Em paralelo, Marx fala sobre a “conscientização” do indivíduo, há necessidade de luta e também do desenvolvimento da personalidade humana. Entretanto, não basta haver a consciência para subverter o mundo, tal mudança é concomitante à transformação do estado das coisas.

Ainda que uma transformação das relações produtivas auxilie através da influência que a estrutura exerce sobre o indivíduo e das novas forças que daí partem, tais movimentos não são suficientes. O quadro social que permita uma alteração do modo de produção exige uma participação do indivíduo, de forma que suas concepções confluem com as relações de produção.

O fim do trabalho socialmente determinado¹⁷⁵ aumentaria a “felicidade” do homem, na visão de Marx. Ainda assim, liquidar a propriedade privada não altera a consciência dos homens. A simples implantação do socialismo não traz o “novo homem”, embora por vezes Marx deixe transparecer essa ideia, conforme desenvolvido anteriormente.

¹⁷⁵ O termo aqui utilizado faz alusão ao fim do trabalho além do socialmente necessário, ou seja, o fim da extração de mais-valia.

Marx possui uma nítida preocupação “normativa” com a vida desumanizada e entende ser a revolução a solução dos problemas do indivíduo:

[...] uma revolução social se situa do ponto de vista da totalidade porque [...] é um protesto do homem contra a *vida desumanizada*, porque parte do *ponto de vista do indivíduo singular real*, porque a comunidade, contra cuja separação o indivíduo reage, é a verdadeira comunidade do homem, *é a essência humana* (MARX, 2011, p.154, grifos acrescidos).

[...] desde que a liberdade da indústria e do comércio abole o exclusivismo privilegiado e, em seguida, suprime a luta que era travada entre os diversos exclusivismos, para trocá-la pelo homem livre do privilégio (do privilégio que isola da coletividade exclusiva), pelo homem que não está mais ligado a seu semelhante nem mesmo pela aparência de um liame universal, e para engrenar a luta universal opondo o homem ao homem, o indivíduo ao indivíduo, toda a sociedade burguesa é apenas esta guerra recíproca de todos os indivíduos que são isolados dos outros indivíduos apenas pela sua individualidade; ela nada mais é do que o movimento universal e refreado das forças vitais elementares liberadas dos entraves de privilegiados (MARX, 1987, P.115).

Em tendo o homem a capacidade de transformar a realidade e criar a história, cabe também a ele construir a sua libertação. Na visão de Marx, o comunismo dá as condições para a evolução da personalidade e para a emancipação do indivíduo. A vida “humana” é a tarefa do comunismo, tendo os homens como dirigentes de suas condições objetivas, ao contrário da “imposição” do capitalismo.

Nesse substrato, o comunismo é dependente do indivíduo, é uma construção dele:

o estado de coisas criado pelo comunismo constitui precisamente a base real que torna impossível tudo o que existe independentemente dos indivíduos – na medida, porém, em que esse estado de coisas existente é pura e simplesmente um produto das relações anteriores dos indivíduos entre si (MARX; ENGELS, 2001, p.87).

No comunismo, o indivíduo além de maior liberdade, consegue se auto-afirmar:

[...] as condições nas quais os indivíduos entram em relações entre si são condições inerentes à sua individualidade; não lhes são de maneira alguma exteriores e únicas; elas permitem que esses indivíduos determinados, e existindo em condições determinadas, produzam sua vida material; são portanto condições de sua afirmação ativa de si e são produzidas por essa afirmação de si (MARX; ENGELS, 2001, p.88-89).

Enquanto o capitalismo restringe o tempo livre e as capacidades humanas, no comunismo, o tempo livre permite o desenvolvimento da personalidade, com inúmeros talentos incentivados. Marx tem em mente a desmercantilização da personalidade do indivíduo utilitário. Nesse ponto, o indivíduo se emancipa e reconhece suas forças nas forças sociais e políticas que permitem liberdade a ele (EAGLETON, 2000).

A conscientização se dá em duas vias: i) através da mudança do sistema capitalista pelo comunismo, já que no segundo há “desalienação” e; ii) pela transformação no nível individual, dos valores individuais, com o comprometimento com o modo de produção coletivo. A conscientização social do indivíduo não seria uma mudança “piedosa”, mas necessária para a coerência entre a estrutura e o indivíduo.

Em Marx e em Veblen uma mudança da estrutura/instituições passa pelo indivíduo. Seja como “causa” seja como “efeito”. Marx vê na mudança do sistema econômico uma alteração do indivíduo (“desalienação”, liberdade). Considera, ainda, que as ideias e a *práxis* influenciem na mudança estrutural. O homem é formado pelas circunstâncias, pela história e, também, pelo próprio homem e por ideias. Veblen, deposita nos instintos, os quais são moldados pela estrutura, parte das bases do sistema econômico, como a propriedade privada. No entanto, compreende que a consciência dos trabalhadores levaria à revolução, que, em um segundo momento, instigaria os instintos construtivos. De todo o modo, vê com clareza que a mudança social passa pelos indivíduos “a evolução da sociedade é substancialmente um processo de adaptação mental de parte do indivíduo, sob a pressão de circunstâncias que já não toleram hábitos mentais formados [...] no passado” (VEBLEN, 1983, p. 88-89).

Veblen, porém, não acha essa mudança factível no curto prazo, mas crê que para haver igualdade, é preciso mudar o sistema e os instintos fortificados nos homens deste arranjo social. Marx, ao contrário, acha possível a ruptura e a conseqüente alteração e desenvolvimento do indivíduo. De toda sorte, os instintos e o desenvolvimento da personalidade são suscetíveis a estímulos externos. A base estrutural e a mudança no indivíduo (antes ou depois) parecem ser uma condição/consequência de uma transformação no modo de produção. A seção seguinte retomará os pontos em que ambos autores ratificam a mudança simultânea (posterior ou, ainda, anterior) da estrutura e do indivíduo.

4.1.3 Múltiplas causalidades

Tanto Marx como Veblen identificam uma interação mútua entre sujeito e estrutura. Em Veblen esta interação é mais clara, até por criticar em Marx esta “ausência” de interação. Contudo, conforme exposto no capítulo anterior, Marx não deixa de destacar o indivíduo na transformação da estrutura. Esta seção busca expor lado a lado tais visões de modo a frisar suas proximidades. Além disso, sinalizar que ambos encontram na história parte da explicação do indivíduo e da estrutura.

Na seção 2.3 foram apresentadas críticas que Veblen efetua a Marx. Repassemos algumas delas a fim de localizar em Marx sua defesa. Em sua concepção de indivíduo, Veblen encontra bastante do meio, das regras sociais, da história, dos hábitos, em uma palavra, das instituições, que condicionam e restringem os indivíduos. É nítido também que o autor enxerga o indivíduo influenciando a ação coletiva, suas convenções sociais e, no limite, restringindo a ação dos outros indivíduos de maneira formal ou mesmo informal (mudança institucional). Ele frisa o ambiente e acentua também a intencionalidade individual.

[...] an adequate theory of economic conduct, [...] cannot be drawn in terms of the individual simply [...] since the response that goes to make up human conduct takes place under institutional norms and only under stimuli that have an institutional bearing [...] the phenomena of human life occur only as phenomena of the life of a group or community: only under stimuli due to contact with the group and only under the (habitual) control exercised by canons of conduct imposed by the group's scheme of life [...] the growth and mutations of the institutional fabric are an outcome of the conduct of the individual members of the group, since it is out of the experience of the individuals, *through the habituation of individuals, that institutions arise; and it is in this same experience that these institutions act to direct and define the aims and end of conduct.* It is, of course, on individuals that the system of institutions imposes those *conventional standards, ideals, and canons of conduct* that make up the community's scheme of life ¹⁷⁶ (VEBLEN, 1952, p.243, grifos acrescidos).

¹⁷⁶ “[...] uma teoria adequada da conduta econômica [...] não pode ser formulada em termos do indivíduo simplesmente [...] já que a questão que vai ser feita sobre a conduta humana ocorre sob as normas institucionais e apenas sob estímulos que têm implicações institucionais; [...] os fenômenos da vida humana ocorrem apenas como fenômenos da vida de um grupo ou da comunidade: somente sob estímulos devido ao contato com o grupo e apenas sob o controle (habitual) exercido pelos cânones de conduta impostos pelo esquema de vida do grupo. [...] o crescimento e mutações do tecido institucional são o resultado da conduta dos membros individuais do grupo, pois é a partir da experiência dos indivíduos, através dos hábitos dos indivíduos, que surgem as instituições, e é nessa mesma experiência que essas instituições atuam para direcionar e definir os objetivos e fins da conduta. É, naturalmente, sobre os indivíduos que o sistema de instituições impõem os padrões convencionais, ideais, e os cânones de conduta que compõem o esquema de vida comunitária.” (tradução própria).

[...] as instituições em mudança levam por seu turno a uma ulterior seleção de indivíduos dotados de temperamento mais apto e a uma ulterior adaptação do temperamento individual e seus hábitos ao ambiente mutável, mediante a formação de novas instituições (VEBLEN, 1983, p.87).

Veblen vê em Marx um conceito de indivíduo unideterminado, um reflexo apenas de sua da estrutura material e sem espaço para particularidades¹⁷⁷. Contudo, Marx possui diversas passagens em que também vê a ambivalência do sujeito sobre a estrutura e da estrutura sobre o sujeito : “[...] *assim como a sociedade mesma produz o homem enquanto homem, assim ela é produzida por meio dele.*” (MARX, 2004, p. 106, 3 linhas, grifos no original). “[...] *as circunstâncias fazem os homens tanto quanto os homens fazem circunstâncias*”. (MARX; ENGELS, 2001, p.35, grifos acrescentados).

[...] a história das forças produtivas que se desenvolvem e são retomadas por cada geração nova e é também a história do desenvolvimento das forças dos próprios indivíduos (MARX; ENGELS, 2001, p.89).

Marx expõe um sujeito determinado pela estrutura e vê a superestrutura determinada pela estrutura. Em verdade, a totalidade é alicerçada pelo modo de produção, de forma que o sujeito está na estrutura e a estrutura no sujeito. Ainda assim, a própria superestrutura influencia o indivíduo, para além das relações materiais, portanto. Em coerência com a visão de Veblen de que a cultura, a história e o meio fazem parte do indivíduo e da estrutura, conforme destacado na seção 4.1.1. Seção essa que retoma também o ponto das particularidades individuais, presentes nos dois autores. Além das forças estruturais, da história, do meio e das próprias individualidades agirem sobre o indivíduo, ambos os autores veem as ideias agindo sobre o indivíduo e sobre a estrutura, mesmo que Marx seja avesso ao idealismo.

[...] é o que explica igualmente por que razão, quando se trata de pontos singulares, que permitem uma síntese mais geral, a consciência pode parecer às vezes antecipar-se às relações empíricas contemporâneas, tanto que nas lutas de um período posterior é possível apoiar-se em teóricos anteriores como sendo uma autoridade. (MARX; ENGELS, 2001, p. 90)

A situação de hoje modela as instituições de amanhã mediante um processo seletivo e coercitivo, ou envigorando um ponto de vista ou uma atitude mental herdada do passado [...] as instituições – o que vale dizer, os hábitos mentais – sob orientação das quais os homens vivem são, por assim dizer,

¹⁷⁷ Cabe recordar que alguns institucionalistas discordam desse ponto, como Dugger e Sherman (1994)

herdadas de uma época anterior [...] as instituições são o produto de processos passados, adaptados a circunstâncias passadas, e por conseguinte nunca estão de pleno acordo com as exigências do presente. (VEBLEN, 1983, p. 88)

Em sentido semelhante, para ambos o passado, a construção histórica daqueles que existiram, influencia no presente, na conduta individual, nas decisões e na estrutura. O peso do que ocorreu restringe a liberdade do indivíduo e das mudanças históricas à frente. Essa é uma determinação inescapável que limita o presente.

[...] each new situation is a variation of what has gone before it and embodies as causal factors all that has been effected by what went before¹⁷⁸[...] (VEBLEN, 1952, p. 242)

[...] o tipo humano assim selecionado para continuar, e ulteriormente, elaborar as instituições herdadas do passado modelará essas instituições à sua própria semelhança (VEBLEN, 1983, p. 87)

[...] a cada estágio são dados um resultado material, uma soma de forças produtivas, uma relação com a natureza e entre os indivíduos, criados historicamente e *transmitidos a cada geração por aquela que a precede*, uma massa de forças produtivas, de capitais e de circunstâncias, que, por um lado, são bastante modificados pela nova geração, mas que, por outro lado, ditam a ela suas próprias condições de existência e lhe imprimem um determinado desenvolvimento (MARX; ENGELS, 2001, p.35, grifos acrescidos).

[...] [o mundo sensível] é um produto histórico, o resultado da atividade de toda uma série de gerações, sendo que cada uma delas se alça sobre os ombros da precedente [...] (MARX; ENGELS, 2001, p.43).

À medida que o passado influencia e condiciona o presente, as mudanças institucionais/estruturais possuem um efeito defasado do que passou. Os indivíduos, do mesmo modo, podem modificar o presente e o futuro, mas sobre influência defasada de seus antecedentes: “essas instituições assim herdadas, esses hábitos mentais, pontos de vista, atitudes e aptidões mentais, ou seja lá o que for, são, portanto, um elemento conservador, e esse é um fator de inércia social [...]” (VEBLEN, 1983, p. 88).

A principal crítica que Veblen efetua a Marx é a de que ele Marx veria à frente fatalisticamente uma revolução e uma contestação dos trabalhadores às classes mais elevadas. Veblen alega que mudanças desse porte não estão relacionadas à coerência histórica ou destino, mas aos estímulos.

¹⁷⁸ “[...] cada nova situação é uma variação do que aconteceu antes dela e incorpora como fatores causais tudo o que foi afetado pelo que aconteceu antes [...]” (tradução própria).

[...] It is quite impossible on Darwinian ground to foretell whether the "proletariat" will go on to establish the socialistic revolution or turn aside again, and sink their force in the broad sands of patriotism. *It is a question of habit and native propensity and of the range of stimuli to which the proletariat are exposed and are to be exposed, and what may be the outcome is not a matter of logical consistency, but of response to stimulus*¹⁷⁹ (VEBLEN, 1952, p. 441, grifos acrescidos).

Porém, Marx e Engels quando tratam sobre a revolução, sinalizam que é crucial a participação dos indivíduos na revolução e mesmo sua mudança a fim de obterem a liberdade.

A transformação das forças pessoais (relações) em forças materiais causada pela divisão do trabalho não pode ser abolida pelo fator de se extirpar do cérebro essa representação geral, mas sim unicamente se os indivíduos subjugarem de novo essas forças materiais e abolirem a divisão do trabalho. Isso não é possível sem a comunidade. É somente na comunidade [com outros que cada] indivíduo possui os meios de desenvolver suas faculdades em todos os sentidos; é somente na comunidade que a liberdade pessoal é possível (MARX; ENGELS, 2001, p. 92).

A união dos indivíduos é, alegam Marx e Engels, fundamental não apenas para o livre desenvolvimento, mas também para a própria alteração da realidade.

na comunidade real, os indivíduos adquirem sua liberdade simultaneamente com sua associação, graças a essa associação e nela [...] na comunidade dos proletários revolucionários [...] os indivíduos nela participam enquanto indivíduos. E (evidentemente desde que a associação dos indivíduos se faça dentro do quadro das forças produtivas que se supõem agora desenvolvidas) é essa reunião que põe sob seu controle as condições do livre desenvolvimento e movimento dos indivíduos [...] (MARX; ENGELS, 2001, p. 93)

Desse modo, o que é imputado como um determinismo “fatalista” em Marx é, na verdade, o impacto dos determinantes econômicos passíveis de mudança pela atividade humana. Veblen concorda: “as forças que modelam o desenvolvimento da vida humana e da estrutura social são sem dúvida ulteriormente redutíveis a termos de tecido vivo e ambiente material [...]” (VEBLEN, 1983, p. 87). A visão de mudança em Marx é dialética e está em

¹⁷⁹ “[...] É completamente impossível no terreno darwiniano prever se o ‘proletariado’ vai continuar a estabelecer a revolução socialista ou desviar novamente, e afundar a sua força no amplo areal de patriotismo. É uma questão de hábito e propensão nativa e da gama de estímulos a que o proletariado é exposto e deve ser exposto, e o que pode ser o resultado não é uma questão de coerência lógica, mas de resposta a estímulos” (tradução própria).

aberto. Em assim não sendo, não teria sentido a luta ideológica empreendida pelo próprio Marx no intuito de mudar a realidade, bastaria aos trabalhadores aguardar as mudanças determinadas pela história, inexoráveis em Marx, pela visão de Veblen. Mas para Marx esta revolução é incerta, depende das bases necessárias, depende da massa revolucionária e depende das forças produtivas. E mesmo as ideias revolucionárias têm pouca valia sem o indivíduo e sem a estrutura necessária para tal transformação. Recuperando trechos antes citados:

são igualmente essas condições de vida, que as diversas gerações encontram prontas [instituições, para Veblen], que determinam se a comoção revolucionária, produzida periodicamente na história, será suficientemente forte para derrubar as bases de tudo o que existe; os elementos materiais de uma subversão total são, por um lado, as forças produtivas existentes [o que existe, a estrutura] e, por outro, a formação de uma massa revolucionária que faça a revolução [a *práxis*, a revolta do indivíduo] [...] se essas condições não existem [massa revolucionária e formação histórica das forças produtivas], é inteiramente indiferente, para o desenvolvimento prático, que a *idéia* dessa subversão já tenha sido expressada mil vezes... [...] (MARX; ENGELS, 2001, p.37, grifos no original).

A questão de saber se cabe ao pensar humano uma verdade objetiva não é uma questão da teoria, mas sim uma questão *prática*. [...] A controvérsia acerca da realidade ou não realidade do pensar, que está isolado da *práxis*, é uma questão puramente *escolástica* [...] (MARX, ENGELS, 2007, p. 611, grifo no original).

Os filósofos apenas interpretam o mundo diferentemente, importa é *transformá-lo* (MARX, ENGELS, 2007, p. 613, grifo no original).

Veblen assevera que as mudanças sociais preconizadas por Marx deixam sua teoria historicamente datada. No tempo em que as classes trabalhadoras tiverem ganhos, a revolução será mitigada.

There is, for instance, no warrant in the Darwinian scheme of things for *asserting a priori that the class interest of the working class will bring them to take a stand against the propertied class*¹⁸⁰ (VEBLEN, 1952, p. 441, grifos acrescidos).

Entretanto, de acordo com o materialismo histórico, há um conflito aberto de classes pelos interesses materiais e não necessariamente um embate efetivo. Veblen vê no

¹⁸⁰ “[...] Não há, por exemplo, nenhuma garantia no esquema darwiniano para afirmar *a priori* que o interesse da classe trabalhadora vai levá-los a tomar uma posição contra a classe dos proprietários” (tradução própria).

“materialismo” uma explicação de tudo pelo aspecto estrutural e uma luta constante, mas esse não é o materialismo dialético exposto na seção 3.1.

Veblen alega que para Marx o socialismo seria o estado final de bem-aventurança do homem. De fato essa crítica é bastante consistente e destacada anteriormente, a de que Marx coloca no socialismo um estado de bem-aventurança do homem: “[...] a 'realisation' or 'self-realisation of the human spirit or of anything else’”¹⁸¹ (VEBLEN, 1952, p. 416).

Esse ponto é frágil mesmo em Marx. Mas em certo trecho, ele acentua que o comunismo é necessário para a emancipação humana, mas não é o desenvolvimento humano e nem a figura da sociedade humana. Ele destaca o desenvolvimento humano, contudo a implantação do comunismo é uma condição necessária, mas não suficiente:

o comunismo é a posição como negação da negação [R.I.A: nega a propriedade privada e nega a desapropriação da vida?], e por isso o momento *efetivo* necessário da emancipação e da recuperação humanas para o próximo desenvolvimento histórico. O *comunismo* é a figura necessária e o princípio enérgico do futuro próximo, mas o comunismo não é, como tal, o termo do desenvolvimento humano a figura da sociedade humana (MARX, 2004, p. 114).

Ele coloca em tom determinista que haverá melhoria no comunismo, avalizando a crítica de Veblen, mas não vê esse ponto como suficiente. Não basta, pois, apenas uma mudança estrutural, tampouco é suficiente apenas o indivíduo querer mudanças. Necessita-se da estrutura, assim como do indivíduo em transformação.

De um lado, a realidade é um produto dos homens e por eles transformada. De outro, há independência e autonomia da estrutura à medida que ela possui leis próprias de funcionamento e que impõem adaptação do indivíduo, como sub-produto dos acontecimentos históricos. Ao mesmo tempo, a personalidade¹⁸² não é dada, até pelo seu caráter social que é historicamente mutável. Sendo, também, única e irrepetível.

O indivíduo humano possui liberdade de escolha e a evolução histórica é o desenvolvimento da junção de atividades conscientes dos homens e de movimentos históricos-sociais espontâneos. Existe uma individualidade inquestionável, ao mesmo tempo em que não existem indivíduos independentes. Todos dependem uns dos outros na sociedade. O homem contribui para a sociedade, é em parte produto e depende dela: “os homens agem de

¹⁸¹ “[...] "auto-realização do espírito humano ou de qualquer outra coisa” (tradução própria).

¹⁸² Não foi desenvolvida a teoria da personalidade no marxismo. Contudo, a referida teoria não seria contraditória a Marx. É um ponto em aberto o estudo de como o homem pode transformar a base.

forma consciente, a consciência não é uma mônada espiritual independente do mundo objetivo, é, sim, condicionada por tal mundo.” (SCHAFF, 1967, p.159-160)

Nesse sentido, a história subordina o indivíduo, a despeito de sua autonomia relativa. Há liberdade, não plena, mas existem possibilidades de escolha dentre opções, no nível individual. A sociedade não define por completo a conduta e as escolhas do indivíduo. Mesmo em uma escolha condicionada socialmente, há escolha e certa liberdade, tanto em Veblen, quanto em Marx.

A atividade humana é condicionada socialmente, mas não é teleológica no seu todo e tanto em Marx quanto em Veblen há uma fração teleológica do comportamento do homem. Mesmo em Marx a ação humana tem um papel, não ficando totalmente à mercê da história.

Homens efetuam escolhas com base em seus valores. Com base em seus objetivos pessoais, suas idiossincrasias, seus gostos, suas ideias. Sendo os valores formados socialmente também, orientando as escolhas. Há escolhas que estão dentro das possibilidades, como a decisão de atuação profissional, por exemplo, mas elas não são totalmente livres. O indivíduo não pode simplesmente escolher ser capitalista, é preciso meios para tanto. Logo, existem limitações objetivas à liberdade. Ambos autores concordam com isso.

Veblen não discorda que o sistema social, o modo de produção impõe ao indivíduo hábitos, costumes, valores e que tal sistema auxilia a explicar parte do indivíduo. Marx considera que grande parcela dessa determinação está na alienação e na propriedade privada, determinando fortemente o indivíduo, Veblen, concorda. Mas Marx não vê tal determinação como a única e nem inescapável, embora ela seja consistente. Ela não é eterna, é passível de mudança. E essa mudança passa pelos indivíduos e passa pela estrutura, em Veblen e em Marx. Tal proximidade está também na lógica de que eles se valem para explicar a realidade, tema da seção que segue.

4.1.4 Evolucionismo e dialética

Além dos pontos destacados anteriormente, Veblen e Marx possuem ferramentas analíticas que se aproximam em alguns aspectos. A despeito de aparentes distinções, o evolucionismo e a dialética possuem semelhanças. Esta seção trata dessas proximidades, de maneira a costurar as afinidades de seus *approaches*, sem esgotar a análise metodológica¹⁸³.

¹⁸³ Prado (2009), efetua um breve confronto entre as duas lógicas.

Embora Veblen leia no materialismo dialético um objetivo final da história, o qual é conhecido previamente, a concepção de Marx não se afasta tanto de Veblen. Além de Veblen, Hodgson (1997, 1998, 1998a) e outros autores, como Eagell e Townshend (1993) possuem uma perspectiva parcial da dialética, ao ver que ela é uma forma de prever o futuro. Ela é, entretanto, uma lógica para entender a realidade, um método analítico e uma compreensão do movimento histórico em contradição e em transformação. Assim, Marx e Veblen acordam ao entender que a história forma o homem e forma a estrutura. A própria história é um processo de evolução das estruturas sociais. Aqui há elementos do materialismo dialético e do evolucionismo, muito embora a “evolução” em Marx esteja fortemente calcada na tensão entre as relações de produção e as forças produtivas, enquanto Veblen estende para todas as frentes. Mas Marx vê também uma constância evolutiva na sucessão de gerações que muda as circunstâncias passadas¹⁸⁴.

Na mesma linha, nenhum dos autores vê sentido analisar apenas a parte destacada do todo. Veblen é enfático em entender ambos elementos analíticos e as suas conexões. Marx não deixa tão precisa essa sua visão, mas não negligencia a parte: “[...] o materialismo dialético nunca considerou o princípio dogmático de causalidade como expressão única das correlações e das leis objetivas da realidade.” (LUKÁCS, 1967, p 244). Isso porque Marx não separa a estrutura de suas dinâmicas internas; não há na dialética a fragmentação cartesiana (e nem no evolucionismo). A totalidade está expressa no particular. Assim, o indivíduo está na estrutura, está em suas contradições, ele é o ser social, formado pela sociedade e, ainda, forma a sociedade e a estrutura. Veblen não discorda desse processo e o *downward effects* é a formalização da ótica de Veblen, que se aproxima ao processo dialético. Há múltiplas determinações e não há uma totalidade rígida.

A categoria de totalidade significa portanto, de um lado, que a realidade objetiva é um todo coerente em [que] cada elemento está, de uma maneira ou de outra, em relação a cada elemento e, de outro lado, que essas relações formam, na própria realidade objetiva, correlações concretas, conjuntos, unidades ligadas entre si de maneiras completamente diversas, mas sempre determinadas (LUKÁCS, 1967, p. 240).

A realidade concreta é a síntese de múltiplas determinações e isso não é redutível à parte, nem para Veblen, nem para Marx. Por esse motivo eles são avessos à explicação da

¹⁸⁴ Segura e Conceição (2013) afirmam que a história na teoria marxista possui um caráter evolucionário. Sanderson (1988), na mesma linha, entende que a história, em Marx, não determina o futuro.

realidade a partir do indivíduo e também não explicam apenas pela estrutura. Um se implica dentro do outro, para os dois autores. Mais um paralelo existente nos autores é a relativa autonomia da outra esfera, acima dos indivíduos. Nas propriedades emergentes e na dialética as leis estruturais são consideradas.

Veblen critica a “previsibilidade” de Marx e a noção de tendência, à qual o primeiro é absolutamente avesso. Marx de fato formaliza categorias a partir da história vendo lógica e sentido, mas esse caminho não é definitivo. No mundo dialético os eventos sociais levam ao desconhecido; as contradições ditarão as transformações vindouras, em coerência com os possíveis futuros, que estão também abertos ao acaso. Assim, enquanto para Veblen o futuro é incerto e imprevisível, Marx vê sentido histórico, mas não descarta rupturas abruptas. Veblen concorda. O mundo está aberto e em construção sempre, para Veblen e para Marx. Há aqui, contudo, uma distinção nessas lógicas: a lei do movimento, que na dialética se dá pela contradição, no evolucionismo não necessariamente é assim.

Por vezes Marx vê sim no comunismo o grande brindar da humanidade e a solução de todos problemas. Enxerga também essa tendência histórica, mas ela não está garantida. Veblen acusa essa visão de teleológica, e, se o indivíduo precisa agir para a mudança, torna-se mais teleológico, já que age com um fim estabelecido.

Contudo, a “razão suficiente” presente nos indivíduos é a parte teleológica do homem que prevê os acontecimentos e toma decisões baseadas em sua racionalidade e em seus objetivos. “ele [o homem] é um agente que em cada ato procura a realização de um fim concreto, objetivo, impessoal” (VEBLEN, 1983, p. 11). O indivíduo em Veblen também antecipa fatos e relaciona seus fins e seus meios. Há em Marx também essa faceta.

Nenhum dos dois autores, entretanto, acha que as teorias e as concepções serão válidas de maneira universal e eternas. E nem a história levará à “terra prometida” e à “felicidade para todo o sempre”. As transformações nas sócio-estruturas são constantes.

Marx é avesso à teleologia na ciência e deixa sua visão clara em uma citação elogiosa que efetua a Darwin. Nas linhas abaixo, Marx saúda a destruição do determinismo nas ciências naturais:

Darwin's work is most important and suits my purpose in that it provides a basis in natural science for the historical class struggle [...] it is here that, for

the first time, ‘teleology’ in natural science is not only dealt a mortal blow but its rational meaning is empirically explained¹⁸⁵.(MARX, 1922, s/p.).

Em que pese diferenças entre Veblen e Marx, existem notáveis semelhanças. Desde a maneira como olham o indivíduo, até a explicação histórica da estrutura, passando pela forma de produzir ciência e pelos seus olhares sobre o futuro. A seção seguinte se aterá as distinções percebidas nesta pesquisa e a críticas a ambos os autores.

4.2 Pontos de afastamento entre os autores e críticas remanescentes

Este trabalho objetivou acentuar as proximidades entre Veblen e Marx. Entretanto, apesar dos fortes paralelos, os autores possuem várias diferenças de visão. Algumas áreas de desacordo se tornaram nítidas. Até o presente momento, muitas das palavras dos autores foram assumidas acriticamente. Não obstante, esta seção visa marcar as distinções negligenciadas e também apontar os pontos mais frágeis dos dois autores na temática em foco.

4.2.1 Divergências entre os autores

Restam divergências entre os autores estudados. Uma questão a destacar é que a figura individual em Veblen é deveras mais rica do que em Marx. Veblen dedica em sua teoria mais espaço para falar sobre o indivíduo do que Marx. O indivíduo, em Veblen, possui hábitos, rotinas, instintos, conhecimentos adquiridos, capacidades, os quais o guiam e estão em constante mudança. Na mesma linha, embora Marx veja mudança e evolução na estrutura, ela parece mais maleável em Veblen.

O indivíduo em Marx possui um papel distinto e o seu conceito é menos palpável porque ele está mais justaposto à estrutura do que em Veblen. A toda sorte, em Veblen, a cultura está no indivíduo e na causa dos eventos, em Marx, a superestrutura está no indivíduo e na causa de mudanças. Marx sublinha que o indivíduo estaria mais livre no comunismo e

¹⁸⁵ “O trabalho de Darwin é mais importante e se adapta ao meu propósito na medida em que fornece uma base na ciência natural para a luta histórica de classes [...] é aqui que, pela primeira vez, a ‘teleologia’ nas ciências naturais não recebe apenas um golpe mortal, mas seu significado é empiricamente explicado” (tradução própria)

para chegar até lá precisa do indivíduo, o que Veblen aceita, a despeito de seu ceticismo e de suas críticas a Marx.

Veblen critica também a bem aventurança que Marx vislumbra no comunismo e a necessidade de consciência do conflito para haver mudança social. Mas existe a ressalva feita na seção 4.1.3 de que Marx vê o comunismo como algo necessário para a liberdade e desenvolvimento do homem, mas não suficiente.

Veblen discorda, ainda, que haja um sentido histórico, em certa medida, rumo ao socialismo e não acha factível no curto prazo essa transformação, mas crê que para haver igualdade é preciso mudar o sistema. Entretanto, para Veblen o socialismo é tão possível quanto o fascismo e, ainda, ele identifica a classe trabalhadora copiando hábitos das classes mais ricas, o que perpetua a lógica capitalista. Marx, ao contrário, acha possível a ruptura, a consequente alteração e desenvolvimento do indivíduo, mas concorda com as múltiplas possibilidades históricas.

Para Veblen, a ação humana pró-socialismo é teleologismo e afasta Marx da mutação darwiniana, mesmo porque Veblen não vê propósito, sentido ou designo na história e, embora reconheça a evolução, não há uma teoria do progresso; a evolução pode ser um retrocesso, porque caminha em voo cego. Veblen entende que as transformações sociais se dão de forma natural, não sendo elas claras e com fins estabelecidos. Sua aversão ao equilíbrio e à previsão do futuro o faz rejeitar Marx. O autor, então, critica o caminho que ruma à vitória inevitável dos proletários e sua “missão histórica”, que passaria pelo *télos* da ação coletiva. Recrimina, adicionalmente, a vitória redentora por não haver evidências históricas para o socialismo. Cabem, entretanto, questões: como afirmar que não há evidência histórica sem utilizar a história para prever o futuro? O voo não é cego? E por que os indivíduos não poderiam, de maneira agregada, intentar flexionar uma instituição? A ideia da “história absurda” impede haver ação coletiva para mudar a realidade? Não impede, diria Marx. E mudar a história passa pelo indivíduo, passa pela teorização da realidade, passa pela política, passa pela *práxis*, passa pelo Marx militante que almeja o socialismo. Assim, Marx é de fato mais teleológico para a mudança. Há um fim e uma intenção na ação (o socialismo). Veblen critica, mas também não negligencia o teleologismo do homem na razão suficiente. E mesmo que Marx visualize mais lógica e sentido na história, ele não descarta rupturas abruptas, ao contrário. E nem Veblen o faz.

Marx, além de ver mais lógica na história do que Veblen, transparece o seu desejo de mudança. Ele almeja o comunismo, como um desejo piedoso de melhoria das condições

sociais, o que é coerente com sua visão de que não basta pensar o mundo, é preciso mudá-lo. Marx vê a mudança social via conflito de classes e entende que a história é a história do conflito de classes, já Veblen a vê pelo desalinhamento entre as instituições (passadas) e os indivíduos, que acabam transformando-as. Há, novamente, proximidade: a não adequação (ou não resignação) com o presente em ambos os casos, levando à evolução.

Algumas dessas distinções não são excludentes e parecem mais completares do que rivais. Assim, não há superação de um autor por outro, ao contrário, há afinidades e complementos¹⁸⁶. O indivíduo mais rico de Veblen parece mais capaz da mudança estrutural almejada por Marx, por exemplo. De todo modo, existem críticas a ambos os autores que devem ser assinaladas e o serão na seção seguinte.

4.2.2 Observações críticas aos autores

Veblen tece diversas críticas aos autores clássicos e neoclássicos. Porém, determinados aspectos de sua leitura são parcelares. Quando trata do individualismo metodológico, por exemplo, há uma sobreposição de conceitos. Suas críticas nessa seara consideram elementos do utilitarismo e do positivismo no tempo em que se refere ao agente deslocado da realidade cultural, universalmente válido e sem influência histórica.

O individualismo metodológico se vale do indivíduo para explicar os fenômenos sociais. O isolamento da história, da cultura e a leitura de perenidade desse comportamento são heranças do positivismo. Já o comportamento autointeressado e o desejo de maximizar o prazer e minimizar a dor vêm do utilitarismo. Veblen coloca todos esses fatores sob o rótulo de “individualismo metodológico”¹⁸⁷. Seguindo nessa linha, Veblen recrimina o fato de não se considerar outra motivação que não o autointeresse. De fato, tal postulado se assentou na teoria econômica, mas diversos autores ponderam esse postulado e Veblen não contextualiza tais ressalvas (AVILA, 2010).

Um fator a se destacar é que Veblen critica os clássicos e os neoclássicos por não haver estrutura em suas teorias, uma vez que consideram os indivíduos isoladamente. Porém, as relações de mercado, a concorrência entre os produtores, as leis de oferta e de demanda supra-

¹⁸⁶ Emery Kay Hunt é um expoente dessas proximidades. O autor possui um olhar da ciência econômica lastreado em Marx, mas é afeito à ótica de Veblen, às instituições, à mudança com defasagem temporal. Além disso, o autor frisa conciliações entre ambas perspectivas.

¹⁸⁷ Mesmo em obras especializadas de história do pensamento econômico há essa justaposição. A segmentação e a clarificação desses conceitos é melhor trabalhada em Avila (2010).

individuais são elementos da estrutura. Em que pese que para os autores neoclássicos tais propriedades estruturais sejam tão-somente remetidas pelos membros agregados, caberia tal ressalva. Quando Veblen efetua tais críticas, ele se refere à história, à cultura, ao meio e às instituições, que seriam ausentes nesses autores. Em Smith, porém, há muito de instituições e de estrutura¹⁸⁸.

Outro ponto a grifar é que Veblen vê o aparato institucional e o indivíduo, por consequência, como completamente instáveis e imprevisíveis. Veblen entende que a história é absurda, opaca e caminha em *blind drift*¹⁸⁹. Não há uma tendência, nem um rumo inerente, nem mesmo o progresso é garantido (DUGGER, 1988).

*The wants and desires, the end and aim, the ways and means, the amplitude and drift of the individual's conduct are functions of an institutional variable that is of a highly complex and wholly unstable character*¹⁹⁰ (VEBLEN, 1952, p. 242- 243, grifos acrescidos).

Sua posição é para se antagonizar com os neoclássicos que preveem a conduta e os mercados de maneira mecanicista. De todo modo, ao se considerar a história e os caminhos decorrentes, a realidade (e mesmo o indivíduo) não parecem “completamente” instáveis e imprevisíveis. Existem rupturas na evolução da estrutura e na conduta individual, mas os rumos em marcha não podem ser negligenciados. O processo de evolução não é automático. Há télos, há consciência, há vontade, há ação, há luta, há trabalho, há política, há continuidade e caminhos possíveis que a história vai moldando.

Veblen possui uma leitura rasa e pobre sobre Marx. Ele não entendeu o que é a dialética, nem o materialismo histórico. Para Veblen a dialética prevê o futuro e não é, em sua obra, uma concepção para entender a realidade¹⁹¹. Veblen entende que pelo o materialismo histórico a vida do indivíduo é um reflexo dos meios materiais, os quais controlam sua vida. Mas o materialismo histórico não é isso, é explicar a realidade a partir da história.

Cumprе ressalvar também que mesmo que a concepção de indivíduo em Veblen seja mais rica e complexa, não existe muita clareza em “como” se dá a mudança que passa pelo

¹⁸⁸ Em Avila (2010) também se discute com maior profundidade a concepção de Smith.

¹⁸⁹ Este conceito de voo cego da história se origina na aversão que Veblen possui ao equilíbrio e à tendência de equilíbrio benevolente dos clássicos (DUGGER, 1988).

¹⁹⁰ “As necessidades e desejos, o fim e o objetivo, as formas e meios, a amplitude e desvio de conduta do indivíduo são funções de uma variável institucional que é de caráter altamente complexa e completamente instável” (tradução própria)

¹⁹¹ Ponto esse que Hunt (1979) levanta.

indivíduo. Em sua teoria, e mesmo na fronteira da pesquisa sequencial, esse processo está fluido ainda. Em Marx há mais consistência nessa mudança e ela passa pela *práxis*.

Marx tem divergências internas importantes. Na Ideologia Alemã ele possui um tom irônico, desprezando o idealismo e o moralismo, mas nos Manuscritos Econômico-Filosóficos ele traz traços humanistas. Em diversas passagens destacadas neste trabalho ele assevera sobre a mudança do homem, critica o autointeresse capitalista, possui preocupações normativas com o excesso de trabalho, condena a situação dos trabalhadores, dentre outras preocupações morais e normativas. Adicionalmente, a despeito de sua aversão à construção da realidade no mundo das ideias, ele mesmo faz isso.

Em Marx, a transição para o socialismo possui uma precariedade institucional latente. Ele não dedicou muitas linhas sobre esse processo; Marx prefere deixar a história dizer como seria. Mas como saber se haveria “fim” da alienação¹⁹²? Não parece ser algo factível. Abolir a propriedade privada não altera a consciência dos homens. Implantar o comunismo não basta para se ter o “novo homem”. Marx passa a ideia de automatismo, embora ressalte em alguns trechos que não é automático. Ele mesmo vai usando menos o termo “alienado” ao longo de sua obra porque na alienação se supõe uma superação à frente. De todo modo, o comunismo aparece como a “grande redenção”, a “terra prometida”, a solução dos problemas, um fim último e chegar lá aparece como um “desejo piedoso”. Uma visão um tanto simplista para a solução de vários problemas conjuntamente.

As contradições sobre a mudança do indivíduo existem. Porém, como é o processo de conscientização? A transformação do modo de produção garante a mudança no nível individual? Como ocorreria a mudança no indivíduo? E na estrutura? A estrutura vai se modelando e captando alterações no indivíduo ou o contrário? Veblen dedica mais tempo a tais causalidades. O modelo de Marx estrutura/superestrutura é de fato pobre de “indivíduo”.

A análise da relação estrutura-sujeito em Veblen e em Marx traz muitas proximidades, mas também afastamentos e falhas em ambos os trabalhos. Entretanto, nessas falhas existem complementariedades. O futuro está em aberto, mas não parece absolutamente imprevisível, há tendências históricas, as instituições vão absorvendo e se transformando. A realidade também não é tão inflexível, há maleabilidade constante: “a mudança de padrões e pontos de vista é todavia gradual; ela raramente resulta na subversão ou total supressão de um ponto de

¹⁹² Mesmo o socialista humanista Schaff (1967) é crítico a desalienação. Sempre há determinismos sobre os indivíduos e nunca há liberdade plena. O socialismo humanista possui maior preocupação com o aspecto do homem, com a alienação e com o desenvolvimento de suas liberdades. Quando está em foco a melhoria da condição humana e de sua felicidade.

vista aceito no passado” (VEBLEN, 1983, p. 8). O indivíduo é rico, repleto de determinações e capaz de alterar seu mundo. E existem meios de mudança, por meio da *práxis*. Com falhas e pontos fortes, a constatação efetiva é a de que o entrelaçamento entre esses dois autores traz ganhos para ambos corpos teóricos e para a ciência econômica.

5 CONCLUSÃO

O presente trabalho objetivou investigar as proximidades e afastamentos nas análises de Veblen e de Marx acerca das relações de causalidade entre a estrutura e o sujeito. Esta inquietação se motiva nas críticas efetuadas por Veblen, e outros autores que se identificam a ele, ao entenderem que em Marx o sujeito é tão-somente determinado pela estrutura, que é teleológico ao prever o futuro e que em sua teoria não há espaço para o indivíduo.

Para desenvolver essa questão, foi abordada a concepção de indivíduo, de instituições e suas relações de causalidade na ótica de Veblen, as quais partem da crítica aos autores clássicos e neoclássicos. Assim, necessária foi a apresentação do olhar crítico de Veblen a esses autores. Após a exposição desses conceitos, foi apresentada a maneira como Veblen enxerga as relações de causalidade entre as instituições e os indivíduos de maneira multicausal, um influenciando o outro e ambos em constante processo de mudança e adaptação. Por fim, as críticas que Veblen faz a Marx foram apresentadas.

No intuito de contextualizar a crítica a Marx, foram redesenhadas as origens da leitura do Marx determinista em sua própria obra, a partir de seu arcabouço do materialismo histórico dialético, no qual o sujeito é condicionado pelas relações produtivas, em uma conjunção de propriedade privada e alienação. O rótulo de Marx tem também origem na explicação da formação social através do passado no intento de contradizer o idealismo e demonstrar a importância da história para se entender a realidade. A desconstrução da referida leitura se dá pelas passagens dispersas de Marx em que ele reconhece o indivíduo, que é sim condicionado pela estrutura, mas que é capaz de mudar essa estrutura. Adicionalmente, foi desconstruída a visão de rumos históricos teleológicos a partir de passagens do próprio Marx em que ele deixa o futuro em aberto.

Esses pontos foram discutidos lado a lado na sequência, de maneira a identificar as proximidades dos autores seja no conceito de indivíduo, seja na participação dele para a mudança estrutural, seja nas relações de causalidade múltiplas entre o indivíduo e a estrutura. Foi, ainda, efetuado um breve paralelo entre os arcabouços metodológicos dos autores, o evolucionismo e a dialética. As distinções entre eles e críticas aos seus modelos não deixaram de ser apontadas.

Diante de tudo posto, semelhanças entre os dois autores sobre a relação de causalidade entre o indivíduo e a sociedade saltam aos olhos. Ainda que o indivíduo seja influenciado pela história, pelas relações sociais, pela estrutura, pelas instituições, é, ao mesmo tempo, passível

de alterar suas concepções, seus hábitos. Há no indivíduo história e cultura histórica e são elas, ao mesmo tempo, fatores que causam mudanças no indivíduo e na estrutura. A realidade concreta é a síntese de múltiplas determinações não redutíveis às partes, tanto em Marx, quanto em Veblen. Logo, o homem é determinado socialmente e construído pela formação histórica e, como tal, tem capacidade de alterar a realidade, sendo ele também mutável. Essa perspectiva é coerente com os dois autores. Em Veblen, as instituições dão forma a toda organização social, desde as relações econômicas até as demais relações, o que, em Marx, seria a estrutura e a superestrutura. Veblen sugere que o comportamento humano não é formado por uma natureza hedonística inata, mas por instintos e hábitos, que mudam seletivamente na evolução do processo social de desenvolvimento. Os indivíduos são formados pelas instituições e também as formam. Marx, em confluência, não descarta o papel do indivíduo na formação histórica e na construção da realidade social, visualizando também uma evolução constante, à medida que as gerações presentes alteram as circunstâncias passadas. Nos dois autores são também localizáveis leis próprias em esferas superiores aos indivíduos, mas que também são influenciadas e formadas por eles.

Esteve também, em pano de fundo, ao longo da tese a “questão do indivíduo”. O indivíduo é visto como intrinsecamente egoísta pela teoria convencional, ponto que ambos autores discordam. Marx visualiza um comando que escapa ao poder do indivíduo empurrando ele para o autointeresse e Veblen concorda, enxergando que as relações capitalistas fortificam os instintos predatórios. Os dois autores acordam também que, ao se pensar outra formação social, mais coletiva, o interesse do indivíduo (consciente/construtivo) deve confluir ao interesse coletivo. A despeito das críticas, é com este indivíduo total que Marx conta no comunismo. Veblen concorda: os instintos construtivos devem estar aflorados para se pensar um arranjo social coletivista e vê justamente nisso a barreira a tal transformação.

Em Marx e em Veblen não basta o indivíduo total e construtivo. Para Marx, mudar o indivíduo para esse mudar o mundo é idealismo. As circunstâncias estruturais devem evoluir conjuntamente. Veblen não teoriza para ver o futuro em progresso, Marx é mais incisivo e almeja mudança; desenvolvimento da sociedade e do homem. Esse ponto ficou no pano de fundo de toda a tese e não foi devidamente esgotado por abrir frente a outra tese. Há um espaço vasto de pesquisa aqui.

De toda sorte, os valores e os hábitos humanos que conformam as relações sociais podem ser alterados partindo do indivíduo consciente, partindo da restrição institucional ou

em um duplo sentido de causação. Nesse particular, apenas tem sentido analisar a relação todo-indivíduo de maneira mutuamente interativa e multi-causal, considerando a determinação e a influência do elemento individual, em ambos corpos teóricos.

Em tal análise restam os afastamentos e falhas em ambos os trabalhos. Entretanto, nessas falhas existe complementariedade. A história limita o presente e a conduta, mas existe mudança potencial, o futuro está em aberto; não parece, entretanto, absolutamente imprevisível, já que há tendências históricas. A realidade também não é tão inflexível, há maleabilidade constante. As instituições são construídas pelas gerações passadas e quando há inadequação dos indivíduos presentes ao passado, há evolução institucional. Marx concorda ao expor que a sucessão de gerações modifica as circunstâncias antigas.

O indivíduo é rico, repleto de determinações, de hábitos, valores, costumes. Marx vê grande parcela dessas determinações na estrutura social a qual o condiciona, Veblen concorda. Mas há nos homens também liberdades e possibilidades de escolhas. Mesmo nos valores e hábitos formados socialmente, há possibilidades idiossincráticas. O tom teleológico de Marx está no ponto em que ele quer a mudança e o “Marx militante” despeja tintas nesse intento. Veblen critica, pois não há garantia de progresso na evolução, o voo é cego. Entretanto, ambos concordam que o indivíduo é capaz de alterar a realidade. E existem meios de mudança, por meio da *práxis*. Veblen afirma que não há garantia de sucesso num intento militante. Marx concorda, mas um rumo “absurdo” (indeterminado) da história não impede a ação para mudá-la; os atos podem ser intencionais sem o resultado certo, para os dois autores. E há complementariedade aqui: embora os homens façam história para Marx, a explicação de como eles a fazem parece estar nas instituições, as transformando e, por consequência, alterando a realidade e o próprio indivíduo. Para Marx o ponto do indivíduo é a participação efetiva (política) e essa parece ser mais concreta do que a rica, mas fluida, conformação de hábitos e valores.

Em assim sendo, não há superação de um autor por outro, ao contrário, eles se enriquecem juntos. Para além de sistematizar, de clarificar conceitos dispersos e de um estudo com fim acadêmico, esta pauta abre diversos caminhos para se discutir como o indivíduo altera a estrutura e também os limites do indivíduo frente à estrutura. Há espaço para pesquisar o rumo do indivíduo (no agir) e as mudanças que ocorrem nele (valores, hábitos, rotinas) à medida que as instituições/estruturas se mobilizam. Há também que pesquisar o indivíduo que é coerente (ou não) com as instituições existentes e com as instituições (ou com a estrutura social) eventualmente vindouras. Com falhas e pontos fortes, a constatação efetiva

é a de que o entrelaçamento entre esses dois autores traz ganhos para ambos corpos teóricos, para a ciência econômica e para se pensar a sociedade.

REFERÊNCIAS

- ANDERSON, Perry. Estrutura e sujeito. In: ANDERSON, Perry. *A crise do marxismo*. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1985, p. 37-64
- ANTUNES, Jair. Marx e Engels e a origem do etapismo na teoria da história marxista. In: COLÓQUIO INTERNACIONAL MARX-ENGELS, 4, 2005, Campinas. Disponível em <http://www.unicamp.br/cemarx/ANAIS%20IV%20COLOQUIO/comunica%E7%F5es/GT2/gt2m5c7.pdf>. Acesso em 25 abr. 2013.
- AUGUSTO, André Guimarães. Teoria da ação na escola neoclássica: uma resenha crítica. In: ENCONTRO DA SOCIEDADE DE ECONOMIA POLÍTICA, 14, 2009, São Paulo. Disponível em: http://www.sep.org.br/pt/artigo_list.php?id=4. Acesso em: 08 jun. 2009.
- AVILA, Róber Iturriet. *Do homem smithiano ao homo economicus: egoísmo e dissolução da moral*. 2010. Dissertação de Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Economia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.
- BARBOSA, Bárbara Barros; COMIM, Flávio Vasconcellos. O debate Institucionalista e a inserção da moralidade. In: XL ENCONTRO NACIONAL DE ECONOMIA, 2012, Porto de Galinhas. Anais do XL Encontro Nacional de Economia, 2012. P. 1-16.
- BIANCHI, Ana Maria. *A Pré-história da economia – de Maquiavel a Adam Smith*. São Paulo: Hucitec, 1988.
- BIANCHI, Ana Maria. A pré-história do pensamento econômico. In: BIANCHI, Ana Maria (org). *Questões de Método na Ciência Econômica*. São Paulo: USP, 1986, p. 1-31.
- BIANCHI, Ana Maria; SANTOS, Antonio Tiago Loureiro Araújo dos. Adam Smith: filósofo e economista. *Cadernos IHU ideias*, São Leopoldo, n.35, p. 1-14, jul. 2005. Disponível em <http://www.ihu.unisinos.br/index.php?option=com_publicacoes&Itemid=20&task=categorias&id=4>. Acesso em: 28 jul. 2009.
- BIANCHI, Ana Maria; SANTOS, Antonio Tiago Loureiro Araújo dos. Além do Cânon: Mão Invisível, Ordem Natural e Instituições. *Revista de Estudos Econômicos*, São Paulo, v. 37, n. 3, p. 635-662, jul-set. 2007.
- BRAUDEL, Fernard.. *Civilização material, economia e capitalismo: séculos XV-XVIII*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- BLAUG, Mark. *A Metodologia da Economia: ou como os economistas explicam*. Lisboa: Grávida, 1994.
- CAMPREGHER, Gláucia Angélica. Desdobramentos lógicos-históricos da ontologia do trabalho em Marx. Dissertação de Mestrado – Instituto de Economia, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1993.
- CERQUEIRA, Hugo Eduardo Araújo da Gama. Adam Smith e seu contexto: o Iluminismo escocês. *Economia e Sociedade*, Campinas, v. 26, p. 1-28, 2006.

COMMONS, John Rogers. *Institutional Economics*. Madison: University of Wisconsin Press, 1934

CONCEIÇÃO, Octavio Augusto Camargo. *Instituições, crescimento e mudança na ótica institucionalista*. Porto Alegre: FEE, 2002.

CONCEIÇÃO, Octávio Augusto Camargo. O conceito de instituição nas modernas abordagens institucionalistas. *Revista de Economia Contemporânea*, Rio de Janeiro, v. 6, n. 2, p. 119-146, 2002a.

CONCEIÇÃO, Octavio Augusto Camargo. Os antigos, os novos e os neo-institucionalistas : há convergência teórica no pensamento institucionalista? *Análise econômica*. Porto Alegre v. 19, n. 36, p. 25-45, set. 2001.

CONCEIÇÃO, Octávio Augusto Camargo; BARCELLOS, Olinda. O comportamento humano no pensamento institucionalista – uma breve discussão. *Encontro Regional de Economia - Anpec Sul*, 13, 2010, Porto Alegre. Anais do XIII Encontro Regional de Economia - Anpec Sul 2010. Porto Alegre : UFRGS, 2010, p. 1-23. Disponível em: <http://www.ppge.ufrgs.br/anpecsul2010/programacao.asp>. Acesso em 1 ago 2010.

CORAZZA, Gentil. O caminho de volta do abstrato ao concreto – uma introdução ao método da economia política. In: CORAZZA, Gentil (org). *Métodos da Ciência Econômica*. Porto Alegre: UFRGS, 2003, p.43-60.

CORAZZA, Gentil. O todo e as partes: uma introdução ao método da Economia Política, *Estudos Econômicos*, São Paulo,. v.26, edição especial, p. 35-50, 1996.

COSTA, Ana Maria Catelli Infantosi da. A Economia: uma ciência sem fronteiras. In: BIANCHI, Ana Maria (org). *Questões de Método na Ciência Econômica*. São Paulo: USP, 1986, p. 32-51.

DEQUECH FILHO, David. Economic institutions: explanations for conformity and room for deviation. In: XL ENCONTRO NACIONAL DE ECONOMIA, 2012, Porto de Galinhas. Anais do XL Encontro Nacional de Economia, 2012. P. 1-20.

DEMO, Pedro. *Sociologia – Uma Introdução Crítica*. São Paulo: Atlas, 1985.

DUGGER, William M. Radical institutionalism: basic concepts. *Review of Radical Political Economics*, v. 20, n. 1, mar., p. 1-20, 1988.

DUGGER, William M., SHERMAN, Howard J. Comparison of Marxism and institutionalism. *Journal of Economics Issues*, Armonk, v. 28, n. 1, mar., p. 101-127, 1994.

DUGGER, William M., SHERMAN, Howard J.. Institutionalism and Marxist theories of evolution. *Journal of Economics Issues*, Armonk, v. 31, n. 4, dez, p. 991-1009, 1997.

EAGLETON, Terry. *Marx e a liberdade*. São Paulo: UNESP, 2000.

EAGLETON, Terry. *Marx estava certo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

EDGELL, Stephen; TOWNSHEND, Jules. Marx and Veblen on human nature, history, and capitalism: vive la différence! *Journal of Economics Issues*, Armonk, v. 27, n. 3, set, p. 721-739, 1993.

FARIA, Luiz Augusto Estrella. A economia política, seu método e a teoria da regulação. *Ensaio FEE*, Porto Alegre, v. 13, n. 1, p. 325-352, 1992.

FARIA, Luiz Augusto Estrella. Olhares sobre o capitalismo: estruturas, instituições e indivíduos na economia política. *Ensaio FEE*, Porto Alegre, v. 28, n. 2, p. 325-352, out, 2007.

FAUSTO, Ruy. *A esquerda difícil: em torno do paradigma e do destino das revoluções do século XX e alguns outros temas*. São Paulo: Perspectiva, 2007.

FAUSTO, Ruy. *Marx – Lógica e política – Tomo I*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

FAUSTO, Ruy. *Marx – Lógica e política – Tomo II*. São Paulo: Brasiliense, 1987.

FONSECA, Pedro Cezar Dutra. O método em economia: uma perspectiva histórica. In: REGO, José Márcio (org). *Revisão da Crise; metodologia e retórica na história do pensamento econômico*. São Paulo: Bienal, 1991, p. 65-88.

GANEM, Ângela. Adam Smith e a explicação do mercado como ordem social: uma abordagem histórico-filosófica. *Revista de Economia Contemporânea*, Rio de Janeiro, v. 4, n. 2, p. 9-36, jul-dez, 2000.

GANEM, Ângela. Teoria neoclássica: a face econômica da razão positiva. In: CORAZZA, Gentil (org). *Métodos da Ciência Econômica*. Porto Alegre: UFRGS, 2003, p.117-132.

GARAUDY, Roger. *Karl Marx*. Rio de Janeiro: Zahar, 1964.

GERMER, Claus Magno. A relação abstrato/concreto no método da economia política. In: CORAZZA, Gentil (org). *Métodos da Ciência Econômica*. Porto Alegre: UFRGS, 2003, p. 61-92.

HAYEK, Friedrich August von. *Individualismo: verdadero y falso*. Buenos Aires: Centro de Estudios sobre la Libertad, 1968. Disponível em: <<http://www.hayek.org.ar/new/images/fotos/articulos/Individualismo.pdf>>. Acesso em: 18 abr. 2009.

HERSCOVICI, Alain. Irreversibilidades, incerteza e teoria econômica – reflexões a respeito do indeterminismo metodológico e suas aplicações na ciência econômica. *Estudos Econômicos*, São Paulo, v. 34, n.4, p. 805-825, out-dez, 2004.

HIRSCHMAN, Albert. *As paixões e os interesses: argumentos a favor do capitalismo antes do seu triunfo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

HODGSON, Geoffrey. *Downward causation – some second thoughts*. 2011. Disponível em: <http://www.geoffrey-hodgson.info/downward-causation.htm>. Acesso em 05 abr. 2013.

HODGSON, Geoffrey M. From Micro to Macro: The concept of Emergence and the Role of Institutions. *International seminar "Institutions and Economic Development: Towards a Comparative Perspective on State Reform*. UFRJ. Rio de Janeiro, Brazil, 12-14, november, 1997.

HODGSON, Geoffrey. Institutions and Individuals: Interaction and Evolution. *Organization Studies*, Thousand Oaks, v. 28, n. 1, jan., p. 95-116, 2007. Disponível em <http://www.geoffrey-hodgson.info/user/image/instindiv.pdf>. Acesso em 19 jan, 2012.

HODGSON, Geoffrey M. On the evolution of Thorstein Veblen's evolutionary, v.22, p.415-431, 1998.

HODGSON, Geoffrey M. The Approach of Institutional Economics. *Journal of Economic Literature*. v.36, p.166-192, mar.,1998a.

HODGSON, Geoffrey. The Hidden Persuaders: institutions and choice in economic theory. Seminário . *Cambridge Journal of Economics*, Cambridge, v. 27, n. 2, p. 159-175, mar., 2003. Disponível em: <https://uhra.herts.ac.uk/dspace/bitstream/2299/673/1/900721.pdf> Acesso em 19 jan. 2012.

HODGSON, Geoffrey M. Thorstein Veblen and post-Darwinian economics. *Journal of Economic Literature*. v.16, p.285-301,1992.

HOFMANN, Ruth; PELAEZ, Victor. A psicologia econômica como resposta ao individualismo metodológico. *Encontro Regional de Economia - Anpec Sul*, 11, 2008, Curitiba. Anais do XI Encontro Regional de Economia - Anpec Sul 2008. Curitiba : UFPR, 2008, p. 1-19. Disponível em: http://www.economiaetecnologia.ufpr.br/XI_ANPEC-Sul. Acesso em 8 set 2008

HUNT, Emery Kay. *História do pensamento econômico*. 3.ed. Rio de Janeiro: Campus, 1985.

HUNT, Emery Kay. The importance of Thorstein Veblen for contemporary Marxism. *Journal of Economics Issues*, Armonk, vol 13, n. 1, p. 113-140, 1979.

KEYNES, John Neville. *The scope and method of political economy*.4. ed. New York: Kelley & Millman, 1955.

LUKÁCS, Georg. *Existencialismo ou marxismo*. São Paulo: Senzala, 1967.

LUZ, Manuel Ramon Souza; FRACALANZA, Paulo Sérgio. Teleologia, Darwinismo e Economia Evolucionária: a controvérsia acerca do papel da seleção natural no comportamento da firma. *Análise Econômica*, Porto Alegre, n. 55, p. 123-154, 2011.

MÁRKUS, György. *Teoria do conhecimento no jovem Marx*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1974.

MARX, Karl. *A sagrada família ou crítica da crítica crítica contra Bruno Bauer e seus seguidores*. São Paulo : Moraes, 1987.

MARX, Karl. *Elementos fundamentais para Ia crítica de Ia economia política* (Grundrisse). 10. Ed. Mexico: Siglo XXI, c1978, v. 1.

MARX, Karl. Glosas críticas marginais ao artigo "O rei da Prússia e a reforma social". De um prussiano. *Germinal: Marxismo e Educação em Debate*. Londrina, n.1, p. 142-155, fev. 2011. Disponível em <www.uel.br/revistas/uel/index.php/germinal/article/download/8764/7317>. Acesso em: 29 jul. 2011.

MARX, Karl. *Letter from Marx to Editor of the Otecestvenniye Zapisky: notes on the fatherlan*. Tradução Donna Torr. [New York]: International Publishers, 1968. Escrito originalmente em francês, no final de novembro de 1877 com base na fonte Marx and Engels Correspondence. Disponível em: <<http://www.marxists.org/archive/marx/works/1877/11/russia.htm>>. Acesso em: 22 fev. 2013.

MARX, Karl. *Manuscritos econômicos-filosóficos*. São Paulo: Boitempo, 2004.

MARX, Karl. Marx to Ferdinand Lassalle in Berlin. Tradução Donna Torr. [Stuttgart]: MECW, 1922. com base na fonte Marx and Engels Correspondence. Disponível em: <http://www.marxists.org/archive/marx/works/1861/letters/61_01_16.htm>. Acesso em: 14 mar. 2013.

MARX, Karl. *O 18 brumário e cartas a kugelman*. 5.ed. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1978a.

MARX, Karl. *O Capital: crítica da economia política*. 26. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, c2008, v.1.

MARX, Karl. *O Capital: crítica da economia política*. 26. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, c2008a, v.2.

MARX, Karl. *O Capital: crítica da economia política*. São Paulo: Abril Cultural, 1984. v.1, t.2.

MARX, Karl. *Para a crítica da economia política; salário, preço e lucro ; O rendimento e suas fontes : a economia vulgar*. São Paulo : Abril Cultural, 1982.

MARX, Karl; ENGELS Friedrich. *A ideologia alemã: crítica da novíssima filosofia alemã em seus representantes Feuerbach, B. Bauer e Stirner, e do socialismo alemão em seus diferentes profetas*. Rio de Janeiro : Civilização Brasileira, 2007.

MARX, Karl; ENGELS Friedrich. *A ideologia alemã*. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

MILL, John Stuart. *A lógica das ciências morais*. São Paulo: Iluminuras, 1999.

MILL, John Stuart. Da definição de economia política e do método de investigação próprio a ela. In: *Bentham, Stuart Mill* (Coleção os pensadores). São Paulo: Abril Cultural, 1974, p. 291-315.

MONASTÉRIO, Leonardo Monteiro. A economia institucional-evolucionaria de Thorstein Veblen. Dissertação de Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Economia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1995.

MONASTÉRIO, Leonardo Monteiro. Veblen e o comportamento humano: uma avaliação após um século de “A teoria da classe ociosa”. *Cadernos IHU idéias*, São Leopoldo, n.42, p.1-14, 2005.

MONTEIRO, Sérgio Marley Modesto. Metodologia da economia e filosofia da ciência. In: CORAZZA, Gentil (org). *Métodos da Ciência Econômica*. Porto Alegre: UFRGS, 2003, p. 207-227.

NORTH, Douglass. *Intitutions, Institutional Change and Economic Performance*. Cambridge: Cambridge University Press, 1995.

PAULA, João Antônio de. Determinismo e indeterminismo em Marx. *Revista Brasileira de Economia*, Rio de Janeiro, v. 48, p. 189-202, 1994.

PAULANI, Leda Maria. Economia e Retórica: o capítulo brasileiro. *Revista de Economia Política*, São Paulo, v. 26, n. 1, p. 3-22, 2006.

PAULANI, Leda Maria. Hayek e o individualismo no discurso econômico. *Lua Nova*, São Paulo, v. 38, p. 97-124, 1996.

PAULANI, Leda Maria. Individualismo metodológico e individualismo ontológico no discurso econômico. In: *Encontro Nacional de Economia - ANPEC*, 23, 1995, Salvador, Anais do XXIII Encontro Nacional de Economia, Salvador: ANPEC, 1995, v.2, p. 120-140.

PAULANI, Leda Maria. John Stuart Mill, o homem econômico e o individualismo metodológico. In: *Encontro Nacional de Economia da ANPEC*, 26I, 1998, Vitória. Anais do XXVI Encontro Nacional de Economia, Vitória: ANPEC, 1998, v.1, p. 99-120.

PAULANI, Leda Maria. *Modernidade e discurso econômico*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2005.

PAULANI, Leda Maria. Neoliberalismo e individualismo. *Economia e Sociedade*, São Paulo, v. 13, 1999.

PRADO, Eleutério Fernando da Silva. A questão da comparação das teorias em “economia”. In: CORAZZA, Gentil (org). *Métodos da Ciência Econômica*. Porto Alegre: UFRGS, 2003, p. 189-205.

PRADO, Eleutério Fernando da Silva. *Economia como ciência*. São Paulo: IPE/USP, 1991.

PRADO, Eleutério Fernando da Silva. *Economia complexidade e dialética*. São Paulo: Plêiade, 2009.

PRADO, Eleutério Fernando da Silva. Microeconomia reducionista e microeconomia sistêmica. *Nova Economia*, Belo Horizonte, v. 16, p. 303-322, 2006.

PRADO, Eleutério Fernando da Silva. Sociabilidade, teoria econômica e a existência da moeda In: *Encontro Nacional de Economia da ANPEC, 26I*, 1998, Vitória. Anais do XXVI Encontro Nacional de Economia, Vitória: ANPEC, 1998, v.1, p. 243-264.

PRADO, Eleutério Fernando da Silva. Stuart Mill e o Homem econômico ir-racional. In:BIANCHI, Ana Maria (org). *Questões de Método na Ciência Econômica*. São Paulo: USP, 1986, p. 53-69.

QUINTANA, André Marzulo. *A filosofia moral e a economia política de Adam Smith: a simpatia e o interesse próprio*. 2001. Dissertação de Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Economia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2001

RAMOS, Jose Maria Rodriguez. *Lionel Robbins* : contribuição para a metodologia da economia. São Paulo: EDUSP, 1993

ROSDOLSKY, Roman. *Gênese e estrutura de O Capital de Karl Marx*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2002.

RUTHERFORD, Malcolm. Veblen's Evolutionary Programme: a promise unfulfilled. *Cambridge Journal os Economics*, Armonk, v.22, p.463-477, 1998.

SANDERSON, Stephen Knockout. The evolutionary theories of Marx and Engels. *Working paper series*, n. 38, Institute of social studies, p.1-32, 1988.

SEGURA, Leonardo; CONCEIÇÃO, Octávio Augusto Camargo . Um Estudo Comparativo sobre as Teorias da História de Marx e de Veblen: uma aproximação evolucionária, 18, 2013, Belo Horizonte. Disponível em : <http://www.sep.org.br/congresso/artigosaprovados>. Acesso em 25 abr. 2013.

SCHAFF, Adam. *O marxismo e o indivíduo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967.

SCHUMPETER, Joseph. *Fundamentos do pensamento econômico*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1968.

SCHUMPETER, Joseph. *História da análise econômica*. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, c1964. v.2.

SCHUMPETER, Joseph. *História da análise econômica*. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, c1964a. v.3.

SMITH, Adam. *A Riqueza das Nações* – Investigação Sobre sua Natureza e suas Causas. São Paulo: Nova Cultural, c1996. v.1.

STANFIELD, James. The Scope, method and significance of Original Institutional Economics. *Journal of Economics Issues*, Armonk, XXXIII, n. 2, p.231-255, 1999.

TEIXEIRA, Rodrigo Alves. Positivismo, historicismo e dialética da metodologia da economia. 2003. Dissertação de Mestrado – Instituto de Pesquisas Econômicas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.

TORRES, Adelino. A economia como ciência social e moral (algumas observações sobre as raízes do pensamento económico neoclássico: Adam Smith ou Mandeville?). *Episteme – Revista Multidisciplinar da Universidade Técnica de Lisboa, Lisboa*, n.2, p. 95-122, jun.-jul.,1998.

VALENTIN, Agnaldo. A economia positiva: considerações sobre o núcleo rígido do programa de pesquisa neoclássico. In: CORAZZA, Gentil (org). *Métodos da Ciência Econômica*. Porto Alegre: UFRGS, 2003, p.133-152.

VARGAS, Márcio Souza de. *Ensaio em teoria microeconômica: livre arbítrio, autocontrole e responsabilidade moral*. 2006. Dissertação de Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Economia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

VEBLEN, Thorstein. *A teoria da classe ociosa: um estudo econômico das instituições*. São Paulo : Abril Cultural, 1983.

VEBLEN, Thorstein *Absentee ownership and business enterprise in recent times: the case of America*. Inclui uma introdução de LEKACHMAN, R. Boston: Beacon Press, reimp. 1967.

VEBLEN, Thorstein. *Teoria da empresa* . Porto Alegre: Globo, 1966.

VEBLEN, Thorstein. *The instinct of workmanship and the state of industrial arts*. New York: Viking Press, reimp. 1937.

VEBLEN, Thorstein. *The place of science in modern civilisation and other essays*. New York: Viking, 1952.